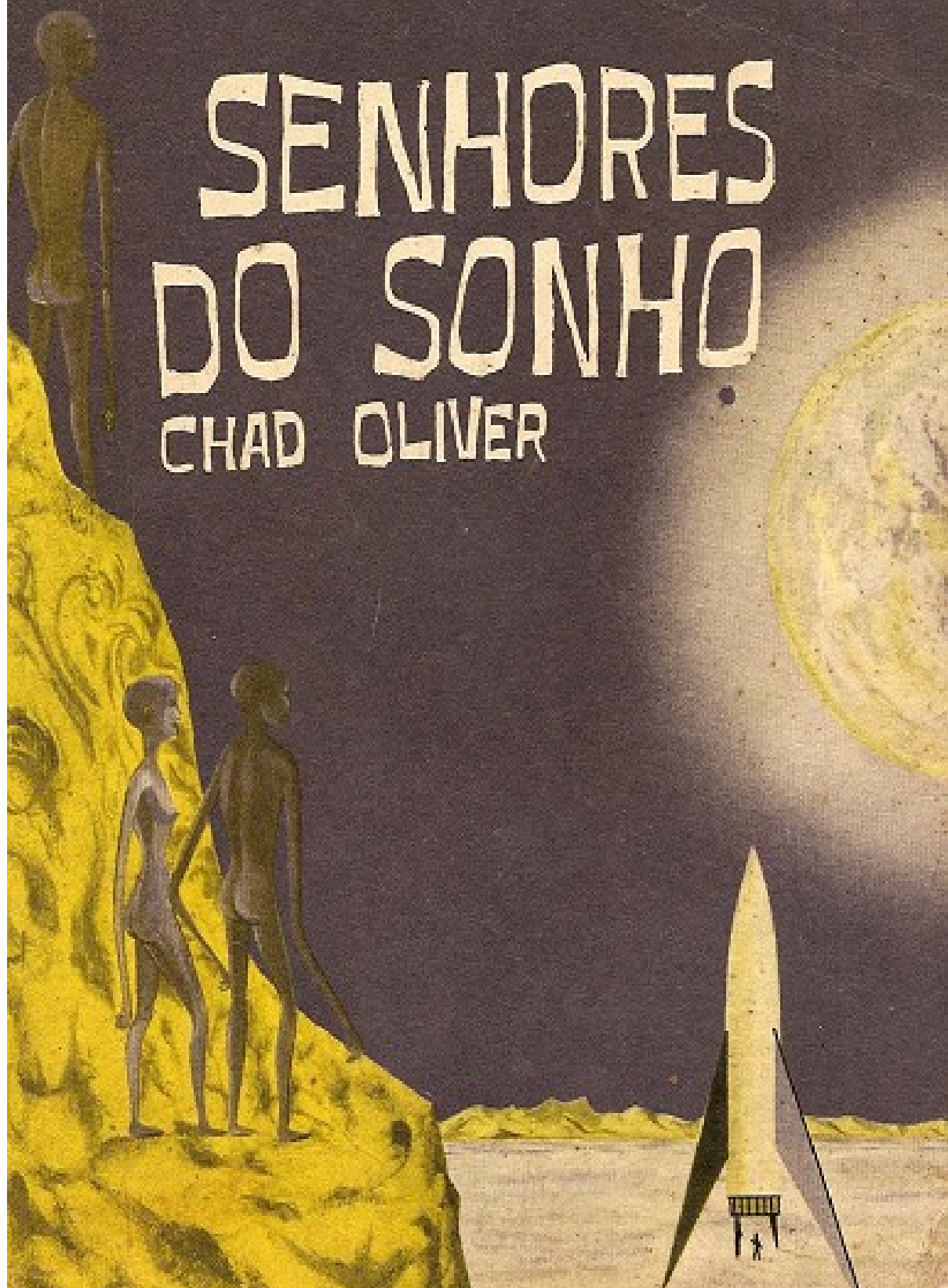


FICÇÃO CIENTÍFICA

SENHORES DO SONHO

CHAD OLIVER





CHAD OLIVER

SENHORES DO SONHO

TRADUÇÃO DE
ERASMOS CATAULI GIACOMETTI

EDIÇÕES GRD
1964

Em *SENHORES DO SONHO*, Chad Oliver propõe o eterno sonho de um cientista: como investigar e entrar em contacto com vidas e costumes diferentes?

Monte Stewart é o antropólogo criado por Chad Oliver para tentar responder a esta pergunta, tudo através de um sentido não conformista da vida, senso de humor, atilada inteligência - razão pela qual foi o indicado pela ONU para entrar em contacto com a primeira descoberta de forma semelhante à humana num outro planeta.

Mas algo não funcionou no perfeito organograma do cientista e sua equipe. Afinal, que seres eram aqueles? Por que tão brutalmente atacaram Monte Stewart e os outros? Uma primeira falha teria sido a falha insubstituível? Como encontrar a resposta capaz de, humanamente, proporcionar os primeiros passos para uma estável condição de convivência?

Título Original **UNEARTHLY NEIGHBORS**

Copyright © 1960 by **Chad Olivier**

Editora GRD

Rio de Janeiro

Ano de Publicação 1964

ANTES DO FIM

Muito acima das árvores agitadas que constituíam o teto do mundo, o sol esbranquiçado ardia aterradoramente num céu varrido pelo vento.

Sozinho no chão frio e matizado de sombras da floresta, o homem nu estava sentado, com as costas apoiadas em sua árvore, ouvindo o suspiro dos lenhos à sua volta. Era já um velho, alquebrado pelo peso de muitos anos, e transtornado por pensamentos confusos.

Levantou o braço direito e contemplou-o estendido à sua frente. Havia ainda força em *Volmay*: os músculos de seu longo braço estavam firmes e flexíveis. Ele podia ainda subir aos galhos mais altos se a isso se propusesse, podia ainda saltar para os ramos bem baixos, podia ainda sentir no rosto o jato sufocante do ar...

Abaixou o braço. Não era apenas o corpo do *Volmay* que estava velho; o corpo tinha pouca importância. Eram seus pensamentos que o preocupavam. Estava na realidade diante de uma ironia amarga. O homem trabalhava e estudava durante toda sua vida para que um dia pudesse estar em paz consigo mesmo, com todos os deveres cumpridos, todas as perguntas respondidas, todos os sonhos decifrados.

E então...

Sacudiu a cabeça.

Era verdade que estava só, mas todo o Povo estava terrivelmente só. Era verdade que seus filhos haviam partido, mas eram filhos bons e ele podia vê-los, se quisesse. Era verdade que sua companheira não mais o provocava quando o sangue pulsava com a exaltação da primavera, mas isso era assim mesmo. Era verdade que poucos anos de vida lhe restavam, mas há muito a vida não era para *Volmay* tão preciosa como o fora nos anos perdidos, nos anos de luz e calor.

Olhou para cima e contemplou uma faixa fugidia do céu azul que se mostrava através das folhas vermelhas das árvores. Tinha percorrido o longo caminho da vida conforme ele tinha que ser percorrido e ficou conhecendo o que tinha que ser conhecido. Nunca ficara surpreso - exceto uma vez - e nunca tivera medo.

E mesmo assim, não se sentia satisfeito.

Talvez, pensou, fosse o peso dos anos que lhe murmurava coisas; sempre ouvira dizer que os velhos punham os olhos no Sonho. Ou talvez tivesse sido aquela surpresa, aquele vislumbre da coisa prateada que cintilou no céu...

Mas havia algo dentro dele que denunciava insatisfação e frustração. Ele sentia que sua vida de certo modo o havia burlado e iludido. Havia algo dentro dele parecido assim com uma dor no coração.

O que seria?

Volmay fechou os olhos negros, em busca do Sonho. A sabedoria do Sonho invadi-lo-ia naturalmente e isso era bom, Mas ele já sabia o que ia sonhar; não era mais uma criança.

O grande sol esbranquiçado fez descer o arco da tarde. O vento cessou de soprar aos poucos e as árvores foram ficando imóveis.

O homem nu sonhava.

E, talvez, esperava.

1

- Livre arbítrio? - tornou Monte Stewart rindo, e puxou a barba desalinhada. - Que diabo quer você dizer com isso?

O estudante que imprudentemente manifestara um desejo ao mestre de antropologia passou por um momento difícil tentando sufocar a torrente de retórica calorosa, mas conseguiu controlar-se.

- Livre arbítrio? - repetiu. Sacudiu a mão desorientado e balbuciou: - Bem... o senhor sabe.

- Sim, eu sei. - Monte Stewart jogou cuidadosamente o corpo para trás na cadeira giratória e apontou o dedo para o impetuoso jovem. - Mas e você, sabe?

O estudante, cujo nome era Holloway, não estava certamente habituado a ver suas petulantes generalidades devolvidas em forma de perguntas. Ele titubeou alguns instantes e tentou uma resposta.

- Quero dizer que estamos habilitados a escolher e a traçar nosso próprio destino. (Holloway incluía-se entre as pessoas que costumavam capitalizar palavras como Destino, Sina e Decisão).

Monte Stewart riu. Pegou em cima da mesa um crânio humano e fez mover a mandíbula articulada por meio de molas.

- Palavras, meu caro, apenas palavras. - Acariciou a sobrancelha espessa. - Que tipo de sangue você tem, sr. Holloway?

- Sangue? Ora... tipo O, creio.

- Quando fez você a escolha, Holloway? Antes de sua concepção, ou depois?

Holloway perturbou-se.

- Não quis dizer...

- Seu cabelo é castanho. Você o tingiu ou simplesmente escolheu o genótipo próprio?

- O senhor está sendo indelicado, Dr. Stewart. Não quis dizer...

- O que é que você não quis dizer?

- Não quis dizer livre arbítrio em tudo... em biologia. Quis dizer livre arbítrio nas escolhas que fazemos todos os dias. O senhor sabe...

Monte Stewart suspirou. Retirou o cachimbo de uma gaveta e prendeu-o entre os dentes. Uma de suas mais doces ilusões era a de que os estudantes deviam apren-

der a pensar. Halloway podia muito bem começar naquele momento.

- Vejo, Halloway, que você está usando uma camisa com uma belíssima gravata, calças e sapatos. Por que não vestiu esta manhã uma tanga e mocassim?

- Bem, Afinal de contas...

- Sua presença em minha aula indica que você é tecnicamente estudante da Universidade do Colorado. Se você fosse um aborígene australiano estaria agora aprendendo os mistérios do *churinga**. Não é isso?

*(*Churinga, ou Tjurunga - ícone sagrado de pedra ou tábuas de madeira com as peregrinações de heróis ancestrais, dos Arunda, aborígenes australianos- N. do Digitalizad.)*

- Pode ser, mas mesmo assim...

- Já jantou, Halloway?

- Não, senhor.

- Você acha que está propenso a escolher para sua refeição leite de égua azedo misturado com sangue?

- Creio que não. Mas podia, não podia?

- Onde ia você conseguir isso nesta parte dos Kazaks? Já pensou alguma vez que a crença no livre arbítrio é um sustentáculo da cultura na qual foi criado? Já lhe ocorreu alguma vez que se o conceito não estivesse presente em sua cultura você não acreditaria nele e que sua atual aceitação do mesmo não é uma questão de livre arbítrio? Já procurou se divertir com a noção de que todas as escolhas que você faz são inevitavelmente produto do cérebro que você herdou e o que aconteceu a esse cérebro durante o tempo em que está vivendo numa cultura que você não criou?

Halloway correu rapidamente os olhos à sua volta.

Monte Stewart levantou-se. Era um homem baixo, mas forte e viril.

- Senhor Halloway, já percebeu que mesmo o espaço entre nós dois neste momento é culturalmente determinado... que se fôssemos membros de um sistema cultural diferente estaríamos ou mais próximos ou mais afastados? Volte outra vez daqui a duas semanas e conversaremos um pouco mais.

Halloway encaminhou-se para a porta.

- Muito obrigado.

- Sempre às ordens.

Quando a porta se fechou atrás de Halloway, Monte riu. Mesmo com sua barba enorme, seu riso tinha algo de bizarramente infantil. Divertira-se bastante. É claro que qualquer cabeça-dura razoavelmente sofisticada podia ter apresentado um argumento sobre o velho problema do livre arbítrio, mas Halloway - embora classificado por ele no momento como cabeça-dura - não era nem mesmo razoavelmente sofisticado. O rapaz, todavia, teria possibilidades, se parasse de divagar e começasse a pensar. Monte já vira isso acontecer antes - essa transição assustadora do universitário de visão ao diplomado dogmaticamente determinado e que vai, às vezes, mais longe em busca de problemas que constituem o princípio da sabedoria.

Monte gostava de ensinar e chocava-se com sua reputação de assustador bicho-papão. Com duas coisas sentia-se verdadeiramente recompensado: encontrar um estudante de real talento e solucionar os difíceis problemas de genética da população ou perscrutar os mistérios do próprio processo da cultura. Gostava de seu trabalho, para o qual era praticamente único no mundo moderno.

Dirigiu-se ao projetor. Era um homem surpreendentemente elegante apesar da ir-

regularidade de seu traje. Seus cabelos negros e curtos estavam cuidadosamente cortados e ajeitados, complementando a barba rala e áspera. Seus olhos cinzentos eram brilhantes e vivos e embora ele demonstrasse a idade que tinha - pouco mais de quarenta anos - dava a impressão de que aquela era a idade ideal.

Ligou o projetor testando-o para a aula dos calouros da manhã seguinte. O filme tridimensional tomou forma no ar, sem tela, e lá apareceu o contorno do velho Sr. *Neanderthal* - saliências supra-orbitais, bossa occipital e tudo o mais. Desligou o projetor, retornando assim O *Homo Neanderthalensis* ao Terceiro Período interglacial.

Quando seu estômago lembrou-o que já era hora de ir para casa, ele fechou a sala enevoadada de fumaça e acionou o elevador para o teto do Edifício de Antropologia. (Não era dos maiores edifícios do centro universitário, mas o estudo da antropologia em 1991 tinha atingido tal desenvolvimento que não fora mais possível manter o departamento numa cabana).

O ar frio do Colorado estava revigorante e Monte sentia-se bem enquanto entrava no *cóptero* e dava a partida.

Cortava o tráfego através da camada do centro, contemplando com prazer a neve nas montanhas e a luz dourada do sol no poente. Para uma quarta-feira, o dia tinha sido bom, e sem dificuldades Na verdade, sem dificuldade em vista de outros dias.

Grande parte da irritação de Monte com outras pessoas decorria da frequente inabilidade delas de iluminar uma ideia a seu modo e da qual não tivesse ouvido falar cinquenta vezes antes. Monte precisava de estímulo; vivia dele. Ele não dava a menor importância à sua reputação como um dos quatro ou cinco homens importantes de sua especialidade, mas deleitava-se com novos problemas. Uma vez discutido o problema, para sua própria satisfação começava a perder o interesse por ele. Apreciava novos pontos de vista pelo simples fato de achar a vida muito curta para ser desperdiçada com coisas cacetes.

Fez o *cóptero* baixar em direção de sua bonita casa do pedra e troncos no contraforte das montanhas e ficou surpreso ao ver um *cóptero* estranho estacionado no teto bem perto de sua garagem. Aterrissou, saltou para fora e examinou-o. Era um caríssimo *Cadillac* verde e tinha na chapa a insígnia oficial *N.U.*

Talvez um encontro interessante, pensou ele

A porta da cumeeira da casa abriu-se diante de Monte Stewart e ele desceu apressadamente a escada para verificar o que estava se passando.

O homem estava sentado na cadeira predileta de Monte, na sala-de-estar, saboreando o que parecia ser uísque com soda. Estas duas preferências indicaram a Monte que se tratava de um homem inteligente. Ele levantou-se quando Monte entrou na sala e este reconheceu-o imediatamente. Não havia na realidade nunca sido apresentado àquele homem, mas seu rosto anguloso e o cabelo cinzento-prateado eram familiares a qualquer observador tridimensional.

- É Mark HeideIman - disse ele, estendendo a mão. - É um prazer inesperado. Sou Monte Stewart. Mandou por acaso alguma carta ou qualquer outra coisa que eu não tivesse recebido?

Mark HeideIman apertou-lhe a mão com inexplicável entusiasmo.

- O prazer é meu, Dr. Stewart. Não, não escrevi... mas vim assim mesmo. Não é um procedimento muito indicado para um diplomata, mas esta visita é secreta. Espero que me desculpe quando souber porque vim aqui. Tomei a liberdade de vir à sua

casa porque o que me traz aqui é do interesse de sua esposa e seu também. A propósito, ela é sem dúvida uma mulher adorável.

Monte indicou-lhe a cadeira e sentou-se também.

- Eu gosto dela - admitiu ele - Esta visita é oficial então?

- Exatamente. Nós vamos tentar colocá-lo no lugar certo, Dr. Stewart.

Monte pegou o cachimbo, encheu-o e acendeu-o. Ele sabia naturalmente que Mark Heidelman era agente secreto do Secretário-Geral das Nações Unidas, o que queria dizer que ele era na verdade uma peça muito importante. Desde os antiquíssimos dias do quase legendário Dag Hammarskjold, quando as Nações Unidas não participavam ainda tanto da vida cotidiana quanto às naves espaciais e aos impostos, o Secretário-Geral vinha sendo praticamente o homem mais importante do mundo. Mas o que queria ele?

- Parece-me que vocês precisam de um antropólogo.

Heidelman sorriu.

- Precisamos de você... se é isso que quer dizer.

O *servomec* conduziu-se para dentro da sala carregando uma bandeja com dois copos de uísque e soda. Não era propriamente um robô - apenas um carrinho dotado de acessórios destacáveis - mas Monte e Louise dispunham dele há pouco tempo e sentiam-se muito orgulhosos com ele

Monte pegou seu copo, levantou-o na direção de Heidelman e entregou-se a um dos grandes benefícios da civilização.

- Então, Mark. Diga o que tem a dizer.

Heidelman sacudiu a cabeça.

- Sua esposa me disse que você detesta discutir qualquer assunto antes do jantar, e eu não quero desrespeitar seus hábitos. De qualquer modo, ela me convidou para comer um bife com vocês e eu não estou tentado a sair sem provar seu tempero.

Monte riu e ficou compreendendo com mais clareza porque Heidelman era um dos diplomatas mais em evidência ao mundo. O homem tinha um encanto todo pessoal e não havia nada nele de artificial ou pedante.

- Quer me dar ao menos uma ideia do assunto? Os mistérios me põem nervoso.

- Possivelmente você adquirirá úlceras mais amenas antes que esta seja extirpada. Escute, Monte, uma de nossas naves atingiu finalmente o alvo.

Monte, excitado, sentiu um calafrio correr-lhe o corpo e arregalou os olhos.

- Você quer dizer...?

Neste momento Louise entrou na sala. Estava, como sempre, viçosa e atraente, seus olhos castanhos brilhavam e os cabelos negros estavam enrolados segundo a última moda. Vestia um de seus vestidos mais provocantes, notou Monte, o que era sinal de que ela havia simpatizado com Mark Heidelman. Após dezoito anos de matrimônio Monte ainda achava sua esposa sedutora. Ela era uma das principais razões que faziam com que ele fosse o primeiro a admitir que era um homem de sorte.

- Os bifes estão na mesa, cavalheiros - disse ela. - Tragam suas bebidas. - Deu um beijo rápido na testa do marido. - Monte, estou morrendo de curiosidade.

- Eu também - disse Monte.

Passaram para a sala-de-jantar, que ficava numa ala separada da casa. Fazia muito frio para que o teto fosse removido, mas as estrelas estavam perfeitamente visíveis através dos painéis vítreos do telhado.

Como seres civilizados, voltaram toda sua atenção para um dos prazeres mais "desprezíveis" da vida: genuínos bifes de lombo de vaca. Cozidos de modo perfeito, apresentavam uma camada vermelha no centro. Havia ainda uma salada de vegetais verdes recobertos de queijo roquefort e um pequeno monte de batata picada, mas o

bife, tal como se apresentava, era o prato principal.

Heidelman não quis macular a refeição falando de assuntos profissionais e Monte não encontrou disposição para afastar-se do excelente tempero de Louise. Esperou que estivessem de volta à sala-de-estar e que o *servomec* tivesse servido o café para reestabelecer a palestra.

- Bom... - começou ele - já conseguimos *quorum* e eu estou devidamente alimentado. Vamos agora ouvir o que você tem a dizer a respeito desse alvo.

Heidelman sacudiu a cabeça.

- Espero não parecer demasiadamente melodramático, mas tenho a dizer antes de mais nada que o que vou-lhe revelar é muito confidencial. Sei que posso confiar na sua discreção.

- Diga logo, homem - pediu Monte. - Vamos fazer de conta que já ultrapassamos todas as preliminares. Qual é o caso?

Mark Heidelman suspirou fundo.

- Uma de nossas naves de exploração descobriu um planeta habitado por seres humanos - revelou ele

Monte acariciou a barba.

- Seres humanos? Que tipo de seres? Onde?

- Calma. Vou-lhe contar tudo o mais depressa possível.

- Ótimo! Ótimo! Mas não omita os pormenores, está bem?

Heidelman sorriu.

- Não dispomos de muitos detalhes. Conforme você sabe, o desenvolvimento da viagem interplanetária tornou possível para nós...

Monte levantou-se e exclamou impaciente:

- Esses detalhes não, ora. Já temos conhecimento das expedições *Centauro* e *Prócion*. Que é que me diz desses seres humanos? Onde estão eles e como são?

Heidelman bebeu um gole de café.

- Foram descobertos no nono planeta do sistema Sírrio - que fica, segundo sei, mais ou menos a oito e meio anos luz. Talvez eu tenha me precipitado ao chamá-los de seres humanos mas estão bem próximos do ser humano.

- Vocês entraram em contato com eles? - perguntou Louise.

- Não. Não esperávamos naturalmente encontrar lá homem algum e todas as naves exploradoras têm ordens severas de se manterem à distância em tal situação. Conseguimos algumas fotografias e lá foram instalados microfones para colher registros de alguma de suas línguas...

Monte saltou sobre a palavra como um gato que se apoderasse de um pardal.

- Você diz língua? Cuidado... mesmo os chimpanzés fazem muita algazarra vocal, mas eles não têm uma língua. Em que sentido você está empregando a palavra?

- Bem, eles parecem conversar, como nós. E não estão com certeza limitados a alguns sons ou gritos - comunicam-se de modo bem parecido com o humano. Nós temos alguns movimentos sincronizados com os sons e muitos deles, por exemplo, mostram-se como que pais dizendo coisas aos filhos. Não é suficiente?

Monte sentou-se de novo e tirou o cachimbo do bolso.

- Eu diria que isso não deixa dúvidas. Em meu livro são classificados como homens. E o que me diz do resto de sua cultura... coisas que puderam ver de longe, quero dizer?

Heidelman franziu a testa.

- Isso é que mais nos intrigou, Monte. Os rapazes da expedição foram muito cautelosos e não puderam ver nada do que eu esperava que vissem. Não viram cidades

ou qualquer coisa parecida. Nem mesmo casas... a menos que se chame de casa um buraco em árvores. Nenhum sinal de agricultura ou indústria. Nem roupa as pessoas usam. Na realidade, a menos que a pesquisa fosse caolha, eles parecem não dispor de qualquer artefato.

- Nenhuma ferramenta? Nenhuma arma? Nem mesmo machados de pedra ou porretes?

- Nada. Andam nus e não levam nada consigo. Quando eles se balançam através das árvores...

Monte quase deixou cair o cachimbo.

- Você está brincando. Está querendo me dizer que essa gente *braquiada**... se move entre as árvores pendurando-se pelas mãos?

**(Braquiados - Zool. - Que tem braços - N. do Digitalizad.)*

- Pois é o que eles fazem. Naturalmente andam também no chão... mantêm-se perfeitamente eretos em sua postura, mas seus braços são terrivelmente compridos.

Louise riu encantada, como se alguém tivesse despejado um saco de diamantes em seu colo.

- Mostre-nos as fotografias, Mark! Não aguentamos mais isso.

- Talvez seja melhor. - Heidelman sorriu discretamente, certo de que já os tinha na mão. Levantou-se e disse: - As fotografias estão aqui na minha pasta.

Monte Stewart olhou excitado para a pasta marrom em cima da mesa. Sentiu o que Darwin deve ter sentido quando pisou pela primeira vez a terra das mais importantes ilhas...

2

Havia cinco fotografias tridimensionais em cores. Heidelman estendeu-as sem qualquer comentário. Monte examinou-as rapidamente, seus olhos cinzentos buscaram inicialmente impressões gerais e em seguida examinou-as uma a uma.

- Sim e não - murmurou para si mesmo.

As fotografias - obviamente reproduzidas e ampliadas de um filme - não estavam muito claras. Apresentavam-se um pouco confusas e o objeto das mesmas mostrava-se irritantemente impreciso. Davam a impressão que uma câmara havia sido atirada fora por uma janela e as fotografias tiradas a esmo.

Mesmo assim, eram as fotografias mais fascinantes que Monte já havia visto.

- Repare esses braços - murmurou Louise.

Monte baixou a cabeça, tentando ordenar os pensamentos. Havia muito o que ver em cinco fotografias, tanta coisa nova e estranha... e assustadoramente familiar.

A paisagem era perturbadora e isto dificultava o exame em perspectiva das figuras que pareciam homens. Não havia nada nela que fosse inteiramente esquisito, mas as formas das árvores e das plantas eram sutilmente incorretas. As cores, também, eram surpreendentes. Os troncos das árvores eram manchados de azul e suas folhas eram tanto vermelhas como verdes. Havia excesso de tons marrons e azuis, como se o pincel de um pintor tivesse inúmeras vezes passado sobre uma tela fantástica.

O sol, visível em duas das fotografias, tinha um brilho esbranquiçado e inundava demasiadamente o céu.

O efeito total, pensou Monte, era curiosamente semelhante ao apresentado pelas florestas pintadas que se viam às vezes em histórias infantis. As árvores não eram exatamente iguais às que se conheciam e as flores como as pintadas em pastel só cresciam em sonhos...

- São homens - observou Louise. - Claro que são, Monte.

"Sim, sim" - pensou ele - "São homens. Como é fácil dizer! Mas... o que é um homem? Como o reconheceremos quando o encontrarmos? Teremos algum dia certeza?"

Olhando assim, superficialmente, sim - eles são homens. (E eles foram também mamíferos, a menos que as fêmeas fossem completamente diferentes no *Sírio Nove*). Mas o Velho *Homem de Neanderthal*, também, havia sido um homem. E

mesmo o *Pithecanthropus erectus* incluía-se ao gênero *Homo*.

O que é um homem?

As mãos de Monte coçavam; preferia dispor naquele momento, para estudar, de ossos sólidos em vez de fotografias indefinidas. Como, por exemplo, se podia estimar a capacidade craniana de uma orgia fotográfica? Os crânios, pelo que sabia, podiam ser sólidos; o gorila possui uma cabeça possante, mas seu cérebro é quase mil centímetros cúbicos menor que o do homem. Bem, como seriam eles?

A impressão geral, por tudo que pudesse conter de proveitoso, era a de que se podia apenas classificar de "masculinidade". As pessoas - se é que se podia designá-los com esta palavra - eram bípedes eretos e os contornos gerais de seus corpos não eram muito diferentes dos do homem. As pernas, na verdade, eram bastante humanóides, embora os pés parecessem ter um dedo grande sobressaindo num ângulo reto com os outros dedos. (Monte, todavia, não tinha muita certeza neste particular). Os braços eram imensamente compridos, de modo que as mãos quase tocavam o chão quando eles estavam em pé e com o corpo reto. Eles ficavam perfeitamente eretos; não havia, neles, nada que lembrasse a postura inclinada do macaco. Os corpos não tinham pelos e eram mesmo delgados. A cor da pele era de um cobre claro.

Rostos? Bem, provavelmente eles não fariam uma jovem terráquea vibrar de prazer se aparecessem para um programa com ela - e nesse caso essa jovem não seria também muito atraente para eles. - Os rostos eram bastante humanos compridos e finos, com mandíbulas pesadas e olhos mergulhados em profundas cavidades. Monte não conseguiu ver os dentes, mas era evidente que os caninos, pelo menos, não eram *protrusos**. Os cabelos eram uniformemente claros e muito curtos - dificilmente maiores que uma penugem.

*(*Protruso* - elevado, saliente, protuberante - N. do Digitalizad,)

Não usavam roupas, mas dois dos homens apresentavam listas verticais pintadas no corpo. A pintura parecia limitar-se ao tórax e era muito simples - um traço vermelho e um azul em cada lado do peito.

Nenhum deles trazia qualquer tipo de arma.

Monte não viu ferramentas de qualquer tipo, nem casas. Um dos homens estava em pé na frente de uma grande árvore que parecia ter, no tronco, uma cavidade, mas era difícil distinguir.

Numa das fotografias havia uma criança. Parecia ter cinco ou seis anos de idade, se para o caso a analogia com a vida pudesse ser válida, e estava pendurada por um braço num galho e tinha a boca arreganhada num riso que ia de uma orelha à outra. Uma fêmea no chão estava ralhando com ele e a impressão que se tinha de estarem ali mãe e filho era muito forte - e muito humana.

Mas sem dúvida as relações entre mãe e filho sempre pareceram bastante humanas, mesmo entre os macacos...

Monte colocou cuidadosamente as fotografias em cima da mesa.

- Companheiro, - murmurou ele - preciso beber alguma coisa.

Depois que o robô - que se ocupara da lavagem dos pratos - tinha preparado o uísque com soda de acordo com as instruções de Monte e conduzido os copos numa bandeja, Monte começou a andar pela sala. Chegou mesmo a trocar o cachimbo por um cigarro, sinal patente de que estava preocupado.

- Não compreendo - disse ele - Você diz que eles não praticam agricultura e que não podem caçar porque não dispõem de armas. Assim sendo, de que se alimentam?

- Não podem viver de frutas e raízes ou coisas parecidas? - perguntou Heidelman.

- É possível.
- Macacos comem isso, não comem? - perguntou Louise.
- Sim, mas esses seres não são macacos... a menos que se queira classificar de homem um macaco modificado, o que é um modo de ver a coisa. Mark afirma que eles não possuem línguas, e na terra, com exceção do homem, nenhum outro animal fala. Assim de pronto esperar-se-ia que eles tivessem também uma cultura; cultura e língua andam juntas como galinha e ovos. Mas nunca ouvi falar de qualquer agrupamento humano sem qualquer tipo de ferramenta. Mesmo os mais primitivos povos que viviam de caça, frutas e raízes usavam instrumentos de escavação, cestas e coisas semelhantes. Ou essa gente é a mais primitiva de que se tem conhecimento ou então...

Louise riu, um riso encantador e contagiante, extremamente natural e espontâneo.

- Monte! Nunca pensei que pudesse ouvir você dizer isso! Afinal de contas suas observações a respeito das histórias sobre o primitivo super-homem...

- A questão - interrompeu Monte seriamente - é que primitivo é um termo bastante inseguro. Sabemos o que ele significa na terra - refere-se a uma cultura não alfabetizada, sem centros urbanos. O conceito funciona perfeitamente bem aqui, mas qual é seu significado quando aplicado a pessoas de outro planeta? Não sabemos nada a respeito delas e encaixá-las numa categoria já estabelecida, extraída de uma amostra total de um planeta, pode redundar num grande erro. Quanto ao super-homem, duvido que o conceito seja válido. É o homem um super-macaco, ou é ele em conjunto alguma outra coisa? Essas pessoas podem ser diferentes sem serem super. Não sei se me entendem.

Heidelman sorveu um trago de sua bebida.

- A única maneira de se saber a verdade é ir lá e ver - observou ele
- Claro, claro. - Monte atirou fora o cigarro e acendeu outro. - É isso que você quer que nós façamos... ou devia esperar até que isso me fosse solicitado?

- Estou solicitando... Não é óbvio? Queremos que você conduza uma expedição científica ao *Sírio Nove*, e o mais depressa possível. Queremos um antropólogo competente para estabelecer o primeiro contato com aquela gente. Eu ficaria aliviado se pudesse ter a certeza de que fizemos suficiente progresso para evitar alguns dos mais fulgurantes erros do passado. Que é que me diz?

- É isso, hem? - Monte ajeitou-se na beira da cadeira sentindo-se como se tivesse recebido a dádiva da imortalidade. - Claro que irei! Nem ferozes dinossauros me fariam desistir. Mas escuta, Sr. Heidelman, há algumas condições que devem ficar estabelecidas agora...

Heidelman sorriu.

- Sei o que está pensando e pode ficar descansado. Sabemos o quanto isso é importante e estamos dispostos a dar-lhe toda a autoridade. Você será o chefe absoluto. Terá liberdade de realizar qualquer trabalho de ordem científica que desejar. Queremos é que faça tudo que estiver ao seu alcance para estabelecer relações amistosas com os habitantes de *Sírio Nove* e que traga um relatório completo quando voltar. Pode fazer todas as recomendações que julgar necessárias e só sua voz será ouvida durante os preparativos que estão sendo feitos. Nós supriremos uma nave sob o comando do Almirante York - ele é um excelente homem - e ele o conduzirá até lá e será responsável por sua segurança. Mas todas as relações com os nativos serão dirigidas por você. Acima de você está apenas o Secretário-Geral. As Nações Unidas pagarão seu salário, que será generoso, e obterão sua licença na Universidade. Sua esposa pode ir com você; depois de conhecê-la sou obrigado a sugerir que você não fique separado dela durante três anos. Podemos tratar dos detalhes mais tarde... mas,

no momento, que tal achou a proposta?

Monte estava atordoado.

- Achei-a boa demais para ser verdadeira. Talvez haja um gato escondido em alguma parte.

- Há. Você tocou agora no ponto exato. Na realidade não sabemos absolutamente nada a respeito desse povo. Não será certamente uma missão fácil, e pode ser perigosa. Não vou tentar diminuir o perigo. É claro que você vai arriscar sua vida lá.

Monte sacudiu o ombro. Não porque não prezasse sua própria pele, mas porque era inconcebível a ideia de ficar em casa. Não insultou Louise pedindo-lhe sua opinião; ele conhecia muito bem sua esposa e as palavras seriam supérfluas

- Nunca fui ao espaço, nem mesmo à Lua - disse Louise. - Não quero morrer sem ter saído da Terra.

- De quanto tempo podemos dispor? - perguntou Monte.

- Isso depende de você. Com a nova propulsão *sobre-multiplicada*, uma nave levará um pouco mais de onze meses para alcançar o sistema Sírío. Se vocês ficarem um ano no *Sírío Nove*, estarão de volta à Terra dentro de três anos, se tudo correr bem. Creio que podemos calcular esse tempo. Queremos que a partida seja o mais depressa possível. Não preciso dizer-lhe que se transpirar uma palavra disso tudo vai haver o diabo.

- Desculpe minha ignorância, mas por que?

Mark Heidelman sorriu.

- Você tem pouco conhecimento de política, Monte. Esta notícia seria a mais sensacional de todos os tempos. Uma vez do conhecimento público, todos os governos que podem lançar naves espaciais fariam, ao mesmo tempo, uma maratona a esse planeta. Então qualquer oportunidade de uma expedição verdadeiramente científica seria atirada fora. Aquele povo seria forçado e condenado a aparecer um milhão de vezes em tri-di - ou como selvagens sub-humanos ou como perigosos monstros. Poderia haver uma explosão de ódio... nunca se sabe o que vai acontecer quando as pessoas ficam excitadas. Não podemos nos expor a isso. Estamos com o firme propósito de obter informações seguras antes que isso se torne conhecido.

- O que acontecerá depois que vocês obtiverem as informações seguras, se é que vamos obtê-las?

- Isso depende do que você descobrir, não é? Afinal de contas esse povo pode ser perigoso. Escolhemos você para a missão porque achamos que você é suficientemente teimoso para ir até o fim.

- Não se esqueça de que assumo uma responsabilidade fantástica.

- Eu o preveni que você estava destinado a ter algumas úlceras. Elas fazem parte do encargo quando se trabalha para as Nações Unidas. Nem tudo é festa e diplomacia.

Subitamente Heidelman mostrou-se cansado.

Observando-o, Monte teve um vislumbre dos problemas que o desafiavam. O caso Sírío era, em sua gravidade, apenas uma das inúmeras séries de crises encadeadas e intermináveis. Ele devia ter consumido uma tonelada de papel antes que a missão lhe pudesse ser oferecida. Havia ainda naquele momento a questão relativa à insistência do Brasil em obter permissão para testar armas atômicas, a contenda por questões de fronteira entre a França e a Alemanha, as explosões demográficas da China e da Índia...

Louise zumbiu para ordenar outra rodada de uísque e conduziu habilmente a conversa para assuntos mais suaves. Fez perguntas a Mark sobre os dias em que ele jogava futebol na Universidade de Notre Ame e ele respondeu reconhecido, discorren-

do durante quinze minutos sobre as virtudes da velha ala única.

Monte descobriu que Mark partilhava de sua paixão pela pesca de truta e ambos juraram solenemente que iriam pescar juntos em Beaver Creek quando Monte voltasse de *Sírio Nove*.

Quando Heidelman, ainda relutante, deixou a casa de Monte, às duas horas da madrugada, eram os três bons amigos, e isso ajuda muito em qualquer tipo de empresa.

Enquanto o robô se movia com seu ruído característico arrumando e limpando a sala, Monte andava de um lado para outro demasiadamente excitado para poder dormir. Sentia-se como um estranho em sua própria sala-de-estar. Contemplou os livros arrumados nas estantes, as pinturas primitivas de Tom Lea, de que tanto se orgulhava, calçou os pés nas pontas dos brilhantes tapetes navajos espalhados sobre os ladrilhos do chão. Ali estava sua casa. Há poucas horas atrás tinha uma vida confortável, com futuro risonho e certo. E agora, com a rapidez que era um dos cartões de visita mais característicos da vida, tudo era novo e estranho...

Louise tocou suavemente em seu braço.

- Vamos dar uma olhada nele - disse ela docemente.

Não a compreendeu de pronto. Em seguida estalou os dedos.

Lado a lado, dirigiram-se à janela panorâmica e afastaram as cortinas.

Contemplaram um bloco cintilante de estrelas além das silhuetas negras das montanhas Colorado. Monte involuntariamente sentiu um breve tremor correr o corpo da esposa.

- Lá está ele - murmurou, indicando com o dedo. - Engraçado... ainda me lembro do nome da constelação: *Canis Majoris*.

- Gostaria de saber em que constelação estamos - disse Louise.

- Na verdade, nunca pensei que isso pudesse acontecer. Depois daquelas coisas completamente estranhas reveladas pelas expedições *Centauros* e *Prócion*, a criatura humana parecia um acidente bastante improvável. Estava justamente lendo um artigo outro dia, você deve estar lembrada, falei-lhe a respeito, que dizia haver uma probabilidade num milhão para a evolução independente do homem em outra parte. De acordo com a teoria desse gracejador...

- Você sabe o que sempre afirmou a respeito de teorias.

- Sim, sei. Mas é uma sensação estranha da mesma maneira.

"Estranha... mais do que estranha. A luz que tirou a fotografia que tive nas mãos há uma hora ou mais não atingirá a Terra em menos de sete anos. Está tão distante, tão distante..."

Apertou a esposa nos braços. Não estava com medo, mas subitamente ela lhe pareceu tão preciosa... Ela era a única coisa quente e viva num universo infinito e desamparado que ia além da crença.

- Bem, mocinha, - disse ele serenamente - estou contente porque você vai comigo. Louise beijou-o com ardor.

- Você terá que ir muito além de Sírio para se livrar de mim - murmurou ela.

Ficaram imóveis muito tempo diante da janela que se abria dentro da noite, olhando, divagando e tentando acreditar...

Podiam ver Sírio claramente.

Era a estrela mais brilhante do céu.

3

Quais as providências que se tomam para preparar uma expedição destinada a estabelecer o primeiro contato com uma cultura extraterrena? Monte não sabia, pelo simples fato de não se ter feito isso antes.

A tarefa era muito grande para um homem só; ele não podia simplesmente calçar as botas, pôr o capacete e seguir adiante com um caderno de notas na mão. O outro extremo entretanto era inteiramente impossível... ele não podia se valer de todos aqueles que pudessem ter interesse pelo problema. Em primeiro lugar, seria necessário uma frota de naves espaciais. Em segundo, ocupar uma horda de pesquisadores no que parecia ser uma cultura relativamente simples, teria sido um meio seguro de fazer com que ninguém realizasse um trabalho seguro e eficiente.

Optou logo por uma expedição reduzidíssima. Tomaria os homens que necessitasse para o trabalho pesado e deixaria os problemas relativos aos aspectos mais especializados para mais tarde. Achou que estava tomando apenas providências de ordem prática, e até certo ponto era um homem prático, mas o fato é que Monte tinha fortes suspeitas de todos os grandes esquemas de pesquisa. Multiplicar o número de cérebros em função de determinado trabalho, ele sabia por experiência, era um meio bem pouco seguro de se melhorar a qualidade do produto final.

Bem, de que precisava?

O próprio Monte era um cientista um tanto deslocado na moderna antropologia. Foi inicialmente um antropólogo social e sua maior pesquisa dizia respeito à busca da uniformidade no processo cultural. Monte, entretanto, não parou aí. Impelido parcialmente pela preferência por tudo que foge ao convencional e parcialmente pela crença absoluta em sua capacidade, tornou-se a principal autoridade no campo mais técnico da antropologia física, genética da população. (À ideia de obter amostras de sangue dos nativos de *Sírio Nove* ficava tão inquieto quanto um vampiro da Transilvânia diante da mesma perspectiva).

Precisava evidentemente de um linguista. A empresa exigia o melhor linguista existente e Monte pessoalmente preferia Charlie Jenike. Charlie era um indivíduo mal-humorado e um tanto estranho, que lembrava um pinguim dispéptico, e que ti-

nha o hábito de usar camisas até que elas chegassem ao ponto de praticamente anestesiarem seus colaboradores menos avisados. Mas apesar disso, Charlie Jenike era um linguista brilhante. Se fosse possível a alguém apreender rapidamente um dos dialetos dos nativos, esse alguém era Charlie. Por incrível que pareça e sendo os animais humanos as criaturas mais estranhas que existem, a esposa de Charlie, Helen, era uma boneca - pequena, graciosa e excepcionalmente encantadora. Helen e Louise entenderam-se perfeitamente bem, o que em parte amenizou as chispas que cortavam o ar enquanto Monte e Charlie olhavam um para o outro por cima do copo de suas bebidas.

Ralph Gottschalk, da Universidade de Harvard, era sem dúvida o mais jovem e melhor antropólogo físico que havia e tinha, mais do que ninguém, amplos conhecimentos sobre os primatas. Em vista da forte aparência gibonoide dos nativos, Ralph disporia de bom material para seus estudos - e de qualquer modo Monte gostava de tê-lo em sua companhia. - Ralph, um gigante com a constituição de um gorila e o temperamento mais gentil que Monte já havia conhecido, era um impenetrável jogador de poker e uma pessoa extremamente sensata. Era também casado, com uma jovem enigmática chamada Tina, que ficava sempre em casa quando ele viajava. É difícil dizer se por vontade dela ou dele, mas de qualquer modo Ralph mostrava-se sempre disposto a afastar-se do lar. Na esfera de seu campo de atividade, Ralph exibia o sorriso dissimulado do garoto que fez gazeta.

Se tudo saísse de acordo com o plano - e Monte não acreditava - parecia ser imprescindível a aplicação de testes psicológicos. O trabalho de Tom Stein em Micronésia havia impressionado Monte e quando ele o conheceu numa reunião da A.A.A. de São Francisco essa boa impressão fortaleceu-se. Tom era um homem alto, magro, prematuramente careca, com olhos de um azul claro que quase desapareciam atrás dos óculos de lentes grossas. Sua timidez não conseguiu anular seu espírito agudamente analítico; além disso, embora fosse mais conhecido por seu trabalho no campo da cultura e da personalidade, ele tinha um interesse genuíno pela estrutura social. Ele e sua esposa eram inseparáveis. Janice Stein era uma mulher de ar melancólico com uma personalidade extremamente cativante. Era também uma cozinheira excelente, que podia ser de muita utilidade.

Para finalizar Monte escolheu Don King. Don era arqueólogo, um tanto pessoal e intransigente em suas ideias, e de língua demasiadamente solta. Monte na verdade não gostava de Don - pouca gente gostava - mas o homem era estimulante. Estimulava favoravelmente porque nunca aceitava a ideia de ninguém sem valor real e tinha preferência especial pelo debate. Don, que estava, como sempre, no seu estado civil crônico (entre esposas), era agressivamente belo - um homem alto e louro permanentemente vestido como se estivesse preparado para posar para uma revista de modas. Mark Heideleman fez restrições à inclusão do Don, uma vez que os nativos de *Sírio Nove* não faziam instrumentos, mas Monte estava convencido de que Don desempenharia sua parte na empresa. Em primeiro lugar, pesquisas deviam ser feitas para se estabelecer se instrumentos de pedra haviam ou não sido utilizados no passado e, em segundo, as fotografias existentes não constituíam uma prova aceitável.

Eram, desse modo, cinco homens para desvendar um mundo.

Audacioso?

Claro, mas (conforme Monte gostava de observar) nada do que é realmente grande foi, em tempo algum, realizado por homenzinhos que se apegam timidamente a pequenas regras.

A nave era um enorme peixe de metal, mas vivia no espaço. Como o estranho peixe que vive nos silêncios profundos e nas sombras eternas, a nave nunca esteve na Terra. Havia sido montada numa órbita ao redor da Terra e nunca conhecera outro habitat que o dos mares silenciosos do espaço e das estrelas.

Monte, Louise e os outros foram conduzidos ao satélite das Nações Unidas e ali embarcados. A nave, sobre foguetes convencionais, passou como um relâmpago pela Lua e em seguida entrou em marcha *sobre-multiplicada* que lhe permitia - em certo sentido - exceder a velocidade da luz.

Por acordo internacional, todas as naves interplanetárias eram batizadas com o nome dos homens da paz. Esta, oficialmente, chamava-se "*Ghandi*". Todavia, é difícil associar o nome de Ghandi com uma assustadora esfera de metal cortando velozmente o espaço. Uma vez que ela era a segunda nave a fazer a longa viagem ao sistema Sírío, a tripulação - com a lógica artificial que às vezes emana de suas reuniões nas horas de repouso - apelidou-a imediatamente de *Filho de Sírío*. Após três meses de viagem ocorreu a alguém a feliz ideia de que Sírío era a estrela canícula. Daí em diante a semântica evolutiva foi inevitável.

A começar do Almirante York, todos se referiam à nave com a sigla S.O.B., embora para todos a designação cortês significasse "Sírío" ou "Busto".

Monte e Louise haviam chegado à conclusão que preparar as malas para uma viagem a Sírío era a mesma coisa que prepará-las para qualquer outra viagem. Surgiam os mesmos problemas a respeito do que levar e do que deixar, as mesmas indecisões relativamente à casa, alugá-la ou deixá-la fechada, o mesmo desgaste mental e as mesmas e eternas irritações. A força do hábito era tão forte que chegaram a planejar sua partida nas férias semestrais.

Quando eles finalmente partiram, foi um alívio - e a viagem ao satélite das Nações Unidas foi exatamente como imaginaram que fosse. As estrelas estavam tão próximas que se podia quase tocá-las com a mão e o abismo escuro do espaço era algo real e tangível. A sensação era a mesma que se sentia quando se ia ao mar pela primeira vez e deixava-se ficar no convés com o rosto ao vento, contemplando as ondas verdes e a concha do céu, achando que havia ali algo de novo e misterioso e que qualquer coisa podia acontecer...

Uma vez dentro da ampola de metal da nave espacial, entretanto, tudo era muito diferente. Logo se deram conta de que a viagem a Sírío ia ser bem menos excitante. O Almirante York mantinha um voo firme e evitava a possibilidade de emergências com a calma e a eficiência que previam tudo e evitavam a ocorrência de enganos. Não havia nada para ver e pouca coisa para fazer.

Quando lá dentro, pensou Monte, uma nave espacial interplanetária era o meio de viajar menos interessante que existia. E fez uma descoberta que milhões de homens haviam feito antes dele: viajar num avião grande, por exemplo, não é nem de longe tão divertido quanto viajar num avião pequeno; e no terreno das grandes sensações nenhum avião pode competir com uma cavalgada através da campina ou um passeio de canoa num riacho cristalino e cascadeante. Quanto mais exótico o meio de viajar - naves espaciais, submarinos ou seja-lá-o-que-for - mais tinha o homem que levar

consigo seu próprio ambiente particular. E ainda, quanto mais particular o ambiente artificial, menor era o contato direto por ele conseguido com o mundo natural exterior.

O hiperespaço ao redor da nave espacial devia ser inacreditavelmente fascinante, mas não podia ser visto, ouvido ou tocado. O mundo do viajante estava dentro da nave e esta era um mundo árido, fechado por paredes metálicas e cinzentas, com frágeis passadiços e um ar frio e estagnado que sussurrava e assobiava através de orifícios como névoa fulgurante e circulando e re-circulando eternamente na abóbada que se tornara o universo.

Onze meses numa abóbada pode ser muito, muito tempo.

Mesmo assim, havia um trabalho a ser feito...

Vozes.

Monte encostou-se na parede fria do pequeno compartimento que Charlie Jenike havia guarnecido com seu equipamento de gravação e alisou a barba com ar distraído. Ouvia os sons emitidos pelos alto-falantes e tentava perversamente extrair algum sentido deles.

Era impossível, claro. As vozes soavam de modo bastante humano; ele conseguia distinguir o que parecia palavras pronunciadas por homens e mulheres, juntamente com elocuições que soavam como falas de crianças. Mas os sons que haviam sido colhidos pelos microfones ocultos da primeira expedição Sírio não lhe transmitiam qualquer significado. Eram vozes que falavam do outro lado do imenso abismo que separava uma espécie de homem da outra, vozes de pessoas que estavam mais afastadas dele do que um *Neanderthal* da última idade de gelo...

- Está conseguindo alguma coisa, Charlie?

Charlie Jenike fez rodar no banco sua forma aromática e encolheu os ombros. Monte teve a impressão que ele ia cuspir no chão, mas para sorte sua isso não aconteceu.

- Alguma coisa? Tenho algo para lhe dizer, Stewart. Estou exatamente no mesmo lugar em que estava há uma semana... e isso quer dizer, precisamente, em parte alguma. Quero lhe mostrar uma coisa.

- Que é?

Jenike, movendo-se com surpreendente agilidade, levantou um projetor e acionou alguns botões que controlavam os sons emitidos pelo alto-falante.

- Há aqui uma sequência de ação com algumas frases que a acompanham - disse ele - Vou lhe mostrar o que estou estudando.

Uma fotografia tridimensional, clara e definida, apareceu no ar. Um nativo do *Sírio Nove* pulou de uma árvore no chão (ouviam-se distintamente um som surdo quando ele caía no chão) e encaminhou-se para outro homem nu que se encontrava numa clareira. O reprodutor de som era espantosamente sensível e Monte podia ouvir até a respiração rápida do segundo. O homem que havia descido da árvore disse qualquer coisa ao outro homem. Não se percebia claramente o que ele dizia, pois os sons das palavras eram inteiramente diferentes dos de qualquer outra língua que Monte conhecia. O homem que apareceu na clareira hesitou um momento e em seguida emitiu um assobio singular. Os dois homens começaram a caminhar lado a lado e desapareceram na floresta. Jenike desligou o aparelho.

- Nítido, não? É praticamente o que temos de mais útil. Já apreendi perfeitamente bem o sistema fonético; posso repetir o que esse camarada disse sem qualquer difi-

culdade Mas que diabo isso significa?

- Você precisa é de um dicionário.
- Claro. Quer antes me conseguir uma coisa?

Monte mudou de posição cuidadosamente; a baixa gravidade artificial de que o Almirante York estava tão orgulhoso era capaz de atirar o passageiro contra a parede se ele não ficasse permanentemente atento. Monte estava interessado no problema de Charlie. Ele seria um osso duro de roer mesmo se se tratasse de uma cultura conhecida.

Suponhamos, por exemplo, que dois americanos se encontrem num saguão. Imagine-os falando uma língua inteiramente desconhecida de um observador oculto. Um deles olha para o outro e diz algo.

O que?

Talvez isto: "Joe! Como está você?" (A saúde é o principal interesse da cultura americana, mas nós não dispomos dessa indicação no *Sírio Nove*).

Ou talvez isto: "Joe! Como passa a mulher e os filhos?" (A mesma indicação, mais conhecimento da típica estrutura familiar. Em outra parte podia ser esposas e filhos).

Ou talvez isto: "Joe, seu safado! Tudo bem?" (Tanto na América como em outros lugares esses contatos em tom de galhofa são comuns).

Ou isto: "Joe, sai da frente. Vou dar-te um murro nas fuças." (Só ocasionalmente os americanos falam o que estão pensando).

Mesmo sem a ideia vaga que pudesse ser dada por um sistema cultural conhecido, as vozes do *Sírio Nove* eram apenas isto - vozes. Eram sons sem sentido. Seria definitivamente impossível aterrisar no planeta numa cintilação de glória, aproximar-se de um nativo e dizer - "*Saudações, Ó Homem-Que-É-Meu-Irmão! Vim além do céu, cheio de boa-vontade, trazer-lhes os benefícios do jazz de nossa civilização. Vem, vamos de braço dado ao alegre e antigo Conselho dos Sábios...*"

- Vou dar com os burros nágua - disse Charlie, acendendo um cigarro. - Tem alguma ideia?

- Continue pesquisando, é tudo que posso dizer. Provavelmente teremos de tratar de uma aproximação não verbal, mas se sua função é aprender o mais depressa possível a língua, esperamos que você o consiga. Há alguma coisa que eu possa fazer?

Jenike sorriu, mostrando os dentes amarelos. - Claro, pode dar o fora e me deixar trabalhar.

Monte reprimiu a resposta que surgiu instantaneamente em seus lábios; preferia manter um ambiente de concórdia.

- Mãos à obra, então.

Fez menção de sair.

- Monte.

- Que é?

- Não me leve a mal. Obrigado por ter vindo aqui.

- Não há de que.

Sentindo-se mais calmo, fechou a porta atrás de si.

Imediatamente as vozes se fizeram ouvir outra vez. Monte podia ouvi-las indistintamente no silêncio frio da nave: alegres, solenes, impertinentes, galhofeiras.

Seguia cuidadosamente através do passadiço e os sussurros seguiam-se, enchendo-lhe a cabeça.

Sons de um outro mundo...

Vozes.

O grande compartimento em forma de ovo destinado a repouso era razoavelmente dotado de mesas e cadeiras, chegando mesmo a ter na parede a pintura de um mamífero nu. Dispunha também de um bar razoável e o ar refrigerado estava um pouco aquecido pela nuvem de fumaça e de vozes que caracteriza tais lugares em qualquer parte.

Havia lá dentro dois grupos distintos. Os componentes da tripulação formavam um círculo compacto e barulhento em volta do bar. Os antropólogos, como sempre, encontravam-se em conferência na mesa do canto. Monte tinha certeza que a tripulação achava que eles eram tão estranhos quanto qualquer coisa que pudesse ser encontrada no *Sírio Nove* e ele às vezes concordava com eles.

- Refugio, meu velho - dizia Don, enquanto cruzava as longas pernas sem macular o vinco das calças. - Completo refugio.

Os olhos azuis de Tom Stein piscavam atrás das lentes grossas e ele apontou o dedo magro para o arqueólogo.

- Tudo pra você é muito simples. Você vem lidando com pontas de lança e cacos de louça há tanto tempo que acha que o homem não é mais que isso. Acho que é um erro classificar aquela gente de modo tão primário sem ter bases sólidas para falar deles.

Don tragou o resto de sua bebida de um só gole.

- Você está criando problemas onde os mesmos não existem, como o nosso amigo Monte aí. Ora, meu caro, há constantes na cultura. Estamos muito longe do estágio em que se podia afirmar seriamente que uma cultura não passava de uma coleção maluca de peculiaridades não relacionadas umas com as outras... uma questão de fragmentos e retalhos, para usar a frase infeliz de Lowie. As culturas, conforme vocês mesmos sempre afirmam, estão ligadas eternamente. Uma simples tecnologia, - e nós nem sabemos, se ou não existe qualquer tecnologia no *Sírio Nove*; pelo menos nada vi ainda que a torne evidente - significa um baixo nível de cultura. Não se inventa a álgebra enquanto se vive arrancando raízes, meu caro. Vamos nos encontrar com uma tribo primitiva de colhedores e caçadores.

Por que torná-los mais complicados do que são?

Monte soprou o cachimbo, com ar divertido.

- Isso é que tem me preocupado. São complicados de que modo?

Don fingiu não ver a isca e mudou de posição, o que sempre fazia com excepcional habilidade.

- Bastante complicados em certo sentido. Explicarei. Tudo pode ter parecido interessante e simples a Heideleman lá nas Nações Unidas, mas o que é que ele pensa a respeito disso? Você leu as instruções oficiais a que estamos sujeitos em nosso trabalho? Elas dizem que temos que estabelecer contato com os nativos do *Sírio Nove*. Isso me faz rir. Ora, como estabelecer "contato" com um mundo como *Sírio Nove*? Um mundo é um lugar muito grande. Vocês deviam imaginar que eles não ignoram isso lá nas Nações Unidas.

Ralph Gottschalk mexeu na cadeira o enorme corpo. Tinha uma voz surpreendentemente suave e todos ficaram atentos.

- Creio que Don em parte tem razão. Pelo que sabemos não se pode admitir a hipótese de uma cultura uniforme no *Sírio Nove*. Há lá milhares de grupos isolados de colhedores de alimento. Se uma nave espacial tivesse aterrissado entre os boximanes da África há quinze atrás podia ela ter estabelecido contato com a Terra? Me parece pouco provável.

Monte encolheu os ombros.

- Todos nós sabemos que estaremos agindo bem se estabelecermos contato com um só grupo. O mesmo acontece com Heideleman. Mas mesmo assim teremos que ser cautelosos. Muita coisa depende do que fizermos no *Sírio Nove*.

Don King arregalou os olhos.

- Por que?

Monte, que teria feito exatamente a mesma pergunta se não fosse o chefe da expedição, entrou na conversa.

- Excluindo a possibilidade, remotamente admitida, de que podemos estar nos metendo numa camisa de onze varas, pode-se argumentar que fizemos pelo menos algum progresso nos terrenos da ética e da lei desde o tempo de Cortês e o resto de seu alegre bando. Não podemos simplesmente navegar para dentro de um novo porto, içar a bandeira e pôr o grupo em fila para desembarque.

- Pode ser. Talvez eu esteja sendo cínico no momento por me encontrar entre esposas, mas tenho minhas dúvidas quanto a esse raciocínio. Julgamo-nos civilizados, o que quer dizer que temos saldo suficiente para pagar luxos, como por exemplo filosofias altamente avançadas. Mas se as coisas se tornassem difíceis, aposto que voltaríamos imediatamente ao ponto de partida em menos tempo do que gastaríamos para dizer Cuthbert Pomercy Gundelfinger; seria então olho por olho, dente por dente e pâncreas por pâncreas. Os homens são assim.

- Talvez tenhamos oportunidade de resolver isso - disse Monte.

- Talvez, desta vez. Como já disse, estou entre duas esposas no momento e isso me torna sempre cínico.

- A diferença - observou Monte - é imperceptível.

Ralph Gottschalk levantou-se, assemelhando-se mais do que nunca a um gorila.

- Vou voltar ao trabalho, senhores.

Monte acompanhou-o, deixando Don e Tom Stein entregues aos seus intermináveis e divertidos argumentos.

Juntos os dois homens atravessaram a fria nave de metal e recomeçaram a estudar os relatórios da primeira expedição.

Quando Monte retornou ao seu minúsculo compartimento, depois de ter conferenciado com o Almirante York sobre as diversas providências a serem tomadas no *Sírio Nove*, encontrou Louise encolhida na cama lendo uma novela. O título do livro era "Chama Lunar", que Monte sabia ser o atual best-seller que - para citar o que vinha escrito na sobrecapa - arrancava o véu das paixões incandescentes que ardiam no seio da Colônia da Lua.

- Muito picante isso?

Louise encolheu-se em sua audaciosa camisola de seda - que ele lhe dera no Natal havia já dois anos - e sorriu.

- Vamos para a Lua, meu bem.

Ele riu e sentou-se na cama.

- Pensei que você estivesse nos tanques de culturas aquáticas.

- Passei só uma hora lá - tornou ela, passando a escova nos longos cabelos negros. - Mas aquilo não é a mesma coisa que um jardim, não é? Há muitos ingredientes químicos... é como cultivar plantas num laboratório de química. Sinto falta de nossas rosas, Monte. Não é uma bobagem?

- Acho que não, Lise. - Ele tomou-a nos braços e acariciou-lhe o queixo com a barba. - Três anos é uma boa parte da vida de qualquer um... e você já fez maravilhas

com nossas flores. Engraçado... as coisas de que você sente falta aqui.

- Eu sei. Surpreendi-me pensando em nossos piqueniques nas montanhas. Lembra-se de Beaver Creek, onde você agarrou todos aqueles arco-iris? E como as nuvens subiam rapidamente e como a chuva soava ao bater na cobertura do *cóptero*? Acho que a pior coisa numa nave espacial é não existir variações atmosféricas.

- A viagem não está sendo muito divertida para você, está?

Ela mudou imediatamente de assunto; compartilhava do interesse de Monte pelo *Sírio Nove* e não gostava de esposas lamuriantes.

- Que é que o Almirante York tinha para dizer?

Monte hesitou.

- Pouca coisa. Ele é um camarada sensato, me parece. Estivemos estudando os detalhes das operações de socorro em caso de emergência.

Subitamente se deram conta do aço frio e sempre presente que os cercava, do aço frio e do grande vazio exterior...

Monte pensou nos filhos que eles nunca tiveram (Louise havia perdido dois filhos no parto e o médico aconselhara-os a desistir) e sabia que Louise também estava pensando neles. Era a tristeza de que ambos partilhavam,

Louise segurou-o com firmeza.

- Você tomará cuidado, Monte?

- Claro, Louise.

- Detesto ser maçante... mas você é tudo que eu tenho. Não poderia viver sem você.

Ele beijou-a e sentiu os lábios dela tremerem sob os seus.

"No fim tudo retorna a isto", pensou ele "Os problemas e todas as lutas, todos os triunfos, todas as tristezas retornam no fim de tudo a um quarto onde há um homem e uma mulher. Sem ela, nada sou. Sem ela, o universo fica vazio."

E em seguida disse para si mesmo: "Monte, você não passa de um palerma sentimental".

"Ora, dane-se! É assim que eu gosto!"

- E eu também - disse Louise, pois a longa prática permitia-lhe ler o pensamento do marido.

Na escuridão da noite artificial, com Louise adormecida ao seu lado, Monte Stewart acordou. Havia sonhado e o sonho não fora agradável. Seu pijama estava molhado de suor.

Ficou imóvel, com os olhos arregalados, contemplando a escuridão.

"Talvez seja a nave que esteja me pondo nervoso. Talvez seja o ar frio e estagnado que sussurra nos orifícios, ou a vibração do propulsor que invade o homem, ou a gravidade que nunca é inteiramente normal. Talvez seja o aço cinzento que me fecha aqui..."

"Não."

"Afastese dessas ideias, Monte." "Você sabe o que é."

Claro que sabia. As formas estranhas de vida que haviam sido encontradas nos sistemas *Centauro* e *Prócion* não o haviam preocupado nem um pouco quando leu sobre elas. Elas eram realmente estranhas, tão diferentes dos seres humanos que não havia ponto de conflito possível, ou pelo menos mais do que haveria entre uma truta e um pinheiro. Quando as formas de vida são completamente diferentes, podem conduzir-se a modo de se ignorarem. Mas quando estão próximas - bem, havia

uma inesperada verdade na antiga frase que aconselha os seres ficarem bem próximos por questão de bem-estar.

De certo modo, pensou Monte, todos eles ficaram discutindo o problema real fazendo de conta que ele não existia. Afinal de contas, não importava muito se os nativos do *Sírio Nove* tinham ou não uma cultura mais complexa do que parecia à primeira vista.

O que realmente importava era o fato de serem eles homens.

O único animal que o homem devia temer era o homem; foi sempre assim e assim havia de ser sempre.

Em certo sentido, Monte Stewart ia encontrar um nativo de um outro mundo. Em outro, e igualmente real, o homem ia pelo menos encontrar o homem, seu amigo eventual, e seu mais antigo inimigo.

4

Há uma série de advertências, Monte sabia, às quais o homem não dá a mínima importância quando se encontra num planeta estranho. Entre elas as mais importantes são as seguintes:

- A estrela Sírio é vinte e seis vezes mais luminosa do que o Sol e tem um volume duas vezes e meia maior. Possui uma temperatura de 19,700 graus Fahrenheit. Tem por companheira uma estrela anã que gira em sua volta de cinco em cinco anos. A anã fica muito longe - vinte vezes a distância da Terra ao Sol - e é apenas três vezes maior do que a Terra. O sistema Sírio é composto de doze planetas e o nono, numa órbita elíptica muito distante, pode, por ser muito semelhante, passar por primo ou talvez por gêmeo da terra. O planeta tem cinco por cento mais de nitrogênio na atmosfera do que a Terra e um pouco menos de oxigênio.

Por outro lado, havia outros aspectos que não podiam ser ignorados.

E eram estes os que mais o intrigavam:

O sol é branco e ofuscante; uma fornalha gigante e enfurecida no céu. Se não se toma cuidado, ele faz com incrível rapidez bolhas em nosso corpo. As horas do dia, que são dez ao todo - são quentes e sufocantes e o ar muito úmido; uma camisa cola nas costas dez minutos depois de vestida. A gravidade, especialmente depois de alguns meses de viagem, apresenta uma graduação fortíssima e os pés ficam como se tivessem pisado um terreno barrento e saíssem dali colados em enormes e pesados torrões. Qualquer coisa no ar não se harmoniza com a gente; o nariz coça constantemente e há sempre uma ardência na garganta. Animais estranhos farejam a gente pelo ar e ficam em pânico ao sentir o cheiro. Os prados ondulados parecem muito agradáveis, mas não ficam nunca planos - tem-se sempre ou que subir ou descer uma inclinação ilusória e há ainda uma quantidade surpreendente de espinhos e farpas para ferir a pele e rasgar a roupa. As grandes florestas que crescem em faixas ao longo dos sopés das montanhas pontudas são sombrias e imóveis e as folhas vermelhas das árvores sugerem um outono de pesadelo. Há nuvens cor de chumbo no horizonte e trovões mudos fazem o vento gemer...

Monte enxugou o suor da testa com a manga úmida e tentou encontrar no seu fuzil um lugar menos escorregadio para segurar. Encontrava-se já havia duas semanas

no *Sírio Nove* e não tinha ainda conseguido formar sua opinião a respeito do mesmo. Havia visto os nativos com seus próprios olhos e nada mais sabia sobre eles do que já sabia quando estava na Terra. Viajar através dos anos-luz, pensou ele, era mais fácil do que passar da mente de um homem para a de outro.

Pela primeira vez em sua vida ele compreendia verdadeiramente que uma cultura, um meio de vida, podia ser uma coisa totalmente estranha - algo para o qual não havia absolutamente correspondente na Terra. Nada em sua experiência anterior o havia preparado para a realidade dos habitantes de *Sírio Nove*. Agora, errando através do capim espesso do campo, com Charlie Jenike ao seu lado, não conseguia esquecer o que escrevera em seu caderno de notas na noite anterior. (Disponha de dois cadernos, um oficial e um particular. Até aquele momento o caderno oficial estava praticamente em branco).

Assusta dar-se conta do quanto somos ignorantes e de como estamos inteiramente condicionados pela nossa experiência limitada. Histórias e especulações aprendidas a respeito da vida em outros planetas parecem sempre ressaltar as qualidades estranhas e exóticas desses mundos distantes, mas as formas de vida que existem em oposição a esses cenários vivem todas como os terráqueos, pouco importando a singularidade da aparência que possam ter. (Ou então elas vivem como insetos socializados, o que vem a dar na mesma coisa). Todas as lagartas, octópodes, répteis e rãs possuem sistemas sociais exatamente como os dos vikings, dos Kwakiutls ou dos zulus. Ninguém parece ter-se dado conta de que uma cultura pode também ser estranha, mais estranha do que qualquer planeta de chumbo borbulhante. Pode-se chegar perto de algo que parece ser um homem - e é um homem - e não conhecê-lo de modo algum, ou não saber nada a respeito dele...

Charlie espirrou.

- O *Klinex* faria uma fortuna aqui.

Monte torceu os olhos, esforçando-se para ver toda a campina que o cercava.

- Diabo, creio que perdemos ele outra vez. - Olhou para uma grande esfera de reconhecimento cinzenta que flutuava no céu acima deles e então falou no rádio de pulso: - Como é que nós vamos indo, Ace? Não consigo ver nada aqui.

A voz macia de acento texano de Ace Reid, que pilotava a esfera, tranquilizou-os:

- Ele está no mesmo lugar. Exatamente na orla da mata. Se ele não ficar em pânico, o senhor está seguindo a direção certa.

- Obrigado. Não se afaste. - Cortou a ligação e cuidou de evitar os espinhos ocultos no capim. Sua garganta ardia e os olhos estavam irritados. Felizmente o dia estava nublado, mas o calor que fazia era quase insuportável. Sentia-se como sob a ira de Deus e olhava para sua empresa naquele momento com pouco otimismo. Tinham tentado já duas vezes estabelecer contato - como ele detestava agora esta frase - com os nativos e nada haviam conseguido.

Todavia, admitiram a possibilidade de conseguir uma aproximação do modo como tentavam agora: dois homens a pé. Talvez assim não fossem excessivamente alarmantes. E o velho que haviam escolhido parecera-lhes mais curioso do que os outros.

- Isto - observou Charlie Jenike - é um crime.

- Fardo dos Terráqueos - murmurou Monte. Teria preferido ter levado consigo Ralph Gottschalk, mas tinha premente necessidade de ter um linguista à mão no caso de o nativo dizer alguma coisa. Charlie, de qualquer modo, esforçava-se para mostrar-se cordial e nada lhe custaria retribuir a cordialidade.

Continuou avançando através do capim azulado e agressivo, falando para encher o

silêncio.

- Olha, Charlie, já fazia muito tempo que nenhum antropólogo entrava num lugar assim tão desamparado. Quero dizer, mesmo os antigos moços dispuseram de um tipo de intermediário... administradores, alguém que conhecia alguém, alguém importante. Me sinto como um daqueles espanhóis que desembarcaram na praia e deram com um grupo de índios que ninguém tinha visto antes.

- Prefiro os índios. Pelo menos são do nosso planeta... E um daqueles espanhóis acabou sendo chefe. - Charlie começou a espirrar outra vez.

De modo surpreendente e inesperado pisaram numa elevação e viram na frente deles os contornos escuros da mata. Monte parou e examinou o terreno. Não via o homem. Naturalmente tinham ainda pela frente umas cem jardas...

Voltou a falar no rádio:

- Ace?

- Ligeiramente à esquerda, sigam.

- Está bem, obrigado. - Desligou o rádio. - Preparado, Charlie?

- Não estou andando aqui pra ajudar minha digestão.

Monte respirou fundo, sufocou sua irritação, e teve uma vontade irracional de acender o cachimbo. Isto naturalmente era impossível. Se não houvesse no *Sírio Nove* nenhuma planta semelhante ao fumo, os nativos podiam não olhar de muito boa vontade para um homem estranho de cuja boca saia fumaça.

Os dois homens seguiram adiante, com os fuzis preparados.

- Atenção - murmurou Charlie subitamente. - Estou vendo ele

O homem estava em pé na orla da mata, meio escondido pelas sombras. Estava imóvel e olhava fixamente para eles.

Monte não hesitou.

- Vamos adiante. Fique atrás de mim, à minha direita. Não use o fuzil, a menos que eu seja atacado e pelo amor de Deus, Charlie, esforce-se por parecer cordial.

Monte encaminhou-se para o homem, com passos firmes. Seu coração batia acelerado dentro do peito. Estava a vinte jardas do homem, quinze...

Não tinha ainda conseguido chegar tão perto.

O homem parecia preso ao solo e seus grandes olhos negros cintilavam. Sua pele cor de cobre brilhava contra a luz e o cabelo de frisos dourados parecia eletricamente vivo. Os braços longos tocavam o chão. O homem estava completamente nu, com as listas verticais pintadas no peito. As listas eram todas vermelhas.

Não tinha consigo nenhuma arma.

Dez jardas...

Monte parou. "Diabo", pensou, "é um homem. Olhando assim de perto não se tem a menor dúvida".

Monte pôs o fuzil no chão e levantou as mãos para mostrar que estavam vazias.

O homem deu um passo rápido para trás. Seus olhos negros pestanejaram. Era bastante velho, notou Monte, embora seus músculos parecessem rijos e flexíveis. Parecia assustado, confuso e indeciso. Mas havia algo mais em seu rosto, como se se debatesse numa luta interior. Os olhos negros e fundos eram tristes, ainda que estranhamente vivos...

Não vá embora... não fuja.

Monte procurou qualquer coisa em sua mochila e retirou um pedaço de carne crua e um cacho de cerejas vermelhas. Ofereceu a carne com a mão direita e as cerejas com a esquerda, estendendo-as na direção do homem.

O velho olhou para os alimentos em silêncio. Limpou as palmas das mãos nas pernas nuas.

Monte deu mais um passo adiante.

O homem recuou mais um passo, desaparecendo quase atrás de um tronco azul.

Monte ficou imóvel, com os braços estendidos. Não sabia o que fazer.

Se pudesse falar com o homem...

Abaixou-se e colocou as cerejas e a carne no chão. Em seguida acenou para Charlie e recuou dez passos. Esperaram. Durante um longo minuto que parecia estender-se até a eternidade, o velho ficou imóvel.

Então, surpreendentemente, ele assobiou, um assobio longo e um curto. O som era muito parecido com o usado para chamar cachorro.

Nada aconteceu.

O homem repetiu o assobio, impacientemente.

Desta vez atingiu seu objetivo. Um animal ganiu no fundo da mata. Ouviu-se o ruído de patas pisando lentamente sobre as folhas secas. O som aproximava-se...

O animal apareceu na orla da mata e parou ao lado do homem. Era um quadrúpede enorme e seu cheiro espalhou-se pelo ar. Tinha cerca de quatro pés de altura e seu pelo era de um cinza sujo. Seus músculos longos encrespavam-se sob a pele tesa. Suas orelhas caíam ao longo da cabeça lúzida e ele rosnava incessantemente. Olhava para os dois estranhos e mostrava os dentes afiados.

Monte mantinha-se imóvel. O animal parecia mais com um lobo do que com qualquer outra coisa, mas sua constituição conferia-lhe os elementos da rapidez. Tinha cabeça comprida e mandíbulas possantes. Era feroz e assassino, dizia o instinto de Monte, que se sentia diante dele exatamente como se sentia quando olhava para uma cascavel.

A fera farejou o ar e rugiu outra vez.

O velho assobiou de novo.

O animal encolheu-se e, com a barriga quase tocando o chão, avançou lentamente. Ele rosnava sem cessar, com seus longos dentes à mostra. Olhou para Monte. Sua boca babava. Seus olhos eram amarelos, amarelos...

O animal fez uma rápida pausa perto da carne e em seguida continuou avançando.

Monte sentia o suor escorrer nas costas.

O velho deu um passo a frente e assobiou outra vez, zangado. A fera parou relutante, mas continuou rosnando. Aí virou-se, abocanhando a carne e retornou ao homem junto da mata. O homem afagou a cabeça do animal, fez uma indicação com a cabeça e a fera desapareceu dentro da mata, levando consigo a carne. Mantinha-a presa na boca, cuidadosamente, sem comê-la.

Lentamente o homem avançou e apoderou-se das cerejas, pegando-as com a mão direita. Olhou então para Monte e seus olhos denunciavam medo.

Monte suspirou fundo. Seria agora ou nunca. Apontou para si mesmo.

- Monte - disse ele pausadamente. Apontou então para Charlie: - Charlie.

O homem havia compreendido, Monte teve certeza. Seus na mão. Não deu qualquer resposta. Seus olhos começaram a correr de um ponto para outro e não se fixaram em nenhum dos dois. Ele parecia excitado e nervoso. Em certo momento ele olhou para a esfera cinzenta que flutuava no céu.

Monte mais uma vez apontou para si mesmo e repetiu seu nome.

O homem havia compreendido, Monte teve certeza. Seus olhos negros eram vivos e inteligentes. Mas ele continuou calado. Ele dava a impressão de alguém tentando tomar uma decisão, uma decisão terrivelmente importante...

Subitamente, sem qualquer sinal, o homem virou-se e encaminhou-se para a floresta. Em poucos segundos ele desaparecera.

- Espera! - gritou Monte inutilmente. - Não vamos lhe fazer nenhum mal, diabo!

- Experimente assobiar - disse Charlie ironicamente, baixando o fuzil.

Monte cerrou os punhos. Sentia-se, de certo modo, solitário com a partida do homem, sozinho num mundo que ficava tão longe do seu. Toda sua pele formigava horrivelmente. Olhou para cima. Nuvens escuras cobriam o céu, e o ronco do trovão soou mais perto. Viu um raio esbranquiçado ferir a floresta. Havia no ar um forte cheiro de chuva.

Monte decidiu logo o que devia fazer. Não ia deixar escapar aquele homem. Chamou a esfera e narrou rapidamente o que havia acontecido.

- Qual é a extensão da floresta, Ace?

- Não é muito larga... menos de meia milha talvez. Mas é muito comprida, estende-se duas ou três milhas tanto à esquerda como à direita e vai afinando até acabar.

- Vamos segui-lo. Quero que você desça e flutue acima das árvores. Comunique-me imediatamente se ele sair do outro lado. Não nos perca de vista e se nós gritarmos você sabe o que fazer.

- O senhor é quem manda... mas vem aí uma forte tempestade...

- Eu sei. Não se afaste.

Monte cortou a comunicação e alisou a barba.

- Ele saiu andando, Charlie. Isso quer dizer que há ali um caminho.

Charlie Jenike olhou sem entusiasmo para as nuvens escuras.

- E se ele se locomover pelas árvores?

- E daí? - perguntou Monte impaciente. - Nunca brincou de Tarzan quando era garoto?

Charlie pôs as mãos nas ancas largas e procurou concluir se Monte pretendia ou não seguir o homem pulando de árvore em árvore. Não chegou a nenhuma conclusão, possivelmente porque o próprio Monte não sabia ao certo o que havia de fazer.

Monte pegou o fuzil e dirigiu-se para a floresta. Teve a impressão de ouvir o gemido de um animal, mas provavelmente aquilo não passava de um produto de sua imaginação. Estava abafado e quente no meio das árvores e as formas esquisitas dos ramos e das samambaias davam ao local a aparência do mundo da fantasia. O interior da floresta era escuro e sombrio. Monte sentia-se cercado como se tivesse atravessado uma muralha invisível.

Trovões retumbavam acima deles e os ramos negro-azulados das árvores baixas agitavam-se inquietos.

- Olha, - disse ele - há um caminho.

Era apenas uma trilha estreita e sinuosa. Em determinado lugar, onde as folhas haviam sido afastadas, havia uma pegada recente - a marca de um pé descalço parecido com o do homem com o dedão abrindo em ângulo como o polegar humano. O caminho sugeria uma trilha através da mata e que marcava o retorno ao lar; não havia nele nada de assustador.

Mas tudo estava tão quieto! Até os pássaros haviam calado com a presença deles e nenhum animal dava sinal de vida.

Monte não pensava em nada e acompanhava o caminho.

A tempestade caiu fria e violenta antes que eles tivessem caminhado duzentas jardas.

Um vento compacto batia-se através das árvores e o rugido de um trovão metálico ecoou no céu. Extensos véus cinzentos de chuva levada pelo vento açoitavam as árvores e caíam em cascatas prateadas encharcando o chão.

Monte abaixou a cabeça e continuou andando. Ouvia Charlie praguejar atrás dele. A chuva que batia em suas costas era estranhamente refrescante e a tempestade parecia desanuviar surpreendentemente o ar. Apesar do som enervante e ensurdecido

da chuva, Monte sentia-se melhor do que antes. Seu nariz parou de coçar e mesmo sua garganta irritada estava menos dolorida.

Correu os olhos à sua volta, mas com exceção dos rios de chuva, dos ramos agitados e dos troncos negros das árvores nada mais via. O retumbar dos trovões era tão contínuo que impossibilitava qualquer diálogo. Acima deles, os galhos das árvores chiavam e gemiam ao vento.

Ele estava ensopado, mas isto não tinha importância. Retirou os cabelos molhados dos olhos e continuou andando. Cuidava apenas de por um pé adiante do outro, sentindo os pés escorregarem dentro das botas, e continuava olhando, olhando...

Havia ainda claridade, mas uma claridade opaca e lúgubre, quase tão turva quanto a chuva. Era uma luz fantasmagórica, que fugia do sol oculto e que trazia em si a escuridão iminente...

Ali.

Uma árvore gigantesca à direita da trilha, curiosamente parecida com uma sequoia da Califórnia, uma árvore que tinha em seu tronco uma abertura negra, como uma caverna...

Dentro da cavidade um rosto cor de cobre, assustado, dois olhos negros espreitando a chuva. Monte levantou a mão.

- Lá está ele! - gritou.

Charlie aproximou-se e seu corpo atarracado quase desaparecia entre os incontáveis pingos da chuva.

- Vamos agarrá-lo logo. Podemos fazer amigos mais tarde quando não estiver chovendo.

Monte sorriu e sacudiu a cabeça. Podiam eventualmente chegar a este ponto, mas não queria começar assim, de modo tão desprezível. Continuou onde estava, com a chuva gemendo à sua volta, esforçando-se desesperadamente para descobrir algum meio - qualquer meio - que correspondesse à ideia de relações pacíficas.

Não havia nunca sentido com tanta premência a necessidade de um diálogo. Difícilmente estaria mais longe daquele homem na árvore do que já estivera de qualquer homem na Terra.

Lembrou-se de que Charlie havia elaborado algumas frases numa das línguas nativas e achou que sabia aproximadamente o significado delas. Mas nenhuma delas - mesmo admitindo-se que estavam corretas - funcionou naquela situação. A culpa não era da primeira expedição, pois eles haviam instalado convenientemente os microfones e as câmeras. O fato é que nós pura e simplesmente não dizemos as coisas exatas em conversas eventuais e diárias. O homem passa diversos dias sem dizer uma só vez - "sou amigo". Ele pode viver muitas vidas airoso sem nunca dizer algo útil como: "sou um homem de outro planeta e quero apenas conversar com você".

O que tinham de mais aproximado era a frase que Charlie julgava ter o seguinte significado: "Você está acordado e está na hora de comer".

Esta frase no entanto não parecia ser muito promissora.

- Por que ele não nos convida pra entrar? - gritou Charlie. - Está olhando bem para nós.

- Não preciso de qualquer tipo de convite. Vamos entrar pra ver o que acontece.

Monte dirigiu-se para a árvore.

O velho fixou nele seus olhos negros. Esses olhos, pensou Monte, refletem todas as experiências de uma vida e todas aquelas experiências eram inteiramente desconhecidas do homem da Terra. O homem parecia não só de outro mundo, mas de outro tempo também. Era um ser da floresta, tímido e medroso, pronto a entrar em pânico.

nico...

- Charlie! Tente falar!

Charlie Jenike pôs as mãos em concha ao redor da boca e emitiu uma estranha série de sons, algo parecidos com os de uma canção, embora sua voz não fosse nada musical.

- Você está acordado - achou ele que estava dizendo na língua nativa - e está na hora de comer!

O velho encolheu-se na cavidade do tronco, com a boca aberta, atônito.

Monte deu mais um passo em frente.

Súbita e inesperadamente o homem disparou. Arremessou-se para fora do abrigo, com muita rapidez, apesar de sua idade, e correu, desajeitadamente, enquanto os longos braços oscilavam no ar. Passou tão perto de Monte que ele chegou a tocá-lo com a mão. Subiu numa árvore com surpreendente agilidade, envolvendo o tronco com os braços e impulsionando o corpo com os pés. Quando atingiu os ramos mais fortes, lançou para trás um olhar interrogativo e em seguida saltou graciosamente de um galho para outro. Usava as mãos como se fossem ganchos, balançando o corpo sustentado pelos braços em forma de arco respiratório. Não parecia incomodado com a chuva e movia-se tão rapidamente que quase não se distinguia sua forma no ar.

Em poucos segundos havia ido embora - desaparecera no teto do mundo.

- E então, Tarzan?

Monte ficou imóvel na chuva. Começava a impacientar-se com aquele brinquedo interminável de esconder.

- Vou lá dentro - disse ele, tirando do bolso uma lanterna de pilha.

Charlie olhou para a caverna escura no tronco da árvore.

- Esse buraco pode não estar vazio, pense bem.

- Espero que não esteja.

- Vou atrás, meu caro... e precavenha-se contra a fera.

Monte caminhou com firmeza na direção da cavidade e entrou.

5

Havia um forte cheiro de animal no interior do compartimento, mas Monte sabia de antemão que o mesmo estava vazio. Fez correr o jato de luz à sua volta para certificar-se e seus olhos confirmaram o que seu instinto havia pressentido. O cômodo - se é que se podia designá-lo com esta palavra - pareceu-lhe vazio e estava vazio.

Na verdade, ali estava o lugar mais vazio que Monte já havia visto.

Afastou-se para dar passagem a Charlie e os dois ali ficaram resguardados da chuva, procurando compreender o que estavam vendo... e o que não viam.

O interior do tronco da grande árvore era oco e tinha o aspecto de uma câmara de cerca de doze pés de diâmetro. Cerca de dez pés acima da cabeça deles, uma superfície lisa constituía o forro tubular do teto que refletia a luz de suas lanternas.

O abrigo era uma abóbada disforme feita inteiramente da madeira viva da árvore. Mesmo o chão era de madeira, gasta e pardacenta e suficientemente porosa para absorver a água que pingava da roupa deles antes que ela se juntasse em poças. As paredes encurvadas apresentavam uma cor mais clara, branco-amarelada como a do pinho, e estavam imaculadamente limpas.

Havia, num lado da parede, uma espécie de prateleira, que não passava de um entalhe denteado. O pedaço de carne crua que o animal havia trazido estava na prateleira, juntamente com o cacho de cerejas.

Não havia mais nada.

Não havia qualquer peça de mobiliário - camas, cadeiras, mesas. A parede era inteiramente destituída de qualquer decoração, qualquer manifestação de arte. Não havia ferramentas, nem armas, nem potes, tigelas, cestos.

Não havia qualquer indicação do tipo de homem que vivia ali. A "casa" era apenas um enorme buraco no tronco da árvore: simples, tosco, inexpressivo.

E ainda...

Monte examinou cuidadosamente a parede. - Nenhum sinal de corte ou entalhe.

- Não. Ela é tão lisa como vidro. Nenhum vestígio também de carbonização.

- De que modo, diabo, eles fizeram isso?

- Como Topsy, - observou Charlie - nasceu e cresceu espontaneamente.

Monte sacudiu a cabeça.

- Duvido muito. Nunca vi um buraco de tronco que se parecesse por dentro com

este, você já viu?

- Vi de ninho de pássaro, mas nunca consegui entrar em nenhum deles.

Fora a chuva continuava caindo ao redor da árvore e o vento gemia num céu distante. Sentiam uma sensação agradável dentro do tronco; o local, como se já tivesse passado por muitas estações e muitas tempestades, tinha algo de indestrutível segurança.

Mas como podia ter um homem vivido ali e deixar tão poucos traços de sua existência?

- Talvez ele não more aqui - disse Monte lentamente. - Talvez isto aqui não passe de um acampamento temporário, um abrigo para algum propósito.

Charlie encolheu os ombros. Parecia muito cansado e estava com profundas olheiras.

- Eu diria que essa gente não tem qualquer material que denuncie cultura e isso, meu caro, não faz sentido. Sabe com que este lugar parece? Parece com uma toca de animal.

- Seria... mas nada tem que denuncie. Muito limpo em primeiro lugar. Não há ossos nem detritos de qualquer espécie. Não creio absolutamente que isso faça parte da natureza da árvore.

- É então sobrenatural?

- Quero dizer que isto foi formado de algum modo.

Charlie suspirou.

- Se eles podem fazer uma árvore crescer do modo que desejam, por que não podem escavar um troço duro? Coisa de louco. Este lugar, Monte, me dá arrepios. Vamos sair daqui antes de metermos o nariz em algo que não possamos manejar.

Monte refletiu durante alguns instantes. Era claro que o homem não voltaria enquanto estivessem dentro do tronco. Nada seria obtido com uma permanência indefinida ali. Mas não lhe agradou a ideia de retirar-se, pura e simplesmente. Começava a sentir-se um pouco inútil e esta experiência era nova para ele. E não estava gostando dela.

Meteu a mão na mochila e retirou uma faca de aço. Levantou a mão e colocou a faca na prateleira junto da carne e das cerejas.

- Acha isso sensato?

Monte friccionou a barba, que começava a cocar outra vez.

- Não sei. Você acha?

Charlie não respondeu.

- Temos que fazer alguma coisa. Eu gostaria de ver o que aquele camarada vai fazer de um instrumento como este. Vou chamar um dos rapazes para instalar aqui um explorador e um microfone antes que ele volte. Talvez então possamos ver realmente alguma coisa. Eu serei o responsável.

Ligou o rádio e chamou a esfera. A voz de Ace indicou que ele não estava se divertindo muito com a tempestade lá em cima, mas de qualquer modo não se encontrava em dificuldade. Monte transmitiu um relato dos últimos acontecimentos e marcou um ponto de encontro na orla da floresta.

- Vamos - disse, e voltou para a chuva.

Estava já bastante escuro e a floresta mergulhara no silêncio e na tristeza. A chuva caía com menos intensidade e os trovões pareciam perdidos ao longe, em outro mundo talvez. Abriram o caminho através dos ramos e re-encontraram a trilha. Os raios de suas lanternas perdiam-se na imensidão da noite.

Monte caminhava penosamente, com a roupa molhada colando no corpo. Estava exausto, não tanto pelo esforço físico, admitiu, como pela tensão do fracasso. Apesar

disso, o ar da noite era fresco e vitalizante, depois do calor sufocante do dia, e isso já era alguma coisa.

Todas as florestas, observou para si mesmo, são iguais à noite. E aquela onde se encontrava naquele momento era, no escuro, menos estranha. As árvores eram apenas árvores, sombras uniformes e negras que gotejavam e se agitavam à sua volta. Conseguia, ocasionalmente, ter um vislumbre de céu riscado de nuvens e chegou mesmo a ver uma estrela. Com um esforço leve da imaginação, podia sentir-se caminhando através da floresta mergulhada na noite da Terra, talvez voltando para casa de uma pescaria, e logo chegaria na cidade, onde as luzes cintilavam ao longo das ruas e músicas envolventes inundavam os bares...

Piscou os olhos e mudou no ombro a posição do fuzil. "Firme, rapaz. Você está a uma distância fantástica da Terra".

Sentia dificuldade em acostumar-se com aquele mundo. *Sírio Nove* era apenas um nome, ou menos que isso; uma coisa singularmente incongruente. Perguntou a si mesmo que nome davam os nativos ao seu mundo. Teve vontade de saber os nomes das coisas. Um mundo era terrivelmente estranho, inacreditavelmente desconhecido, até que fosse transformado pelos nomes. Os nomes tinham o poder da magia; podiam transformar o desconhecido em conhecido.

Cansado como estava, Monte estava tomado por uma determinação inabalável que não havia nunca conhecido.

Algum dia, ele saberia aqueles nomes... mesmo que para isso tivesse que morrer.

EXTRATO DO CADERNO DE NOTAS DE MONTE STEWART:

Esta é a décima-quarta noite que passo no Sírio Nove. O acampamento à minha volta está silencioso e Louise já está, dormindo. Só Deus sabe como estou cansado, mas estou acordado e sem sono.

Sempre ouvi dizer que quando se sabe exatamente as perguntas que vamos fazer, as respostas saltam praticamente diante de nossos olhos. Eu mesmo disse isso aos estudantes naquela minha outra vida. (Viagem espacial cura completamente o mal da presunção. Aqui me sinto bastante ignorante. E me pergunto se não estava ficando, na terra, um pouco arrogante?)

Bem, creio que sei algumas das perguntas exatas. Eis aqui as mais claras:

Que é que estava fazendo na floresta o homem que perseguimos? E, se ele mora no buraco daquele tronco, mora ali sozinho? Onde quer que o encontremos o homem é um animal gregário - vive em família, em bandos, em clãs, em tribos, em nações - a designação não importa. Mas um homem solitário é fato muito estranho. Além disso ele não é o único existente; vimos outros. Onde está o grupo a que pertence? E que tipo de grupo é esse?

De que é que essa gente tem medo? A primeira, expedição nada fez que pudesse assustá-los. Provavelmente nunca viram gente como nós, mas nós não demos motivo para fazer crer que somos perigosos. Tenho certeza que aquele velho queria falar conosco, mas não se decidiu. Por que não? Muitos dos povos primitivos, quando encontram um novo tipo de homem pela primeira vez, ou corre ao seu encontro para dar as boas-vindas ou ataca-o com flechas e lanças. Os nativos daqui não fazem nada. Há alguma coisa, de que não me dei conta aqui? Ou são eles apenas tímidos? O que será?

Por que eles não dispõem de qualquer artefato? Não vi uma única ferra-

menta ou arma, Don King não conseguiu achar qualquer vestígio de artefatos nos depósitos arqueológicos. Qual é a resposta? São eles tão ignorantes que não saibam nem mesmo como se lasca uma pedra? Neste caso, são tecnicamente mais primitivos do que os homens que viveram, na Terra há um milhão de anos.

Por que conservaram eles os braços longos dos macacos? Por que se locomovem pendurando-se nos galhos quando podem caminhar razoavelmente bem? Há aqui alguma ligação com a inexistência de instrumentos? Estamos lidando aqui realmente com um bando de macacos inteligentes? E neste caso, que dizer a respeito da linguagem? (Pergunta: é um, macaco inteligente e que fala como um homem? Onde estabelecer o limite? Ou temos que olhar o problema como metafísicos? E se eles são macacos, como estamos destinados a estabelecer contato com eles para as Nações Unidas?)

Que significa aquela coisa, parecida com lobo, que vimos? Charlie e eu vimos o homem chamar a fera com um assobio. Vimos a fera pegar a carne e levá-la embora. Mais tarde, vimos a carne dentro do tronco da árvore. (Problemas: quem iria comer a carne, o homem ou a fera? Macacos não comem carne em condições naturais). A fera parecia controlada pelo homem. Desse modo, é a fera um animal doméstico ou o que? Na Terra o homem não domesticou o cão antes de ter usado ferramentas durante quase um milhão de anos. Há outros animais domesticados por eles?

E aquele buraco no tronco da árvore? É natural ou os nativos dão, de algum modo, a forma durante o crescimento da árvore? Neste caso, não é isto um artefato? Se eles podem fazer isso, por que não dispõem de agricultura?

Estas são algumas das perguntas exatas.

Estou esperando que as respostas saltem diante de meus olhos... mas não estou com a respiração presa.

Dois dias depois a situação começou a mudar.

O velho nativo retornou ao buraco do tronco e encontrou a faca de aço.

Ralph Gottschalk e Don King localizaram uma sepultura numa árvore e Tom Stein, que juntamente com Ace examinava a região na esfera de reconhecimento, descobriu uma aldeia com cerca de cem nativos;

Monte não sabia exatamente o que esperara que o homem fizesse com a faca - na verdade dificilmente teria ficado surpreso se ele a tivesse engolido. Ele e Louise ficaram junto à tela do explorador e observaram atentamente enquanto o homem entrava na cavidade pela primeira vez desde a saída de Monte e Charlie.

O aposento no tronco pareceu-lhe mais espartano do que nunca; nada havia mudado. A faca estava ainda na prateleira ao lado da carne e das cerejas. Levando-se em conta a provável condição da carne naquele momento, Monte ficou muito contente porque o explorador não transmitia cheiro.

O velho ficou parado no meio do aposento, enquanto seus olhos, na luz tênue, examinavam cuidadosamente o ambiente. Seu nariz contraía-se de modo muito parecido com o humano e ele pegou a carne e atirou-a para fora. Em seguida aproximou-se da prateleira e olhou para a faca. Ficou ali durante muito tempo - um homem nu contemplando um presente que devia parecer-lhe muito estranho, um presente que havia sido feito a anos-luz de distância.

Então ele pegou a faca. Prendeu-a desajeitadamente com o polegar e o indicador,

como um homem seguraria um peixe pelo rabo. Levou-a ao nariz e cheirou-a. Segurou-a então com mais firmeza e cautelosamente tocou o fio da lâmina com os dedos da outra mão. Murmurou qualquer coisa para si mesmo, que o microfone não captou, e franziu a testa.

Aproximou-se da parede encurvada e espetou a ponta da faca na madeira. Retirou-a, examinou-a outra vez e em seguida tirou com ela uma lasca de madeira da parede. Sua ação deixou uma única marca na parede lisa do compartimento.

- *Merc kuprai* - disse ele distintamente. Era a primeira vez que Monte ouvia o homem falar. Sua voz era suave e agradável.

- Charlie me disse que *merc* é uma espécie de palavra polissintética - murmurou ele para Louise. - Significa mais ou menos é um... Desse modo, ele está dizendo que a faca é um *kuprai*, seja qual for o significado disso.

- Seja o que for - observou Louise - não deve ser muito emocionante.

O homem nu sacudiu a cabeça tristemente e atirou a faca na prateleira. Não olhou mais para ela. Bocejou, espreguiçou-se e saiu para fora. O explorador captava ainda suas costas, um pouco além da entrada. Ele se sentou num pequeno facho de sol e começou imediatamente a dormir.

- Bem, acho que vou ficar maluco - disse Monte.

Louise sacudiu os ombros e seus olhos castanhos piscaram.

- *Merc kuprai* - disse ela.

- Meu bem, você bem podia ir para o inferno.

Ela deu-lhe um beijo rápido.

- Você hoje parece que está orientado em direção das regiões inferiores. Ânimo! Não perca a esperança! Lembre-se de cada dia em cada caminho...

- Acabe com isso, Lise - resmungou ele

Neste momento Ralph Gottschalk entrou, movendo-se pesadamente como um gorila manso. O rosto cintilava de entusiasmo e a boca se abria num sorriso que ia de uma orelha à outra. Considerando que Ralph não era desses sujeitos que ficam excitados por qualquer coisa, Monte concluiu que ele devia ter encontrado não só o elo que faltava, mas toda a corrente.

- Monte, achamos um!

- Um o que, homem?

- Com a breca! Um túmulo! Descobrimos um esqueleto.

A excitação dele era contagiante, mas Monte fez tudo para conter-se. De nada adiantaria sair correndo feito louco.

- Onde? Você não mexeu nele, mexeu?

- Claro que não! Tenho cara de bobo? Mas você precisa vê-lo! Eu e Don o achamos faz uma hora mais ou menos... fica a um quarto de milha do acampamento. O safado fica numa árvore.

- Você tem certeza que é isso?

- Claro que tenho... eu subi na árvore e olhei. Os ossos estão lá numa espécie de ninho... numa árvore comum vergada. Você precisa ver o cúbito naquela coisa! E mais... a mandíbula pode ser pesada, mas há muito espaço para miolo dentro do crânio. Na verdade...

- Nada mais além dos ossos no ninho?

- Mais nada. Nem potes, nem recipientes, nem lanças, nada. Só ossos. Mas me deixe uma hora com aqueles ossos num lugar onde eu possa mesmo examiná-los e eu lhe direi muita coisa a respeito desse povo.

Louise tocou-lhe no braço.

- Vamos, Monte, depressa.
- É melhor ir dar uma olhada - aquiesceu Monte. - Vamos, Ralph, mostre-nos o caminho.

Ralph saiu na frente, falando ainda consigo mesmo. Atravessou o acampamento, passou por uma clareira e penetrou num grupo de árvores com passos impacientes. Monte ficou surpreso com a agilidade daquele homem colossal; a forte atração da gravidade e os efeitos enervantes do calor úmido não combinavam a ponto de sua ideia de bom clima imaginar uma corrida através da floresta. Louise, entretanto, parecia não sentir o esforço que fazia e desse modo ele não podia queixar-se.

Don King estava esperando por eles em baixo de uma pequena árvore. Monte limpou o suor da testa e ficou irritado ao ver Don mais garboso do que nunca.

- Olá, Don. Ralph disse que vocês descobriram um túmulo.

Don indicou com a mão.

- Logo ali em cima, chefe. Está vendo aquela coisa parecida com um ninho no galho grande? Não... no outro lado, bem perto do tronco.

- Estou vendo - disse Louise.

Monte, de onde estava, examinou-o cuidadosamente. Era tão parecido com um ninho que podia ter sido feito por um grande pássaro, embora parecesse ser feito quase que inteiramente de casca. Mordeu o lábio inferior. Se pudesse ao menos por a mão naqueles ossos...

- E então, Monte? Que é que diz?

Monte suspirou.

- Você sabe o que tenho a dizer, Ralph. É: não vá. Não podemos retirar esses ossos.

Don King praguejou entre os dentes.

- É a primeira indicação sólida que conseguimos! Qual é a grande ideia?

Monte pôs as mãos nas cadeiras e empinou o queixo barbado. As frustrações acumuladas de sua missão começavam a exasperá-lo.

- Se ainda não sabe - disse ele calmamente - vou lhe dizer que pretendemos nos esforçar ao máximo para estabelecer relações amistosas com este povo. Me parece que violar um de seus túmulos não é a melhor maneira de conseguir isso.

- Chi, meu Deus - resmungou Don. - Daqui a pouco você vai dizer que esses ossos devem ter pertencido à mãe de alguém.

- Podem não pertencer... Podem simplesmente ser do pai de alguém. E não tenho a menor dúvida de que estamos sendo vigiados. Tanto quanto vocês eu gostaria de me apossar desses ossos... ou talvez mais. Mas não vamos roubá-los... por enquanto pelo menos. Podemos chegar a isso... mas ainda é cedo. Enquanto eu não determinar o contrário, os ossos ficam onde estão. Compreendem?

Don King ficou calado, embora parecesse contrariado.

- Ele tem razão - disse Ralph lentamente. - Há momentos em que a gente é levado a esquecer o que esses ossos significam para eles. Vocês se lembram daquele pândego, no México, que nos velhos tempos quis comprar um corpo exatamente na hora do enterro? Quase que meterem ele dentro de outro caixão.

- Bobagens - resmungou Don.

Até mesmo Louise parecia desapontada.

- Vamos voltar para o acampamento - ordenou Monte, aborrecido consigo mesmo.
- Os ossos não vão fugir. Eles estarão ainda ali quando chegar o momento oportuno.

- Quando? - perguntou Don, passando a mão pelos cabelos louros.

- Eu lhes direi - respondeu Monte com ar sombrio.

Em vista do estado de ânimo geral, foi realmente um momento de felicidade quan-

do a esfera de reconhecimento aterrou com a grande novidade. Tom Stein, usualmente reservado, movimentava-se sem parar, tão excitado quanto Ralph ao descobrir a sepultura na árvore. Seus olhos azuis cintilavam sob as lentes grossas e ele nem se lembrou de falar do fato analiticamente.

- Eu e Ace descobrimos um monte deles, a dez milhas ao norte daqui - disse ele - Deve ser a aldeia principal, ou coisa parecida... há pelo menos cem deles. Vivem em cavernas. Vimos crianças e tudo. Que é que me dizem?

- Isso é maravilhoso, Tom! - exclamou Monte. - Talvez possamos ser bem sucedidos com eles. Talvez, se conseguirmos surpreender uma porção num só lugar... - Pensou um momento. - Amanhã nós vamos pegar a esfera e fazê-la pousar bem no meio das cavernas. Vamos fazer aquela gente falar, pois temos que fazer um interrogatório rigoroso.

- Hei, Janice! - gritou Tom para sua esposa. - Você ouviu a gente falar? Há um bando deles...

Monte sorriu.

As coisas pareciam um pouco melhor.

Uma lua estranha e amarela flutuava acima do manto escuro das árvores e o clarão cor de laranja lançava sombras alternadas através da superfície plana das barracas.

Monte, deitado de costas em sua cama de lona, concluiu então que a velha frase que falava sobre o pressentimento de estar sendo vigiado por olhos invisíveis era literalmente verdadeira. Ele sabia que o acampamento estava cercado de olhos, olhos que sondavam, investigavam, avaliavam. Não era uma sensação agradável, mas era como ele queria que ela fosse. Na verdade, o principal motivo pelo qual instalara o acampamento numa clareira era aquele: dar oportunidade aos nativos de formarem uma opinião a respeito deles. Esperava que estivessem gostando do que estavam vendo.

Ralph Gottschalk, encostado num toco, dedilhava a guitarra que trouxera da Terra. Ele e Don King - que tinha uma voz surpreendentemente boa - cantavam trechos de várias canções: *John Henry*, *When My Blue Moon to Gold Again*, *San Antonio Rose*, *Wabash Cannonball*. Como geralmente não sabiam todas as letras, apresentavam um repertório variado e um tanto incompleto.

Era agradável ouvir velhas canções; eram um elo com o lar distante. E, de certo modo, todo o quadro era estranhamente reconfortante. Tudo era tão familiar e ao mesmo tempo tão incessantemente novo: a dança do fogo, as estrelas distantes, vozes cantando. Quantos homens e quantas mulheres já haviam se reunido ao redor de fogueiras para cantar canções desde o nascimento do primeiro homem? Talvez, no fim de contas, eram momentos como aquele que davam a medida do homem; ninguém, numa noite como aquela, podia acreditar que o homem só trouxesse em si o mal.

E os nativos de *Sírio Nove*? Tinham eles também suas canções?

E de que falavam elas?

- É uma beleza - murmurou Louise, compartilhando, como sempre, de seu estado de alma.

Monte saiu de sua cama e foi para a dela. Tomou-a nos braços e beijou seus cabelos. Ficaram calados; já haviam dito todas as palavras há muitos anos e agora não havia necessidade de palavras. O amor deles era uma parte tão verdadeira de suas vidas que era um poder natural, incontestado. Havia tão pouco amor em qualquer mun-

do, em qualquer universo. Eles se idolatravam, e não se envergonhavam disso.

No dia seguinte haveria as cavernas, os nativos e os problemas curiosos de homens que ocupavam as horas do dia.

Naquela noite havia amor, e nada mais era necessário.

6

A esfera de reconhecimento flutuava no céu como uma estranha bolha metálica nas profundezas de um mar desconhecido. A incandescência branca do sol desfazia a bruma matinal, fazendo aparecer a abóbada azul do céu como se ele tivesse sido criado na noite anterior.

- Lá está a aldeia - disse Tom, indicando com o dedo. - Está vendo? Eles começam a sair para fora.

Ace Reid começou a baixar a esfera.

Monte distinguia, lá em baixo, um panorama que podia ter sido transmitido da aurora do tempo. Havia uma garganta rochosa, provavelmente formada por uma corrente fluvial, que se estendia através de rochas marrons e em cujo fundo corria um serpenteante fio de água. Ramagens de um verde avermelhado acompanhavam as margens do riacho cristalino e convidativo (Monte surpreendeu-se imaginando se o local seria ou não bom para pescar). No final da garganta rochosa, não muito distante dos jatos brancos da cascata, havia uma formação escarpada de rocha cinza e marrom, cheia das marcas dos túneis e dos abrigos. Havia até uma espiral de fumaça azulada saindo da entrada de uma das grutas, o que constituía a primeira prova do fogo que Monte havia visto entre os nativos.

Monte via claramente as pessoas, como soldados de brinquedo movendo-se num mundo em miniatura. Havia homens e mulheres na frente das grutas e nas trilhas dos despenhadeiros que alcançavam o fundo da garganta. Três ou quatro crianças já se encontravam na beira do riacho, brincando na água. Eles deviam ter visto a esfera, perfeitamente visível no céu limpo e azul da manhã, mas não pareciam dar-lhe muita atenção.

- Que tal acha, Charlie?

O linguista sorriu.

- Se eles disserem pelo menos alguma coisa...

Monte voltou-se para Ace.

- Aterrissa.

- Onde?

- O mais perto passível daquele penhasco. Cuidado para não esmagar ninguém, mas faça com que eles sintam o vento. Já cansei de ser ignorado.

Ace riu.

- Vou estacionar bem em frente da casa deles.

A esfera cinzenta começou a descer.

Passaram raspando pela rocha da garganta e aterrissaram logo em baixo das entradas das grutas. Monte abriu a escotilha e pulou para fora. As muralhas da rocha marrom da garganta eram mais altas do que tinham parecido vistas lá de cima, elevando-se acima de sua cabeça como montanhas. O céu azul parecia muito distante. Ele ouvia o murmúrio do riacho e sentia a brisa bater de leve em seu rosto. Ficou parado junto da esfera e os outros vieram se juntar a ele.

Subitamente ele se sentiu como que vencido por algo estranho. Não era aquele mundo que era estranho, nem os nativos à sua volta. Era ele próprio, era Tom e Charlie, era Ace, com seus braços curtos e suas roupas. Era a esfera cinzenta de metal ao seu lado, uma coisa monstruosa e artificial naquele vale de pedra, água e plantas...

Os nativos não manifestaram qualquer reação; ficaram imóveis, não se aproximaram, nem fugiram. Continuaram onde estavam, olhando.

Que havia com eles? Não tinham um mínimo de curiosidade? Monte começou a duvidar de seus próprios conhecimentos e perguntou a si mesmo se toda a sua instrução e experiência havia sido de algum proveito.

"Eu, o perito em homem! Seria a mesma coisa se fosse uma lagarta."

Então, finalmente, uma criança desceu um pouco a trilha que saía de uma gruta. Apontou para a esfera e riu - um estridente riso de deleite. As pessoas recomeçaram a mover-se, retomando a atividade que vinham desempenhando antes. Encontravam-se tão perto que Monte podia quase tocá-los e mesmo assim ele tinha a impressão de os estar vendo de outro lado de um abismo intransponível.

Ele simplesmente não os conquistava, não compreendia o que estava vendo. Os nativos não possuíam coisa alguma; viviam em cavernas e em troncos ocos. A atividade deles pareceu-lhe sem objetivo; parecia não haver qualquer propósito naquilo que faziam. Mostravam-se serenos, e o que era pior, indiferentes.

Mesmo assim não lhe davam a impressão de primitivismo. Ele admitiu que esta era uma palavra sem sentido, mas no momento conseguia apenas pensar em termos de palavras e conceitos que conhecia. O fato era que eles eram estranhos, distantes, desconhecidos. Viviam num mundo concebido de modo diferente, onde as coisas tinham valores diferentes...

Um homem idoso, consideravelmente mais velho do que o que haviam perseguido na floresta, desceu com dificuldade a trilha e parou logo acima da esfera. Olhava para eles com seus olhos embaçados e mantinha o corpo meio encurvado a modo de suportar parte de seu peso com os longos braços. A pele enrugada caía de seu rosto em dobras frouxas, como abas quase. E olhava fixamente para eles, não para a esfera. Duas jovens aproximaram-se dele e ficaram ao seu lado. A criança riu outra vez e tocou no braço de uma das jovens, para chamar-lhe a atenção.

Monte suspirou fundo. Sentia-se como um canastrão que tivesse saído impetuosamente dos bastidores, sacudido seu chapéu de palha e fazendo convicto um número habitual, apenas para descobrir já muito tarde que o teatro estava vazio...

Além disso, eles não pareciam ter medo. Não se mostravam tão tímidos quanto o homem da árvore. Talvez, pensou Monte, aquelas pessoas compartilhavam de um dos atributos humanos: em grupos eram valentes.

Monte deu um passo na direção do velho e este franziu a testa e piscou os olhos opacos. Monte levantou as mãos para mostrar que elas estavam vazias.

- Monte - disse, e apontou para si mesmo.

O velho murmurou qualquer coisa e continuou imóvel.

Monte fez nova tentativa, sentindo-se como se tivesse sido envolvido por um peso delo cíclico.

- Monte - repetiu.

O velho inclinou a cabeça lentamente e passou a mão na orelha.

- *Larst* - disse ele distintamente.

"Meu Deus! Ele disse alguma coisa!"

Charlie pegou seu livro de notas e registrou a palavra preciosa em símbolos fonéticos. Monte deu um sorriso largo, esforçando-se por parecer com uma resposta às orações do ancião.

- Charlie - continuou ele, fazendo a indicação. - Tom, Ace.

O velho abaixou outra vez a cabeça.

- *Larst* - repetiu.

Suspirou. Então, começou a apontar para outras coisas: as cavernas, o riacho, o céu, as crianças, as mulheres. Dava, a cada um, o termo nativo, lentamente, pacientemente, como se estivesse ensinando uma criança tímida. Sua voz era suave e trêmula, mas as palavras eram claras. Monte contrapôs as palavras em inglês e em seguida afastou-se para o lado e transferiu o encargo para Charlie Jenike.

Charlie foi ligeiro, decidido a não perder essa oportunidade, e prosseguiu firme. Experimentou frases, escrevendo com a maior rapidez possível. Reuniu um vocabulário sistemático, juntando as palavras que já havia aprendido com as gravações da primeira expedição. O velho parecia vagamente surpreso com aquela fluência e continuou pacientemente falando.

Tom Stein com habilidade conduzia duas crianças, ambos meninos, pela trilha que descia até o rio. Tirou um pedaço de cordel do bolso e fez com os dedos o jogo da cama de gato. Os meninos ficaram intrigados e olhavam-no atentamente. Tom armava todas as figuras com o cordel e esforçava-se assim para estabelecer boas relações de amizade.

Monte ficou tão excitado como se tivesse tropeçado na Pedra de Roseta, no que, de certo modo, ele havia tropeçado. Ele devia seguir as regras do jogo; era tudo o que tinha que fazer. Começar com a autoridade principal. Quantas vezes não dissera isso aos seus alunos? Descubram primeiro qual é o poder mais alto da estrutura e então trabalhem de cima para baixo. Muito bem. Excelente. Mas quem era a autoridade ali?

Correndo os olhos à sua volta, não podia ter uma ideia. Dificilmente seria *Larst*, que estava tão próximo da senilidade. Talvez fosse uma das crianças. As mulheres afastavam-se toda vez que ele se aproximava - uma delas chegou a enrubescer - e não tinham ares de quem exerce comando. Como muitos dos nativos não lhe davam a menor atenção, sentia dificuldade em fazer qualquer dedução. Todos continuavam simplesmente absortos em suas ocupações e Monte não conseguia ter uma ideia clara de como se classificavam.

E se deu conta do que era difícil formar uma opinião sobre pessoas que não usavam roupa; não existia símbolos de condição social que pudessem fornecer uma pista. Talvez as listas do peito... pensou ele

Decidiu andar pelo local e tentar traçar em seu caderno de notas um mapa da aldeia. Os nativos não fizeram qualquer objeção aos seus movimentos mas ele achou melhor não entrar nas cavernas. Marcou com pontos a distribuição das cavernas e fez descrições breves das pessoas que encontrou à entrada de cada uma delas. Tirou algumas fotografias e isso também não incomodou os nativos.

Mas o contato estava estabelecido! O que contava era isso; o resto viria a seu tempo.

Era sua intenção reunir o maior número de material possível. E aprofundou-se em seu trabalho, esquecendo-se de qualquer outra coisa.

O grande sol esbranquiçado movia-se através da abóbada celeste e as sombras negras aumentavam no fundo da garganta de rochas marrons...

Monte nunca ficou sabendo o que foi que o havia advertido. Não fora nada específico, nada dramático. Não foi certamente um pressentimento. Foi como se um fluxo de inquietude tivesse invadido seu cérebro, uma incorreção sutil tivesse começado a crescer no exato momento em que ele coletava as informações.

Muito tempo depois, disse a si mesmo mil vezes que devia ter percebido logo aquilo. Logo ele, movendo-se pela aldeia com o caderno de notas e a máquina fotográfica, não ter percebido? Mas a verdade é que estava tão excitado, tão absorvido em seu trabalho que não via claramente; sua cabeça estava atordoada pelo fluxo incessante de impressões.

E, naturalmente, não houvera, nas semanas que haviam passado no *Sírio Nove*, motivos de alarme. De certo modo, a mente humana continua presa ao seu velho hábito de enganar-se a si mesma através de um processo idiota de dedução: se tem havido paz, haverá sempre paz, ou se tem havido guerra, haverá sempre guerra...

A coisa que devolveu à mente de Monte sua percepção não foi, por estranho que pareça, um homem - foi um animal. Ele localizou a criatura sentada em frente de uma das cavernas, aparentemente aquecendo-se ao sol da tarde. (Se habitualmente se vive numa fornalha, pensou ele, é preciso bom fole para se aquecer um pouco). Monte tirou uma fotografia instantânea da coisa e examinou-a cuidadosamente. Não era do mesmo tipo da fera que eles haviam visto na floresta. Na verdade, a menos que estivesse enganado, o animal era um primata primitivo.

Era um ser pequeno, do tamanho mais ou menos de um esquilo grande. Tinha, como o rato, um rabo pelado, e seu corpo atarracado era coberto por uma pelúcia de um marrom avermelhado. Entre as ramagens de uma floresta ele seria praticamente invisível. A cabeça, estendida ao sol, não era pequena, a cara era chata e as orelhas compridas e pontudas como as da raposa. O animal tinha olhos enormes, como dois discos. Quando ele casualmente olhou para Monte, deu a impressão de ser todo olhos.

Muita coisa no animal lembrava o tárzio. Mas o tárzio era um animal noturno e naquele ali não havia nem um detalhe que o habilitasse a saltar...

Mesmo assim, o tárzio foi a analogia mais próxima que Monte conseguiu encontrar.

Era o primeiro animal que Monte havia visto na aldeia e seus pensamentos voltaram para a fera que haviam encontrado na floresta. *Era estranho que não tivessem encontrado na aldeia nada parecido com aquela fera.*

Na realidade, no momento em que começou a pensar naquilo, era também muito estranho que...

Sentiu subitamente um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Era isso. Era isso que havia naquela aldeia. Era isso que o intrigara, que o preocupava. Como podia ser?

Monte desceu precipitadamente a trilha. Esforçava-se para não correr. Aproximou-se do local onde Charlie e *Larst* estavam ainda empenhados em seu diálogo. O velho, ele agora parecia realmente velho, mostrava-se cansado, mas continuava respondendo as perguntas de Charlie.

Monte tocou o ombro do linguista.

- Charlie.

Charlie nem olhou para ele

- Agora não, diabo.

- Charlie, o fato é importante.

- Vá embora. Mais uma hora com este camarada...

- Charlie! Podemos não dispor de mais uma hora.

Lenta e relutantemente Charlie Jenike relaxou os músculos doloridos e voltou-se para Monte. Apresentava olheiras profundas e sua camisa estava ensopada de suor. Estava nervoso e era visível o esforço que fazia para controlar-se.

- E então?

- Raciocine bem. Já viu algum homem aqui hoje?

Charlie gemeu exasperado.

- Você está cego? Com quem pensa que estou falando, com um cavalo?

- Quero dizer jovens... ou mesmo de meia-idade. Viu algum?

Charlie sacudiu a cabeça, intrigado agora.

- Não. Creio que não, mas...

- Mas nada! Fomos uns idiotas. Não há mais ninguém aqui além das mulheres, das crianças e dos velhos!

Charlie empalideceu.

- Você não acha...

Monte não perdeu mais tempo.

- Ace - chamou ele - Vá depressa para a esfera. Comunique-se com o acampamento, imediatamente. Depressa, homem!

Enquanto Ace se encaminhava para a esfera, Monte foi até onde Tom mantinha o grupo de garotos entretidos com o jogo de cordel.

Ele agachou-se ao lado dele.

- Tom, não fique alarmado... mas creio que estamos em dificuldade. Não há um único homem em idade de luta nesta aldeia. Ace está já se comunicando com o acampamento.

Tom olhava fixamente para ele, com o cordel esquecido entre os dedos.

- Janice - murmurou ele - Ela está lá...

Ace pôs a cabeça fora da esfera e gritou.

- Nada posso fazer. O acampamento não responde.

Os três homens esqueceram tudo e como se fossem uma só pessoa dispararam em direção da esfera.

Enquanto corria, Monte ouvia seu pensamento gritar, repetidamente, uma só palavra: Idiota! Idiota! Idiota!

Ace fez a esfera subir tão logo viu todos lá dentro. E voaram com velocidade máxima através das sombras da noite) que caía ameaçadora.

7

Não havia fogo, foi a primeira coisa que Monte notou. A clareira do acampamento estava deserta e gris à luz das estrelas. Nada se movia. O local parecia uma ruína abandonada e esquecida em alguma selva e as barracas... havia qualquer coisa de esquisito nas barracas... Monte manteve a firmeza da voz.

- Circule o acampamento, Ace. Pode acender a luz. A esfera abaixou e traçou lentamente um círculo. As luzes de aterrissagem iluminaram o acampamento.

- Oh, meu Deus, oh, meu Deus! - gemeu Tom Stein. Monte sentiu o estômago torcer-se num nó convulso.

Abriu a boca mas não emitiu qualquer som. Suas mãos começaram a tremer.

As barracas estavam despedaçadas; não passavam de armações pendidas. A clareira estava coberta de escombros - vasilhas, panelas, roupas, cadeiras e latas cintilantes de conservas. E viam-se lá no chão montes disformes e imóveis, escuros, completamente imóveis.

Monte era um homem de seu tempo; não havia nunca visto um quadro como aquele. Mas sabia caracterizar um massacre ao vê-lo. Carnificina, Esta era a palavra. Uma palavra do passado, uma palavra que não fazia parte da vida tal como ele a conhecia.

Esteve a ponto de sentir náuseas, mas reagiu.

- Aterrise - ordenou. - Preparem seus fuzis.

A esfera caiu como uma pedra e bateu no chão com um som surdo. Ace ligou as luzes de cima e empunhou um revólver. Os homens saíram pela escotilha.

Sentia-se um cheiro desagradável no ar quente. Tudo estava imóvel, terrivelmente imóvel. Parecia que nada se movia naquele mundo.

Os homens avançaram num grupo compacto, com a respiração presa.

O primeiro corpo que viram foi o de uma fera como a que tinham encontrado na floresta. Seu pelo cinzento estava sujo de sangue. Suas presas brancas estavam à mostra, ameaçadoras mesmo na morte, e seus olhos amarelos cintilavam abertos. Monte deu com o pé no corpo da fera; seus músculos estavam já enrijecidos.

O corpo seguinte foi também o de outra fera. Sua cabeça havia sido quase arrancada.

O terceiro corpo, de rosto para baixo, foi o de Helen Jenike. Suas costas estavam

dilaceradas. As unhas estavam enterradas no chão, como se ela tivesse buscado proteção num buraco. Charlie virou-a e tomou-a nos braços. Começou a soluçar, soluço sem lágrimas, convulso, terrível, arrancado das profundezas da alma. Monte contemplou o rosto dela. Helen fora sempre cuidadosa com sua pessoa; aquela era a primeira vez que ele a via com o bateu fora dos lábios e os cabelos em cima dos olhos...

Monte, Tom e Ace continuaram avançando.

Encontraram Ralph Gottschalk - ou o que restara dele - cercado por quatro feras mortas. Ralph - grande, delicado - tinha ainda o fuzil na mão. Seu rosto ensanguentado estava imóvel numa expressão de ódio e fúria inacreditáveis. Uma das feras tinha ainda seus dentes cravados em sua perna mutilada. Monte abriu a boca da fera e chutou-a para o lado.

Dirigiram-se, através dos paus carbonizados da fogueira extinta, para as barracas.

O último corpo que encontraram foi o de Louise.

Encontrava-se entre os destroços, com uma faca de cozinha ensanguentada na mão. Parecia menor do que quando viva - uma coisa miúda, frágil, encolhida. Monte nunca a vira tão imóvel. Levantou-a nos braços e acariciou-lhe os cabelos negros. Não via nem mesmo o sangue. Ficou ali com a mulher nos braços, ouvindo indistintamente os soluços de Charlie. Ela parecia tão leve, não pesava nada...

Recordou: fazia já muito tempo, no outro mundo. Ela havia torcido o tornozelo nas Montanhas Colorado e ele a carregara até o *cóptero*. "Meu Deus", dissera então, "você pesa uma tonelada!" E ela rira... ria sempre, feliz sempre... e disse: "Você está ficando velho!"

Velho? Estava velho agora.

Sentou-se no chão, com ela ainda nos braços. Não conseguia coordenar os pensamentos. Uma mão estava pousada no seu ombro. A mão de Ace. Sentiu profunda gratidão por aquele toque de calor num mundo frio, terrivelmente frio. Tremeu e sentiu um vago desejo de ver naquele instante o fogo aceso. Louise gostava de fogo.

- Ela partiu! Não está mais aqui!

Uma voz. Tolice. Quem não estava ali? Ela estava ali...

Tom Stein andava pelo acampamento como um louco. Por que ele não se sentava? Que é que havia com ele?

- Monte! Não encontro Janice! Ela deve estar viva ainda.

Lentamente, com, um esforço mortal, Monte voltou a si. Sentia-se como se estivesse submerso lutando para alcançar a luz acima dele. Mas não havia luz, não havia percepção. Não havia nada.

- Monte, temos que achá-la!

Ele pôs suavemente o corpo de Louise no chão e levantou-se. Estava pálido, seus olhos cintilavam. Olhou à sua volta. O mundo estava ainda ali.

- Quem mais está faltando?

- Don também não está aqui. Talvez tenham fugido. Temos que encontrá-la.

- Sim... temos que encontrá-la. - Voltou-se para Ace. - Comunique-se com a nave. Diga-lhes que se preparem para partir. Tom, pegue o fuzil e faça disparos. Um tiro de dez em dez segundos. Talvez eles ouçam.

Desesperado, Tom saiu correndo e pegou o fuzil que ele tinha deixado cair no chão. E atirou. Na escuridão, o tiro ressoou baixo.

Monte dirigiu-se lentamente a Charlie Jenike.

- Vamos fazer fogo. Está frio.

Charlie levantou os olhos embaçados.

- Ânimo, Charlie.

Charlie levantou-se, com ar desolado, e aquiesceu com uma inclinação da cabeça.

Juntos, mais unidos em sua dor do que já o estiveram num mundo melhor, começaram a armar a fogueira.

Na extremidade da clareira Tom Stein atirava, de dez em dez segundos, para o céu.

Não ouviram nem um sinal que indicasse a presença de Don e Janice nas proximidades; os dois apenas surgiram da floresta como duas sombras. E Tom quase atirou em sua esposa antes de a reconhecer.

- Por que você não gritou? - perguntou ele angustiado. - Por que não atirou para que soubéssemos que estavam vivos? - Jogou-se então em seus braços, agarrando-a em desespero, como se ela estivesse se afogando e só ele fosse capaz de salvá-la. - Você está viva, está viva! - repetiu diversas vezes. - Está ferida? Você está viva! - Estava tão comovido que nem se lembrou de agradecer a Don King por tê-la salvado.

Don não tinha mais nada daquilo que, não fazia muito tempo, o tornara um homem belo e elegante. As roupas estavam rasgadas e o cabelo louro estava preto de sujeira. Seu ombro esquerdo ainda sangrava. Tremia ainda sob os efeitos daqueles momentos de angústia, mas era, de todos, o mais calmo. Para ele, tudo estava terminado.

Sentou-se perto do fogo, com a cabeça mergulhada entre as mãos. Não conseguiu encarar Monte e Charlie. E disse serenamente:

- Sinto muito. Estou desolado. Fiz tudo que podia. Já estavam todos mortos quando agarrei Janice e fugi.

Monte agachou-se ao seu lado.

- Ninguém está censurando você. Estamos contentes porque está vivo. Que é que aconteceu, Don?

Don não conseguia ainda encará-los. Olhava para o fogo e falava pausadamente, como se estivesse descrevendo alguma coisa que havia acontecido a alguém havia muito tempo.

- Era dia ainda claro, no meio da tarde mais ou menos. Não estávamos fazendo nada... estávamos apenas esperando que vocês voltassem. Ralph e eu estávamos cogitando de voltar àquele túmulo e ver direito o que tinha lá dentro. Mas desistimos. Ficamos com medo de ofender os deuses. - Ele cuspiu dentro do fogo. - De repente um bando daqueles cães ou coisa que o valha saiu uivando da floresta. Estavam em cima da gente antes que a gente se desse conta do que estava acontecendo. Uma loucura, um pesadelo. Tudo aconteceu tão rapidamente que não pudemos nem esboçar uma defesa. Eles perseguiram de preferência as mulheres, não sei porque. Rosnavam o tempo todo, como se tivessem ficado loucos. Vi alguns nativos nas árvores, imóveis, olhando apenas. Não procuraram nos ajudar... tive a impressão de que os cães haviam sido mandados por eles, mas isto não tem sentido. Pegamos nossas armas e fizemos o que pudemos - Ralph foi em cima de um deles de mãos vazias. Havia uma infinidade deles. Atirei em dois que perseguiram Janice e Ralph gritou para que eu fugisse. Não via nada direito; a confusão era total. Agarrei-a e corri para a floresta. Não sabia o que fazer, para onde ir. Os nativos nas árvores podiam me ver e sabiam subir em árvores melhor do que eu. Sabia que os cães podiam nos farejar pelo chão e nesse caso estaríamos perdidos. Lembrei-me do túmulo na árvore... creio que me lembrei porque havia pouco eu e o Ralph estávamos falando dele... e corri pra lá. A ideia foi boa, mas não mereço nenhum louvor por isso - tivemos sorte. Subimos até o ninho e nos sentamos lá. Os nativos nos rodearam durante algum tempo mas nada fizeram - talvez o lugar seja sagrado, ou por qualquer outro motivo.

Os cães nos perseguiram e eu matei uma porção deles com o fuzil... dez ou doze. Fiquei então sem munição; não tinha tido tempo de pegar outros pentes de bala. Não demorou muito os cães e os nativos foram embora. Quando ouvimos os tiros que vocês deram, descemos e voltamos pra cá. Agora estamos aqui. Que é que aconteceu lá na aldeia? Vocês raptaram a filha do chefe ou o que?

- Não aconteceu nada. Absolutamente nada.

Charlie Jenike apenas sacudia a cabeça; não conseguia pronunciar uma só palavra.

Monte levantou-se, procurando desviar os olhos do corpo de Louise.

- Falou com a nave, Ace?

- Sim, senhor. Estão preparados. O Almirante York está pronto para detonar a espoleta e manda dizer para o senhor...

- Que o Almirante York vá pro inferno. Escute, Ace, tudo isso só poderá ir em duas viagens, compreende? Janice vai primeiro; temos que tirá-la daqui. Tom vai com ela, naturalmente. E Don também.

- Eu espero você - disse Don.

Monte não lhe deu ouvidos.

- Quando você os tiver resguardado, volte para nos buscar. Eu e Charlie vamos acondicionar os corpos com as lonas das barracas. Não se afobe, Ace... não precisa ter pressa em voltar.

Ace hesitou.

- Eles podem voltar, Monte.

- Sim, podem. Espero que voltem.

Ace olhou-o surpreso e em seguida encaminhou-se para a esfera, seguido pelos outros. A esfera elevou-se silenciosamente e partiu sob o céu iluminado pelas estrelas.

Monte e Charlie sentaram-se junto ao fogo, com os fuzis na mão, e ali ficaram com os mortos. A noite à volta deles estava mergulhada no mais profundo silêncio. Não fazia frio, mas os dois homens tremiam.

- Então, Charlie?

- Vamos fazer logo tudo.

Levantaram-se e cortaram a lona que restara das barracas. Em seguida fizeram o que tinha que ser feito.

Por um acordo mudo, cuidaram juntos primeiro de Ralph.

Depois, cada um fez o que foi possível para sua esposa.

Quando terminaram, atizaram o fogo e reabasteceram a fogueira. A madeira úmida chiou e estalou no início, mas logo depois inflamou e as chamas alaranjadas subiram para o céu em colunas. Monte não sabia ao certo se queria as chamas para manter algo afastado ou se para atrair algo. E tinha certeza que Charlie, como ele, também não sabia.

Monte sentou-se com as costas para o fogo e com os olhos fixos na linha escura das árvores. Sua visão parecia sobrenatural: podia distinguir o entrançado dos ramos contra as estrelas. E sua audição se mostrava extraordinariamente sensível: ouvia o mais leve movimento das folhas, o salto de qualquer inseto dentro da floresta, o pia-do noturno de qualquer pássaro distante. Ele sabia naturalmente que as impressões sensoriais ficavam mais sensíveis em momentos de crise, mas esses elementos estavam guardados numa parte de sua mente que não estava funcionando. Estava surpreso com a acuidade de sua percepção e era isso que interessava.

- Por que eles fizeram isso, Monte? Que é que nós lhes fizemos? - A voz de Charlie

soava sinistramente.

- Não sei. Creio que fomos bastante cuidadosos. Diabo, talvez não houvesse nenhuma razão.

- Há sempre uma razão.

- Há? Começo a querer saber...

Charlie não disse mais nada e o silêncio tornou-se insuportável. Era melhor encher a noite com palavras. Quando ele não falava, começava a pensar e quando começava a pensar...

- Creio que bancamos os maiores estúpidos de todos os tempos - disse Monte lentamente. - Isso aconteceu porque como não queríamos fazer-lhes mal achamos que eles necessariamente tinham as mesmas intenções. Entramos no meio dos canibais com nossos livros de orações e eles nos jogaram na caldeira. Devíamos ter tido mais cuidado.

- Eles pareciam tão tímidos, tão medrosos.

- Estavam dissimulando.

- E como podíamos adivinhar, Monte?

- Como? - Isso não impede que eles nos culpem.

- Mas eu desculpo. Meu Deus, eu apenas saí e deixei ela sentada ali...

- Pare com isso, Charlie - pediu Monte asperamente. - Não aguento isso.

O silêncio voltou de novo e desta vez eles não o perturbaram. Deixaram o fogo aquecer suas costas e ficaram esperando que a esfera retornasse da nave em órbita. A noite ao redor deles era infinta e estava cheia de algo estranho; era mais solitária do que as estrelas que cintilavam no céu acima deles e mais cheia de mistério. ..

Ambos perceberam a presença ao mesmo tempo.

- Monte?

- Sim. Lá.

Levantaram-se, empunhando os fuzis. A luz era insuficiente e a princípio nada viam. Mas ambos sentiam que, em alguma parte no meio das árvores, havia um nativo olhando para eles. Tinham certeza que havia apenas um nativo, e sabiam onde, aproximadamente, ele se encontrava.

Monte estava calmo e seus olhos corriam em todas as direções, esperando.

- Lá está ele - murmurou Charlie com voz rouca.

Monte viu-o então.

Ele estava na parte mais alta, onde os ramos começavam a afinar-se, onde sua figura se delineava contra as estrelas. Um homem baixo, de frente para eles, com os longos braços para cima...

O homem parecia desinteressado, alheio, sereno. Não tentava ocultar-se. Estava lá em cima olhando para eles como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo...

Algo em Monte estalou - esta era a palavra, estalou. Foi como se um fio retesado tivesse sido cortado subitamente. O ódio ferveu nele como lava incandescente, seus lábios encrespam-se num ronco.

Não pensou, não quis pensar. Deixou-se levar para a frente. Ficou surpreso com sua mobilidade, com a firmeza das mãos, com a clareza com que via. Teve até o cuidado de não prender a respiração.

Levantou o fuzil, que estava tão leve quanto uma pena. Pegou o nativo imóvel em sua mira. Um pato no pouso. Comprimiu o gatilho. O fuzil deu um baque em seu ombro e uma língua de fogo cortou a noite. Não ouviu qualquer som. A bala pegou na barriga do nativo. Monte sorriu. Era onde queria acertar.

O corpo do homem tombou e contorceu-se. E caiu, lentamente. Arrancou um grito e, gritando, bateu no chão.

Monte e Charlie correram até ele. Estava estendido de costas, com os braços enrolados em volta da barriga. Os olhos arregalados denunciavam pavor. Tentou dizer alguma coisa e uma golfada de sangue jorrou-lhe da boca.

Monte quis aproximar-se mas Charlie puxou-o para o lado.

- Ele é meu - resmungou.

Charlie Jenike acabou de liquidar o homem com a coronha, com golpes rápidos e violentos.

Deixaram o nativo ali e retornaram para junto da fogueira. O fogo ardia em chamas luminosas. Ambos ficaram calados.

Quando a esfera desceu do céu, Ace ajudou-os a embarcar os mortos.

Gastaram pouco tempo nessa tarefa.

A esfera subiu de novo e foi ao encontro da nave invisível, muito acima deles na noite iluminada pelas estrelas. Monte baixou a cabeça e ficou olhando para o fogo até que ela se perdesse do vista.

Então, ficou apenas a grande noite ao redor deles, a grande noite vazia e as estrelas distantes. Monte fechou os olhos. Havia um terrível vazio dentro dele, uma dor aguda gritando-lhe que algo havia desaparecido, estava perdido...

Algo que ele tinha sido e algo que ele nunca voltaria a ser.

8

O funeral foi misericordiosamente breve, e chegou mesmo a ter certa dignidade, mas ainda assim foi algo que fugia aos princípios do mundo civilizado. Monte assistiu-o sentado e meio atordoado, perdido em seus pensamentos. Como Louise teria detestado tudo aquilo...

"Quando eu. morrer", dissera-lhe ela certa vez, num daqueles dias ensolarados, quando a morte era apenas uma palavra e eles haviam descoberto que viveriam eternamente, "não quero cânticos fúnebres nem choradeira de parentes. Quero ser cremada e que minhas cinzas sejam espalhadas num jardim, onde elas possam ser de alguma utilidade. Você fará isso, não fará, Monte?"

"Creio que não vai ser possível", respondera ele "Já prometi oferecer você ao Deus Sol."

O Deus Sol.

Sírio?

Sacrifício...

Houvera um consolo, admitiu ele, embora dificilmente esta fosse a palavra exata. O corpo dela, estendido no caixão improvisado, estava no espaço. Estava flutuando entre as estrelas. Puerilmente, imaginava se ela não estaria com frio. Não estava, pelo menos, sepultada na terra, separada da luz e do sol eternamente.

Com o tempo ela podia até mesmo cair no sol. Um sol estranho, na verdade uma fornalha de incandescência esbranquiçada, mas mesmo assim um sol. Ela teria gostado, se tivesse sabido...

Recusava-se acreditar que ela havia partido. Entretanto, não devia iludir-se. Ela estava morta e ele tinha que aceitar o fato. Não conseguia consolar-se diante da ideia vaga de que ainda se encontrariam algum dia para um solene adeus. Mas a crença é algo que se sente e não uma coisa qualquer que o pensamento não pode rejeitar. Mesmo sabendo que Louise estava num caixão vagando no espaço, surpreendia-se querendo ouvir sua voz, esperando vê-la surgir das portas abertas, perguntando a si mesmo por que ela ficava tão longe no momento em que precisava tanto dela.

Era insuportável aquele estado d'alma. Ele evitava o compartimento que ambos haviam partilhado, entrando ali só para dormir. Dormir?

Há tanto não dormia que já se esquecera do que era dormir. Não bebia; a bebida

deprimia-o ainda mais. Sabia que muitos homens lançavam mão da garrafa para tentar esquecer, mas para ele isso não adiantaria. O álcool apenas viria acentuar o que ele já sentia; com ele sempre acontecera assim.

Mas havia momentos em que era forçado a entrar no compartimento. Havia momentos em que tinha que deitar-se na cama que fora deles e ficar sozinho no escuro. Havia momentos em que via as roupas dela e os livros que ela estivera lendo. Havia momentos em que ele sentia o perfume dela no ar, permanente ainda no compartimento minúsculo e vazio.

Dava-se então conta de que ela havia partido para sempre.

O Almirante William York estava sentado à escrivaninha luzidia e mostrava-se bastante contrariado. Era um homem baixo e magro e seu cabelo grisalho estava quase raspado. Parecia estar em posição de sentido mesmo quando sentado, mas não era um homem desmedidamente formal. Tinha olhos castanhos e vivos e seu rosto facilmente afrouxava num sorriso. Na opinião de Monte ele era um perfeito oficial - mesmo quando mancava ligeiramente, um defeito físico que sugeria discretamente passados atos de heroísmo. Era um homem civilizado e não fez o menor esforço para tornar a entrevista mais agradável.

Monte percebeu o contraste de seus aspectos.

Suas roupas não lhe caíam como deviam; perdera muito peso e estava magríssimo. A barba estava desalinhada e viam-se ao redor dos olhos marcas escuras. Ele estava decidido, decidido com muita firmeza para continuar flexível por mais tempo. Não se curvava, nem recuava. Seguia avante.

Nem tudo nele naturalmente demonstrava essa firmeza de propósito, e ele estava satisfeito por isso. Era ainda Monte Stewart, e pouco importava o que tinha dentro de si. Mas sentia-se singularmente à vontade no seu mal-estar, como um aluno diante do professor. Era um estranho ali, naquele compartimento, diante daquele homem. O ruído dos orifícios por onde entrava o ar incomodava-o, e o cheiro do interior da nave também. O ar parecia estagnado e gelado depois do calor exasperante do *Sírio Nove*; ele sentia sempre frio agora...

- Bebe, Monte ?

- Aceito.

O Almirante York serviu uma dose de uísque para cada um. Ele bebeu apenas um trago, mas Monte virou o copo na boca como se estivesse tomando remédio. York acendeu um cigarro lentamente, esperando que Monte se acalmasse. Monte não quis desapontá-lo e tirou o cachimbo do bolso. Acendeu-o, tirou algumas baforadas. Achou bom o gosto do fumo.

Este, pelo menos, não havia mudado.

O Almirante York folheou um maço de folhas datilografadas que estava sobre a escrivaninha. Eram quarenta páginas, com a assinatura de Monte na última.

- Então, Monte?

- Você leu. Está tudo aí. Não tenho mais nada a dizer.

York levou o corpo para trás, olhando fixamente para o cigarro, como se ele fosse a coisa mais interessante do mundo.

- Você não ignora naturalmente que sou o responsável pela segurança desta expedição. Sou o maior culpado por tudo que aconteceu aqui.

Monte suspirou.

- Você não é nenhum bobo, Bill, e portanto não aja como tal. Relativamente aos nativos todas as decisões foram minhas. Cuidei de tornar isso claro no meu relatório,

no caso de se criar mais tarde qualquer dúvida a respeito da questão. Você não tem culpa de nada.

- Talvez. Mas terei se acontecer mais alguma coisa e por isso nada mais vai acontecer. Sabemos agora em que terreno pisamos.

- Sabemos? Queria que você me deixasse nele.

- Você sabe o que quero dizer.

- Isso é o que você não para de me dizer. Mas não sei.

York sacudiu os ombros.

- Escute, Monte, estou falando claramente. Sei que você sofreu um rude golpe, mas por favor procure compreender... se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudá-lo eu faria.

- Sei disso, Bill. Desculpe-me.

- Acontece porém que não sou inteiramente livre. Tenho a responsabilidade do comando; tenho que fazer o que me parece mais sensato.

- E então?

- E então vou conduzir esta nave de volta à Terra, Monte. Não posso permitir mais derramamento de sangue. Daqui por diante quem decide são as autoridades superiores.

- Você quer dizer HeideIman?

- Quero dizer o Secretário-Geral. Naturalmente você não ignora em que situação estamos agora. Você compreende, não compreende?

Monte tirou umas bafuradas. Sentiu as mãos tremerem e exasperou-se.

- Você quer dizer que fracassamos, que tudo que foi feito de nada valeu, que nós vamos simplesmente virar as costas e fugir.

York desviou o olhar.

- E não é quase isso? Raciocine, homem! Você não pode voltar lá. Tem que compreender isso. Já nos demos tão mal da primeira vez! Os nativos nos atacaram e mataram alguns de nossos companheiros. Agora ainda será pior... depois que você matou um dos nativos. Não estou censurando você; creio que eu teria feito a mesma coisa. Mas tudo tem um limite. Não viemos aqui para declarar guerra.

- Viemos aqui pra que?

- Isso pertence ao seu setor, não ao meu. Minha função foi trazê-los aqui e levá-los de volta. É isso que pretendo fazer.

- Dignificante. Muito nobre. Talvez você ganhe uma medalha por tudo isso, heim?

- Nada justifica esse sarcasmo. Estou sendo razoável. Você é que está sendo obstinado. É sempre fácil censurar os outros.

Monte levantou-se, com o cachimbo preso entre os dentes.

- Diabo, eu sei que estou sendo injusto com você. Que é que você pensa que estou sentindo? Minha mulher está morta. Ralph e Helen também. E eu fracassei na missão mais importante que já me foi confiada. Já se imaginou num fracasso assim? Eu nunca tinha imaginado. Sempre achei que fosse capaz de fazer qualquer coisa, Talvez as coisas tenham sido muito fáceis para mim... não sei. Desta vez eu me dei mal em boas condições. Mas não sou um frouxo. Não desisto assim.

- Mas que é que pode fazer? Sou completamente favorável a esse negócio de pesquisas espaciais; acredito nisso. Mas é absurdo você se sacrificar pela glória da antropologia. Você precisa refletir..

- Que se dane a antropologia! Que tipo de sujeito pensa que eu sou? O negócio é muito mais importante e você sabe disso. Se desistirmos agora talvez não haja nunca outra oportunidade. O próximo aparelho que vier aqui, se vier algum outro, trará uma expedição militar. Você deseja isso?

- Não, não desejo.

- Está bem. Compliquei as coisas nesse primeiro contato. Cabe a mim corrigir os erros. É de meu dever e eu quero corrigir. É só isso.

- Não posso permitir que você ponha em risco a vida dos outros.

- Claro que não. Mas quem vai se arriscar? Não há perigo dentro da nave. Eles não podem fazer-lhes nada aqui. Janice deve ficar aqui e eu não quero que Tom volte comigo. Não creio que Don queira ir. Quanto ao Charlie nada posso adiantar... isso é com ele Mas eu posso voltar.

- Sozinho?

- Por que não? O pior que pode acontecer é eu ser eliminado. Que diferença faz?

- Monte, admiro sua coragem. Mas vi isso acontecer centenas de vezes... um homem perde a esposa e acha que o mundo acabou. Puro engano. Você é ainda jovem...

- Um menino! Tenho que voltar. Tenho que viver, com Louise ou sem Louise. Suponha que você tivesse sido designado para uma grande tarefa e que viesse a perder a primeira batalha. Voltaria pra casa? Voltaria?

York hesitou.

- Talvez. Se visse que não havia mais nenhuma esperança...

- Mas você não tem certeza! Nós nem sabemos direito o que aconteceu lá em baixo. Aprendemos um pouco da língua deles e agora podemos conversar com eles Houve algum resultado. Escute, você não ignora o seguinte: está escrito que as relações com os nativos devem ser estabelecidas sob minha orientação. Viemos pra ficar um ano. Exijo esse ano. Você não pode simplesmente me mandar voltar pra casa, ainda mais quando a nave não corre nenhum perigo. Isso não desfaz o que já aconteceu. Temos que tentar mais uma vez.

York pôs outra dose de bebida no copo e estendeu-o na direção de Monte.

- Acalme-se. Que é Afinal que você propõe? Voltar lá com seu fuzil e começar a atirar por todos os lados?

Monte sentou-se e engoliu sua bebida de um só trago.

- Juro-lhe que não matarei mais ninguém. Nem mesmo em defesa própria.

York olhou-o fixamente e inclinou a cabeça.

- Acredito em você. Mas até onde você chegará? Deve ter um plano.

- Tenho. Vou descer lá e vou ganhar a confiança deles. Vou descobrir o que é que fez eles ficarem agitados. Quando eu os compreender poderei lidar com eles Segundo a determinação de Heidelman vou estabelecer contato pacífico mesmo que morra.

- Isso não é um plano, é um ultimato. Não podemos confiar naquela gente. Eles já demonstraram isso. Temos que levar em conta nossa própria segurança.

Monte sorriu.

- Isso me soa de modo muito familiar, Bill. É uma velha estrada que leva à parte alguma. Não posso confiar nele. Ele não pode confiar em mim. Assim, não seria melhor jogar uma bomba em cima dele antes que ele a jogue em cima de mim? Quer começar tudo isso outra vez? Quer que seja assim a história do primeiro encontro da Terra com outros homens?

- Você já lhes deu todas as oportunidades para relações amistosas! - York, diante desse assunto palpitante, estava com o rosto vermelho. - Você desistiu e quis voltar. Por que? Isso não tem sentido! Não posso agora deixar você voltar lá para morrer. A responsabilidade é minha.

Monte riu; começava a sentir-se melhor.

- Não pensei que fosse se preocupar comigo.

- Pare com isso. Vou ceder até este ponto - dou-lhe uma semana. Terminado esse

prazo, quero um plano, um plano verdadeiro. E ele terá que ser convincente. Quero um plano que ofereça uma perspectiva de sucesso. Quero um plano que dê garantias para a sua segurança. Quero um plano que possa ser mostrado aos jovens da Terra como garantia de que mais nenhum mal será feito aos nativos, seja qual for a desculpa que se possa apresentar. Quero os detalhes, por escrito.

- Você não quer muito, quer?

O Almirante York sorriu Afinal.

- Como disse o homem, passe manteiga no seu pão... agora ao trabalho.

Monte levantou-se e estendeu a mão. York apertou-a.

- Você foi muito compreensivo, Bill. Obrigado. Não esquecerei isso.

- Se o tiro sair pela culatra, nenhum de nós jamais o esquecerá. Boa sorte. E procure dormir um pouco, ouviu?

- Dormir? Quem tem tempo para dormir?

Monte virou-se e saiu do compartimento.

Atravessou apressadamente o passadiço, cercado pela grande nave, sentindo-se mais vivo do que nunca. Os planos tinham que ser feitos. Meteu o cachimbo na boca e foi à procura de Charlie Jenike.

9

Encontrou Charlie Jenike onde já sabia que iria encontrá-lo: encurvado sobre seus cadernos de notas e aparelhos de gravação no pequeno e frio compartimento que ele usava como laboratório. Charlie estava tão absorvido em seu trabalho que nem percebeu a entrada de Monte.

Monte examinou o homem, vendo-o agora com o olhar desanuviado. Nunca se sentira tão próximo dele quanto naquela noite fantástica ao lado da fogueira na clareira ensanguentada do *Sírio Nove*; houvera sempre um leve antagonismo entre os dois. Coisa de pouca monta; eles apenas deixavam-se irritar quando juntos. E entretanto, o destino levava-o a cometer um crime juntamente com Charlie Jenike. Num universo onde coisas estranhas ocultavam-se atrás de qualquer paisagem comum, esta era sem dúvida uma das coisas mais estranhas.

(Sim, caracterizava-se como crime a morte do nativo. Monte sabia disso e Charlie também. Não chegaram nem mesmo a identificar o homem. Não o haviam visto nunca. Não ficaram sabendo o que ele queria e o que estava fazendo. Se se chega em casa certa noite e se descobre que nossa esposa foi assassinada, não se sai simplesmente para a rua e se mata o primeiro homem que se encontra sob a alegação de que essa vítima substitui perfeitamente outra qualquer. Talvez estivesse um pouco fora do uso da razão, mas isso não o desculpava perante si mesmo. O que foi que Don dissera naquela reunião fazia já tanto tempo? "Julgamo-nos civilizados, o que quer dizer que temos saldo suficiente para pagar luxos como por exemplo filosofias altamente avançadas. Mas se as coisas se tornassem difíceis, aposto que voltaríamos imediatamente ao ponto de partida em menos tempo do que gastaríamos para dizer Cuthbert Pomercy Gundelfinger; seria então olho por olho, dente por dente e pâncreas por pâncreas. Os homens são assim." Monte lembrou que havia sido um tanto pretensioso diante daquele argumento, falando com muita erudição sobre progresso, ética e o mais. Confiava demasiadamente em si mesmo. Mas desde então, muito tempo havia passado...).

Fisicamente, Charlie não impressionava muito. Era um homem desleixado, pálido e estava a ponto de perder os cabelos desbotados. Se tivesse olhado alguma vez num espelho, o que era pouco provável, teria visto o que parecia uma cara de cachorro em cima de um corpo rotundo de pinguim. Faltavam a Charlie todas as virtudes con-

vencionais: vestia-se mal, mudava a roupa com pouca frequência, tinha pouco encanto pessoal e não se preocupava em cultivar os cochichos civilizados que servem para estofar nossos contatos com os passageiros indispostos que fazem conosco a viagem da vida. Entretanto, Charlie tinha algo, algo que era muito raro. Observando-o em seu trabalho, Monte se deu conta de que ele tinha essa dignidade, essa pureza que quase haviam desaparecido do cenário contemporâneo.

Estas palavras - dignidade e pureza - eram levemente suspeitas nos dias que corriam; como muitas outras, tinham sido corrompidas por políticos e dramaturgos tridimensionais. Tornara-se um fato surpreendente encontrar um homem assim e conhecê-lo realmente - era mais ou menos como encontrar um verme que conhecesse álgebra. Agora, depois de tê-lo desvendado, Monte descobriu que se aproximava de Charlie Jenike num estado de espírito que nunca teria com um homem como Don King, ou mesmo como Tom Stein.

Charlie finalmente se deu conta de sua presença e voltou-se, com ar interrogativo.

- Falei com Bill York. Ele quer levar a nave de volta à Terra.

- Ele quer... Mas levará?

- Sim, a menos que eu consiga dissuadi-lo. Gostaria de falar com você rapidamente sobre isso, se não se importar.

O linguista pegou um cigarro e acendeu-o. - Vou tentar introduzir você na minha lista de palavras. Vamos, fale.

Monte abasteceu o cachimbo e sentou-se numa cadeira de encosto reto. O ruído dos orifícios de ventilação pareceu-lhe muito alto. Era estranho como o barulho não dificultava o trabalho de Charlie, por si já muito difícil. E perguntou a si mesmo por que Charlie continuava trabalhando daquela maneira. Para não pensar em Helen? O trabalho era uma espécie de ópio, mas esta era uma explicação frágil, pois ele próprio não sabia o que era que o mantinha trabalhando. Esboçou um sorriso. Não compreendia Charlie, não se compreendia a si mesmo, E como esperava compreender os nativos do *Sírio Nove*?

- Conseguiu muita coisa com *Larst*?

- Bastante.

- O suficiente para conversar com eles?

- Creio que sim. Já tinha muita coisa e o velho abutre forneceu-me diversas chaves que me permitem compreender muita coisa. É uma língua curiosa, muito pobre de verbos ativos. Mas já posso falá-la, de certo modo.

Monte sentiu-se aliviado. Estava ali um dos pontos que, conforme afiançara a York sem certeza ainda, produzira resultado. Tinham as palavras, tinham uma ponte.

- Que diabo de nome dão eles ao *Sírio Nove*?

- Isso é meio complicado. Eles imaginam o mundo de diferentes maneiras, muitos deles muito subjetivamente. Têm, entretanto, uma palavra - *Walonka*. Parece que significa uma totalidade de alguma espécie. Significa o mundo, o universo deles, e encerra uma ideia de unidade, de interligações. É só isso que consegui compreender com essa palavra. Eles não pensam exatamente em nossos termos. Você sabe naturalmente que sua apreensão não depende simplesmente da descoberta de diferentes designações para a mesma coisa. Tem-se que desvendar o aparelho conceitual com o qual eles trabalham. Chamam-se de *Merdosi*, o Povo. E àquelas feras malditas com uma palavra muito semelhante: *Merdosini*. Uma tradução aproximada seria mais ou menos isto: "*caçadores para o povo*". Interessante, não?

- Faz sentido. Mais alguma coisa sugestiva?

- Sim, uma das palavras que *Larst* aplicou referindo-se a si mesmo tem literal-

mente o seguinte sentido: *homem-que-é-suficientemente-velho-para-ficar-na-aldeia-o-ano-inteiro*. Que é que você deduz daí?

Monte franziu a testa.

- Isso deve significar que os homens mais jovens não ficam na aldeia o tempo todo. E isso significa...

- Isso mesmo. Por isso você notou que nenhum dos homens mais jovens se encontrava lá. Mas isso não significa necessariamente o que pensamos... que estivessem empenhados numa guerra lá entre eles. O ataque ao nosso acampamento talvez não tenha igualmente determinado a ausência deles da aldeia. Aqueles camaradas ficam habitualmente na floresta... talvez eles vivam em troncos das árvores como o homem com quem tentamos estabelecer contato.

- Mas devem ir à aldeia de vez em quando.

- Claro. Havia crianças lá. Isso indicaria pelo menos proximidade ocasional.

- Você acha que eles têm temporadas nupciais ou coisa que o valha?

- Não tenho certeza. É possível. Mas isso me parece um tanto forçado para uma forma de vida assim adiantada.

- Mesmo que isso não fosse estritamente biológico. Os seres humanos fazem às vezes coisas engraçadas. Esse comportamento talvez pudesse indicar uma situação onde houvesse uma leve base biológica... fêmeas mais receptivas em certas épocas do ano... e então todo o negócio emaranha-se numa confusão de tabus culturais. Que pensa disso?

Charlie mordeu o cigarro.

- Bem, isso pode explicar uma porção da coisa. O ataque ao acampamento, por exemplo.

Monte levantou-se, excitado.

- Meu Deus do céu, é isso! Como é que pudemos ser tão burros? E pensar que eu planejei tudo daquela maneira.

- Você não sabia.

- Mas eu agi da pior maneira possível! Armei o acampamento numa clareira, onde eles podiam nos observar. Queria que vissem como éramos. Mas o diabo é que nossas mulheres estavam sempre conosco. Foi uma ostentação de nossa parte. *E então fomos à aldeia onde estavam suas mulheres...*

- Você não podia ter adivinhado.

Monte sentou-se, novamente deprimido.

- Eu, o grande antropólogo! Qualquer imbecil teria agido melhor do que eu. Devia ter percebido... em primeiro lugar, que é que aquele camarada estava fazendo sozinho na árvore? Ao aterrissarmos estávamos logo de entrada quebrando um dos mais fortes tabus de sua cultura! Foi como se eles tivessem descido em Chicago ou noutra cidade nossa e começassem imediatamente a acasalar-se nas ruas. Seria um Deus nos acuda!

- É um dos aspectos sobre o qual se deve meditar, Mas não está aí uma resposta completa.

- Não, mas é uma chave. Eles já não me parecem tão impenetráveis. Charlie, posso desvendar aquela cultura. Sei que posso...

Charlie acendeu outro cigarro.

- Você vai voltar lá. - Disse isto como uma simples afirmativa, sem qualquer intenção de interrogação.

- Claro. Para isso tenho que fazer tudo para convencer York, mas vou voltar.

- Don não irá. York não deixará Tom e Janice saírem outra vez da nave.

- Pouco me importa. Vou sozinho.

- Não pense nisso. Pode me incluir. Vou com você.
Monte olhou-o fixamente
- Não precisa ir, Charlie.
- Não?
- Você sabe quais são as desvantagens. Para dizer a verdade, não creio que consigamos voltar.
- E daí? Quem quer voltar? Para que?
Monte suspirou. Não tinha respostas para aquelas perguntas.
- Ambos estamos loucos. Mas temos que apresentar um plano ao Almirante. Um plano de quem está em perfeito uso de suas faculdades mentais.
- Sim, claro. Em perfeito uso das faculdades mentais.
- Vamos atacar. Tem alguma ideia?
Charlie sorriu, mais calmo agora.
- Sim, algumas. Estava com receio de que você tentasse sair sorrateiramente e me deixasse aqui. Estava aqui fazendo meus próprios projetos.
Monte puxou sua cadeira para perto da mesa sobre a qual os dois homens se debruçaram.

Uma hora depois mais ou menos um dos tripulantes ficou atônito ao ouvir explosões de gargalhadas atrás da porta do laboratório linguístico de Charlie Jenike.

EXTRATO DO CADERNO DE NOTAS DE MONTE STEWART:

Perdi a noção de tempo.

É verdade, sei quando é “dia” e é só. É fácil olhar para o calendário da nave. Mas para mim ele não tem significado algum. (É engraçado lembrar do trabalho que um povo como o Maia teve para criar um calendário mais preciso do que, o nosso. E mesmo o calendário deles foi esquecido com o tempo; chegou a um ponto onde não tinha mais importância. Pergunto-me: por que? Que aconteceu realmente?).

Parece-me que foi ontem que Louise morreu. É o único passado que conheço, o único passado que tive. Há determinado momento em que a dor é muito grande para ser suportada. Há determinado momento em que a dor desaparece... ou assim me dizem as pessoas.

Estas são as duas datas de meu calendário.

Acho quase impossível escrever no caderno oficial. Diante deste, que me pertence, consigo pensar, O homem consegue pensar em termos de grandes abstrações, como por exemplo as Nações Unidas e o Primeiro Contato com uma Cultura Desconhecida. Isto passa a ser uma coisa pessoal, uma luta pessoal. Chega o momento em que o homem tem que aguentar-se em suas pernas traseiras e admitir a verdade. Faço isso para mim mesmo, para Monte Stewart. Faço isso porque sou o que sou.

(E o que sou? Pare com isso, rapaz! Você ainda não está preparado para as altas especulações filosóficas).

Bem, há tempos fiz a mim mesmo algumas perguntas a respeito dos habitantes de Sírío Nove. Ou devia dizer perguntas a respeito dos Merdosi de Walonka? De certo modo já é um progresso. E creio que já obtive algumas

respostas; as perguntas devem ter sido boas. E, como sempre, tenho mais algumas perguntas.

Mas o que é que eu sei até agora?

Sei o que aquele homem estava fazendo sozinho na floresta. Os Merdosi têm uma temporada nupcial de alguma espécie. Os homens vivem na floresta a maior parte do tempo e só vão à aldeia encontrar as moças em certas épocas do ano. Isso pode ser biológico, ou cultural, ou mais provavelmente, ambos.

Pergunta: que diabo ficam os homens fazendo naqueles troncos ocos?

Pergunta: como é que as mulheres e as crianças se arranjam na aldeia?

Os Merdosi ficaram com medo de nós e eu ainda não sei porque. Certamente violamos um tabu poderoso ao deixarmos nossas mulheres numa época proibida, mas isso não explica tudo. Atacaram-nos porque estavam com medo de nós; tenho absoluta certeza. Numa época diferente eles vão nos ignorar. O simples fato de estarmos aqui constitui para eles uma ameaça.

Por que?

Há sem dúvida uma relação muito íntima entre o povo e as feras, entre os Merdosi e os Merdosini. Os Merdosini são os caçadores do Povo. As duas formas de vida são interdependentes. Pode-se chamar a isso de simbiose? Independente do nome com que designamos isso, temos um problema. É fácil perceber o que as feras fazem para os nativos - elas caçam e lutam por eles. Mas o que é que os nativos fazem por elas? O que é que os Merdosini obtêm em troca? Deve ser um trato muito antigo, mas como começou? Como é que os nativos controlam os animais? Na Terra o cachorro provavelmente tenha-se domesticado por si mesmo - rodeando as fogueiras para conseguir restos de comida. Mas ali a coisa era diferente, pois os nativos, segundo tudo indicava, obtinham seu alimento - ou pelo menos parte dele - através dos Merdosini. Qual é a resposta? Temos a mesma interrogação relativamente aos seres parecidos com tásios que vimos na aldeia. São animais de estimação, ou algo mais?

Estou convencido que a chave de tudo isso está de certo modo relacionada com o fato de não terem os nativos qualquer tipo de instrumento. Estamos tão habituados a avaliar os povos em termos dos artefatos que usam que ficamos desorientados quando não dispomos dessas indicações. É da natureza, do homem fazer instrumentos. A primeira coisa que vemos quando examinamos uma cultura são os artefatos: roupas, armas, canoas, arranha-céus, vidros, relógios, cópteros - as obras. Mas grande parte dessa cultura não é invisível. Não a vemos, mas está ali.

Como é ela? Há ali tal riqueza que não estejamos equipados para descobri-la?

E lembre-se de que eles têm o conceito dos instrumentos. Eles têm até uma palavra que, significa um artefato de alguma espécie: kuprai. O velho da floresta sabia qual era a utilidade da faca, mas não ficou impressionado com ela. Bem, temos uma porção de conceitos em nossa cultura dos quais não fazemos muito uso. Lembro-me de ter ouvido muita gente dizer que não importa se se ganha ou se perde, mas apenas como se joga a partida. Tentem dizer isso a um treinador de futebol. Tentem dizer isso a um homem honesto cujos filhos não têm o que comer.

Tirem todos os nossos instrumentos, todos os ornamentos de nossa civilização, e o que nos ficará de sobra?

Que é que os Merdosi têm?

A esfera cinzenta surgiu da escuridão fria e começou a descer através de um céu azul e quente. O inferno branco de Sírio ardia no espaço como um olho maléfico vigiando um mundo vermelho e coberto de névoa.

A esfera aterrissou na clareira onde troncos carbonizados falavam de uma fogueira que ali ardera e latas cintilantes e cadeiras quebradas sugeriam uma refeição que nunca fora ingerida.

A escotilha abriu-se e dois homens surgiram na luz do dia quente e abafado. Moviam-se lenta e desajeitadamente, pois seus corpos estavam inteiramente encerrados no que, havia poucos dias, tinha sido roupa espacial. Pareciam pesados robôs que tivessem se perdido numa selva fantástica no início do tempo e levassem nas mãos cabeças sobressalentes.

Os suprimentos foram descarregados e a esfera alçou voo outra vez e desapareceu no céu azul.

Os dois homens estavam desarmados.

Ficaram alguns instantes olhando para a floresta negra e silenciosa que os cercava. Nada ouviam, nada viam. Não estavam com medo, mas sabiam que enfrentavam um mundo que não era mais desprevenido e indiferente. Enfrentavam um mundo completamente estranho, um mundo que era hostil, fora do alcance da razão, fora do alcance da esperança.

Eram os inimigos.

A vida assim determinava.

Estranhos e sobrenaturais em suas couraças rijas, quase suando sob a fornalha branca do sol, começaram metodicamente a armar o acampamento.

Ao redor deles, em árvores altíssimas que pareciam querer tocar o céu, sombras de seres com longos braços moviam-se, olhavam e esperavam.

10

Monte limpou o suor da testa - tarefa nada fácil com a mão dentro da luva de sua vestimenta espacial - e olhou de esguelha para o sol. A bola de fogo esbranquiçado encontrava-se bem acima das árvores, como que relutante à iminência do ocaso. Sua luz emprestava às folhas uma aparência de chama e lançava filetes de sombra em toda a clareira.

Aquela fora a tarde mais longa em toda sua vida. A vestimenta espacial, mesmo com os orifícios de ventilação de que fora dotada, era terrivelmente quente e incômoda. Sentia-se como se estivesse dentro de poços duplos de suor, a a brisa fraca que batia contra seu rosto suado tornava o contraste insuportável ainda. Pensou como seria ela se pusesse o capacete, e estremeceu.

Sua garganta começava a arder por causa do ar ambiente, mas podia respirar com facilidade. Era estranho, pensou, como coisas diferentes afetavam o homem em épocas diferentes num mundo desconhecido. Agora que já se habituara com a aparência de *Sírio Nove*, agora que já sabia que o nome do mundo era *Walonka*, estava intrigado com o cheiro que sentia. Mesmo se tivesse sido privado da vista teria adivinhado que não se achava na Terra.

Sentia o cheiro acre de rochedos crestados pelo sol e o cheiro das rochas avermelhadas das montanhas. Sentia o cheiro dos riachos borbulhantes e o cheiro próximo e forte das árvores. Aspirava o perfume de flores estranhas e o odor oleoso de gavi-nhas que trepavam para o teto do mundo. Sentia o cheiro do vento suave que havia fluído como óleo acima de lugares que ele nunca havia visto. Aspirava o cheiro ativo de animais que perambulavam pela floresta. Percebia os vestígios das estações, da fumaça, da fogueira e da grande abóbada do céu, e sentia o cheiro de coisas desconhecidas, sem nome, perdidas.

Como era estranho cheirar coisas que não recordavam nada, que não traziam saudades...

- A sopa está pronta - disse Charlie, parecendo mais grotesco do que nunca em sua vestimenta bulbosa. - Toma enquanto está quente.

- Prefiro uma cerveja gelada.

- Temos que comer, não temos? Não se pode ser herói com estômago vazio, como já disse alguém.

- E Ghandi? Ele era bom demais para que a nave de York recebesse seu nome. Charlie tentou sacudir os ombros mas não conseguiu,
- Ele não andava enrolado numa roupa espacial. Isto queima todas as calorias, não se esqueça.

Monte pegou a lata de conserva, dotada de aquecimento próprio, que Charlie lhe oferecia e desajeitadamente tirou com uma colher algo fumegante que se supunha ser ensopado de carne. Comeu-o em pé, uma vez que era bastante incômodo manter-se sentado. Fez descer o ragu com alguns goles da água do seu cantil e ficou surpreso ao perceber que se sentia mais disposto.

Sírio, naquele momento, estava abaixo da orla de árvores, embora inundasse ainda o céu com sua luz. Flocos de nuvens escuras, quase negras, contornavam o horizonte rubro. Fazia ainda calor, mas a brisa do entardecer começava a esfriar.

Acenderam o fogo na clareira e atizaram-no até que os lenhos chiassem e estalassem e uma nuvem de fumaça subisse para o céu. Verificaram as condições das baracas e sentiram-se então preparados.

- Está vendo eles? - perguntou Monte.
- Não. Mas sinto-os. Estão à nossa volta, em cima das árvores.
- Está na hora de você falar, não acha?
- Tem certeza que não acha melhor você falar? Você sabe tanto quanto eu a língua deles.
- Não tanto quanto você. De qualquer modo, você é mais eloquente. Vamos, casca-lhes.

- Você sabe que não adianta.

- Talvez. Temos que tentar.

Charlie Jenike caminhou com pernas rijas até o outro lado da fogueira. Ficou ali olhando para as árvores. O fogo chiava atrás dele. Tinha, de certo modo, uma aparência mais estranha do que o mundo que enfrentava: um homem atarracado e metálico que havia saído de uma fábrica numa terra escura além das estrelas.

A floresta de ramagens vermelhas era um abismo de eletrizante silêncio: esperando, olhando, ouvindo.

- *Merdosi!*

Não houve resposta; Charlie não esperara que houvesse.

- *Merdosi!*

Lá continuavam as árvores fincadas no solo hostil, e a noite imensa que se perdia na distância.

- *Merdosi!* Ouçam minha voz. Não voltamos com raiva de vocês. Não trazemos armas.

Monte sorriu deleitado; Charlie conhecia realmente a língua dos nativos. Aquela última frase era uma maravilha de circunlóquio.

- *Merdosi!* Meu povo veio a *Walonka* para ser amigo de seu povo. Não queremos fazer-lhes mal. Em nossa ignorância, cometemos alguns erros. Sentimos muito. Os *Merdosi* também cometeram erros. Vocês agiram mal mandando os *Merdosini* atacar nossa gente. Foi um erro matar. Não compreendemos e erramos também matando um de seus homens. Esta clareira foi manchada de sangue - sangue de vocês e sangue nosso. Isto pertence ao passado. Não queremos mais mortes. Não mataremos mais. Nosso único desejo é falar em paz com vocês.

A floresta continuou mergulhada na sombra e no silêncio. Um pedaço de lenha partiu-se nas chamas da fogueira e tombou entre uma chuva de fagulhas.

Charlie levantou o braço.

- Escutem, *Merdosi!* É uma nova oportunidade para nós e para vocês. Somos todos gente. Devemos confiar uns nos outros. Em nosso mundo além do céu, muitas coisas ruins aconteceram porque os povos não confiavam uns nos outros. Muitas vezes o primeiro passo não foi nunca dado, e aí estava o erro. Aqui, neste momento, estamos dando o primeiro passo. Viemos em missão de paz. Confiamos em vocês. Lavamos o sangue de nossas mãos. Aproximem-se! Aproximem-se, vamos sentar ao redor do fogo e conversar como homens!

Ninguém respondeu. No silêncio e na escuridão da floresta nada se moveu.

- *Merdosi!* Aprendemos suas palavras e estamos falando com vocês. Nada têm a temer. Muito há a ganhar. Não querem saber nada a nosso respeito como nós queremos saber a respeito de vocês? Não nos darão uma oportunidade, mesmo que nós tenhamos lhes dado uma oportunidade? Não é correto para um homem ocultar-se como um animal! Aproximem-se! Aproximem-se e vamos ser homens juntos!

Não houve resposta. Ele devia ter falado com as árvores. Lentamente, deixou o braço cair. Voltou-se e aproximou-se de Monte, que se achava perto das barracas. Havia em seu semblante um profundo desânimo.

- Bem... - murmurou.

- Foi muito bom, Charlie. Ninguém teria feito melhor.

- Não foi suficientemente bom.

- Talvez não. Sabíamos que seria difícil, não sabíamos? Fizemos uma tentativa. É o diabo.

Monte alisou distraidamente a barba. Correu os olhos ao redor da clareira. A luz da fogueira parecia mais forte; a noite imensa estava mais próxima. Surpreendeu-se olhando para o exato lugar em que encontrara Louise morta. Desviou rapidamente os olhos.

Charlie suspirou.

- Somos uns birutas. Eles também. Tudo isso é uma loucura. Se tivéssemos todos os parafusos, voltaríamos para a Terra e esqueceríamos *Sírio Nove* para sempre.

- Acha que esqueceríamos?

- Talvez. Se fizéssemos um esforço.

Monte riu.

- Vou lhe dizer uma coisa, Charlie: foi mais fácil para mim vir aqui do que teria sido voltar para casa, esta é a verdade. Mas a vontade não existe sem sua atração. Eu podia voltar à Terra e iludir as Nações Unidas com um relatório clássico. O intrépido antropólogo retorna das estreias e dá a senha aos meninos: "Os nativos são monstros sanguinários! Sou de opinião que devem ser eliminados para o bem da humanidade!" Ia criar grande agitação, não?

- Talvez este seja o único relatório que você conseguirá apresentar - disse Charlie serenamente.

- Há um outro também muito bom de que podíamos cogitar; tornar-se-ia muito popular e faria todo mundo se sentir descansado. "Os nativos não passam de seres ignorantes que nada sabem e nada fazem. Sugiro que sua cultura seja manejada por terráqueos inteligentes afim de torná-los tão sabidos como nós. Proponho que os terráqueos assumam a responsabilidade para o bem do universo!" Que tal isso?

- Comum. Estúpido, mas comum.

- O diabo é que a maioria receberia bem um relatório como este. É fabuloso o número de pessoas que gostam de bancar Deus.

Charlie ia dizer alguma coisa, mas mudou de ideia Aproximou-se da fogueira e pegou um pau para jogá-lo no fogo.

- Acha que resistiremos a noite toda? - perguntou ele despreocupadamente.
- Talvez.
- Então vamos. Tanto se me dá associar-me com o Demônio, como com os *Merdo-si*.

- Teríamos mais sorte, nesse caso. Afinal de contas o Demônio é um produto de nossa cultura há alguns milênios. Ele é um dos rapazes, mesmo com os chifres e o rabo. Fala até a nossa língua, segundo fontes seguras. E faz qualquer negócio.

- Ele que vá para o inferno - resmungou Charlie.

- Exatamente. Está pronto?

- Estou.

- Ponha o capacete e deixe-me testá-lo.

Charlie pegou o capacete cintilante, contemplou-o por um instante, deu um suspiro profundo e fixou-o sobre os ombros. Os colchetes estalaram e Charlie, com os volumosos dedos enluvados, prendeu os ferrolhos.

Monte examinou cuidadosamente o capacete. Estava seguro. O rosto de Charlie, atrás da placa vítrea, parecia inchado e distante. Monte colocou seu próprio capacete e apertou os ferrolhos. Todos os sons externos cessaram. Teve um momento de pânico quando sentiu que estava sufocando, mas logo em seguida o ar começou a entrar. As vestimentas adulteradas tinham diversos orifícios nos capacetes e desse modo eles não dependiam do ar enlatado.

Monte falou em seu microfone e sua voz tinha um som cavo aos seus próprios ouvidos:

- Tudo certo?

Charlie deu dois ou três golpes em seu capacete.

- Tudo. Você está espremido feito uma sardinha.

- Vamos ter uma noite daquelas.

- É verdade. Pelo menos não morreremos de tédio.

- Em compensação é bem possível que a gente morra assado aqui dentro.

- É uma ideia

Ficaram calados; nada mais havia para dizer. Monte sentiu-se esquisitamente desligado, como se seu corpo pertencesse a outra pessoa. Começava a sentir calor. O silêncio era angustiante. Parecia que o mundo havia deixado de existir...

Lado a lado, como dois monstros desajeitados que houvessem se perdido, entraram na barraca de dormir. Abaixaram seus corpos pesados, estenderam-se sobre a cama de lona e ficaram imóveis, com os olhos brilhando sob as placas vítreas.

Monte ficou calado. Olhava para a escuridão silenciosa da barraca e fazia força para não pensar.

Fora, a grande lua amarela estaria despontando. As velhas estrelas estariam contemplando o fogo alaranjado da fogueira que ardia na clareira.

Longe dali, invisível, a nave que o trouxera da Terra estaria flutuando no escuro e no silêncio.

Encerrado na vestimenta espacial anacrônica, Monte Stewart sentia-se o homem mais solitário do universo. Fechou os olhos. E, pacientemente, esperava.

Elas surgiram da noite e do silêncio que reinava sob as estrelas prateadas. Vieram do modo como sabiam que viriam, pisando cuidadosamente, com os olhos amarelos cintilando na escuridão ao redor da barraca.

Ele as via aproximarem-se; estava acordado. Eram fantasmas, fluindo como névoa pela entrada da barraca. Não ouvia qualquer ruído, mas podia ver seus olhos amarelos e cintilantes.

Imaginava o que não conseguia ver: o pelo cinzento e os músculos ondulando-se

sob o couro retesado, a cabeça comprida e lúzida com as mandíbulas possantes, a baba caindo, a boca recuada...

Sentia o cheiro forte e desagradável delas no ar saturado da barraca.

As feras, as assassinas, os *Merdosini*.

Haviam voltado para matar outra vez.

- Charlie.

- Sim... - a voz soou leve em seu ouvido. - Estou vendo.

Nada sentia, mas os percebia ao seu lado, farejando a cama. Podia ver as sombras negras e fluentes ao redor da cama de Charlie.

Ele se mantinha imóvel, esforçando-se para reter a respiração. O coração batia aceleradamente. O suor escorria pelos braços, frio como gelo no calor da roupa. Esperava, sem mover um só músculo.

Pesadelo? Sim, o pesadelo era assim, um silêncio aterrador e as sombras negras da morte.

Repeliu um impulso de rir, gritar, urrar. Ali estavam as feras que haviam matado Louise, destruído Helen Jenike, dilacerado Ralph Gottschalk.

Ali estavam os terrores mudos de um delírio...

As feras atacaram.

Subitamente, com ferocidade irracional, elas pularam em cima dele. Não conseguia ver, não podia mexer-se. A cama devia ter se desmontado sob o peso delas, pois ele sentiu quando bateu no chão. Estava asfixiado sob elas, e o mau cheiro que exalavam invadiam suas narinas.

Ele esperava, reprimindo o medo. As feras não podiam feri-lo. À este pensamento, continha-se. Elas não podiam feri-lo. Por isso é que utilizaram as vestimentas espaciais. Quando nossa defesa é suficientemente forte, nada temos que temer. A vestimenta espacial era muito resistente e protegia todas as partes do corpo. Não seriam apenas dentes e mandíbulas que a haviam de romper. Os nativos desdenhavam as armas. Que tentassem então abrir uma lata sem um abridor próprio.

Não sentia nada, não ouvia nada, a não ser a respiração de Charlie junto ao seu microfone. Não conseguia ver; um dos animais vedava a placa facial. Estirado de costas, tentou mover-se e não conseguiu. Todas as feras deviam estar em cima dele...

O fedor era insuportável. Ele perdeu a noção de tempo. Inesperadamente, sua mente começou a funcionar. E se as feras vedassem os orifícios por onde recebia o ar, que já começava a ficar saturado? E se elas encontrassem uma falha em sua vestimenta, um lugar vulnerável, e os dentes brancos comessem a atingir seus ossos? E se um dos nativos entrasse ali e desferrolhasse o capacete? E se os nativos pudessem manobrar as feras com controle absoluto e elas conseguissem abrir o capacete?

Se ao menos pudesse ver!

Aquele ruído vinha através dos filtros de ar, ou era apenas imaginação? Um rugido úmido, um rosnado, uma baba...

- Charlie!

- Estou ouvindo.

- Pode se mexer?

- Não.

- Quanto tempo faz?

- Não sei.

- E se eles não pararem nunca?

- Você me comunica. Acalme-se, Monte. Agora é a sua vez, meu caro.

Monte sentiu-se envergonhado. Não podia fazer nada? Que é que havia com ele? Se ao menos pudesse ver. Se ao menos pudesse se mexer...

Subitamente, resolveu se mexer. Tinha calculado mal sua própria força; não podia mais suportar aquela asfixia cega, ser enterrado vivo. Tentou levantar os braços e não conseguiu. Tentou dobrar os joelhos e fracassou. Tentou sentar-se, não pôde.

Começou a gritar, mas calou-se imediatamente. Concentrou-se, envolvido pelo ar fétido. Ia mover-se. Nenhum animal fedorento havia de detê-lo. Sentiu uma nova força invadi-lo, uma força quase sobre-humana.

- Já!

Deu um arranco, torceu o corpo para a direita e sentiu-o rolar. Estava solto! Pôs-se em pé de um pulo, com os olhos faiscando. Precipitou-se para fora da barraca, perseguido pelas sombras das feras.

Podia ver! A fogueira na clareira ainda ardia e a lua espargia na noite sua luz prateada. As feras estavam todas à sua volta, inquietas, prontas para o ataque. Os músculos ondulavam em seus flancos descarnados, as mandíbulas sangravam, feridas naturalmente quando tentaram romper sua vestimenta.

Monte riu freneticamente

- Venham, seus demônios! Venham lutar!

- Monte! Que é que você está fazendo?

- Cale a boca!

- Monte, não esqueça...

- Cale a boca, já disse! - Estava gritando, tinha enlouquecido.

As feras pularam em cima dele, tentando atacar sua garganta de metal, tentando derrubá-lo. Não queria mais permitir aquilo. Sentia-se tolhido dentro da roupa, mas uma força até então desconhecida apoderou-se dele. Moveu os braços como se fossem êmbolos.

Agarrou uma das feras com a mão esquerda, segurando-a pela perna. Levantou-a no ar e esmurrou-lhe a cara com a mão direita. A coisa caiu como uma pedra quando ele a soltou.

Levantou outra e cambaleou sob seu peso. Atirou-a violentamente contra uma árvore. Jogou o corpo para trás e avançou como um lutador. Em vez de respirar, fungava. Agarrou uma que tentava fugir, girou-a no ar e atirou-a entre as brasas da fogueira. Ela, ao cair, levantou uma chuva de fagulhas e fugiu para a floresta.

Aos seus próprios ouvidos seu riso era de demente. Empunhou um pedaço de pau e girou-o ao redor da cabeça como uma foice. Sentia que ele havia batido em qualquer coisa e ficou contente.

- Monte!

Algo o prendia por trás; tentou desprender-se mas não conseguiu. Deu novo arranco e livrou-se. Voltou-se então, pronto a atacar com o pedaço de pau.

Viu Charlie na sua frente - um robô inacreditável ao luar, gesticulando.

- Já foram embora! - A voz feriu seus ouvidos. - Já foram embora! Jogue fora esse pau, idiota! Que é que pretende fazer?

Ele hesitou, e isso bastou para que readquirisse o uso das faculdades mentais. Seus braços tornaram-se subitamente pesados e ele deixou cair o pedaço de pau. Olhou à sua volta. A clareira estava deserta. Viu um dos *Merdosini* arrastando-se para dentro da floresta.

- Seu idiota! Elas não podiam fazer-nos nenhum mal. Você sabe o que tínhamos combinado...

Aquela voz... Ele havia se distanciado daquela voz.

Tremendo, levantou o braço e desferiu o capacete. Retirou-o da cabeça e as-

pirou o ar fresco e puro.

Algo dentro dele estalou. Encostou-se numa pedra e começou a sentir-se mal. Não conseguia mover-se, não queria mover-se.

Charlie aproximou-se dele e amparou-o pelo ombro. Ele tentou afastar a mão de seu ombro mas não teve força. Charlie pegou o capacete e meteu-o de novo em sua cabeça. Todos os sons cessaram, menos o da respiração pesada, arrastada.

Dele? De Charlie?

Outra vez a voz débil.

- Tire outra vez esse capacete e lhe arrebento os miolos com uma pedra. Que é que lhe deu?

- Não sei... não sei...

Aguentava-se em pé com dificuldade

Charlie guiou-o até a barraca.

Havia luz, uma luz que vinha da vestimenta de Charlie. Ele viu que sua cama ficara inutilizada. O interior da barraca estava na maior desordem.

A raiva invadiu-o de novo. Sentiu-se contente por ter revidado, fizesse ou não isso parte do plano. Esperava que tivesse matado algumas delas. De alguma parte, de algum canto vago de seu cérebro, ele sabia, vinham aqueles pensamentos, pensamentos loucos... mas isso não importava.

As feras tinham-no atacado, não tinham?

- Deite, Monte. Não voltarão esta noite. - O som da voz de Charlie revelava cansaço e desesperança, como só ele tivesse sido trazido de uma paragem desconhecida.

- "Que é que há com ele? Ou sou eu? Que é que há comigo?"

Estava deitado no chão, dentro da barraca. Não tinha ideia de como havia chegado ali, mas a sensação que sentia era muito agradável.

Sentia-se exausto. Tudo estava distante, indistinto, vago.

- Charlie? Sinto muito, Charlie. Uma sensação estranha...

A voz veio de muito longe.

- Durma. Falaremos sobre isso amanhã.

- Sim... vou dormir...

Fechou os olhos. Alguns segundos depois adormecia. E foi nesse instante, realmente, que tudo começou.

11

Sonhos?

Monte não tinha certeza absoluta de que fossem sonhos, e achava isso muito estranho. De algum modo ele sempre sabia quando estava sonhado. Se o sonho tivesse sido agradável, teria se deleitado. Se tivesse sido um desses sonhos horríveis que fluem das profundezas da mente - ou provenientes de uma refeição pesada ingerida altas horas da noite teria simplesmente procurado acordar.

"É apenas um sonho", pensaria. "Acorde! Acabe com ele!"

E então ele se mexeria e abriria os olhos e sentiria o corpo quente de Louise junto do seu e tudo seria maravilhoso.

Mas naquele momento o Sonho era bem claro, real. Não era de modo algum complicado e apresentava um desenvolvimento bastante aceitável. Encontrava-se em sua casa, há muitos anos atrás. Por um motivo qualquer, havia matado um homem - um homem sem forma, um homem sem rosto. Havia feito uma cova na floresta e enterrado o homem. Ocultara a sepultura e esquecera tudo. Muitos anos haviam passado e ninguém suspeitava de que ele era um assassino. Ele próprio quase não sabia mais disso; ocultara o segredo nas profundezas da mente e o mantinha lá. Então certo dia um caçador estava fazendo uma fogueira. Cortou e arrancou os arbustos e viu uma mão decomposta saindo da terra. Desenterrou o resto do corpo. O crânio com pedaços de pele ressequida falou o nome de Monte Stewart.

Começaram a persegui-lo; queriam agarrá-lo. Tudo estava terminado. O segredo estava descoberto. Ele devia ter confessado há muito tempo...

"É apenas um sonho! Acorde! Acabe com ele!"

Procurou fugir do Sonho retirando as camadas de névoa e algodão. Claro, era apenas um sonho! Um sonho resultante de um tolo complexo de culpa, solicitando o Dr. Freud.

Mexeu-se e abriu os olhos.

Sentiu o corpo morno de Louise perto do seu. Ótimo. Estava terminado. Não! Não podia ser.

Ora, Louise estava morta. Não podia estar ali. Estava fria, fria...

Além disso ele vestia uma roupa espacial, não vestia? Como podia sentir o calor do corpo dela?

Sonhos?

Ele gemeu, sem saber se estava adormecido ou acordado. Tentou lembrar-se. Achava-se numa barraca com Charlie, Charlie Jenike. E eles haviam sido atacados por feras de olhos amarelos. Por que? Que é que eles haviam feito?

Um momento!

Elas estavam voltando, surgindo das sombras que antecedem a aurora. Ouvia seus passos dentro da barraca. Sentia o mau cheiro. Estavam em cima dele, com seus dentes afiados agarrando-o no peito...

Tentou mexer-se e não conseguiu. Estava pregado no chão. Sua boca abriu-se, buscando desesperadamente o ar que lhe faltava. Fez força procurando rolar o corpo. Não moveu um só centímetro.

"Nada podem me fazer. Estou seguro dentro desta roupa. Lembra-se?"

Acalmou-se. Seguro!

Mas o que era aquilo que vinha silenciosamente entrando na barraca? Que sombra era aquela de uma figura nua e de braços compridos?

Estava se curvando sobre ele, sorrindo...

Estava desferrolhando o capacete, puxando-o!

Monte gritou.

Uma onda de escuridão envolveu-o.

Uma voz metálica falou junto ao seu ouvido, uma voz distante: - Monte! Fique quieto! Não há nada perseguindo você. Acorde! Acorde...

Arregalou os olhos. Curvado sobre ele estava um robô. Podia ver o rosto do robô. Charlie.

A luz baça da manhã começava a invadir a barraca. Ele estava vivo.

Após três xícaras de café, tremia ainda.

Estava com as costas voltadas para o fogo, ciente de que era tolice manter-se naquela posição. A vestimenta impedia que ele sentisse o calor e o ar matinal não estava realmente frio. Havia sim muita umidade no ar e o chão estava molhado, mas Sírio era muito maior do que qualquer fogo feito pelo homem. Ele começava a levantar-se atrás das nuvens escuras: e seu calor era forte e sufocante.

Seus olhos avermelhados refletiam cansaço e a barba estava toda emaranhada. (As barbas, pensou, tornavam-se muito inconvenientes dentro de capacetes de vestimentas espaciais). Não devia ter dormido mais de duas ou três horas e sentia o corpo moído

Mesmo assim, seu cérebro voltara a trabalhar. Havia readquirido o uso das faculdades mentais e era grato por isso. Monte Stewart não fora nunca um homem de duvidar de si mesmo, mas naquele momento estava inseguro. Não compreendia seus próprios atos.

E aqueles sonhos, se é que haviam sido sonhos. Foram sonhos doentios. Cansado como estava, eles o assustaram.

- Não entendo isso - murmurou.

Charlie dava a aparência de quem não havia dormido nem um minuto. Tirou da lata uma colher cheia de mingau e guardou sua distância.

- Você deve ter perdido o uso da razão.

Monte forçou um sorriso.

- Acho que o homem não é um animal muito racional. Admitimos que porque estávamos com o firme propósito de ser justos e pacíficos, os nativos agiriam da mesma forma. Não agiram. E admitimos que eu sempre agiria corretamente. Não agi. Talvez sejamos todos da mesma espécie.

- Mas por que? Fizemos nossos discurso, seguimos o plano. Sabíamos que os *Mer-*

dosini nos atacariam e que não conseguiriam ferir-nos. Tudo que tínhamos que fazer era esperar que fossem embora. Teríamos dado prova de nossa posição... não fazer-lhes mal mesmo quando atacados. Então você meteu os pés pelas mãos e revideou. Se é a melhor coisa que podemos fazer, seria mais indicado desistirmos.

Monte atirou a borra do seu café na fogueira.

- Sinto muito.

- Formidável! Você sente muito. Que vamos fazer agora? Enviar-lhes um presente conciliador?

- Não sei. Que é que você acha?

- Você é o grande gênio. Você é que teve a ideia de tudo isso. Você é quem decide.

Monte esfregou os olhos. Olhou para as árvores desafiantes que cercavam a clareira. A grande verdade era que ele não tinha qualquer ideia. A única coisa que trazia dentro de si era uma determinação inabalável. Estava muito cansado para pensar.

- Você também não ganhará esta manhã nenhuma medalha de bom comportamento - disse ele irritado. - Que é que está lhe acontecendo?

Charlie levantou as mãos exasperado.

- Ele atira fora a única oportunidade que tínhamos e depois me pergunta o que é que está me acontecendo. Oh, meu Deus!

Monte voltou-se e encarou-o.

- Disse que sentia muito. Não sou super-homem. Estou sujeito a erros. Não sei o que houve comigo. Mas sei que se começarmos a fazer acusações mútuas, estamos arruinados. Vamos parar com isso.

Charlie deixou-se cair pesadamente sobre um tronco e alisou o queixo. Parecia infinitamente cansado.

- Isto é tudo, Monte. Estas roupas excomungadas. O ar miserável. Este planeta fedorento. Não dormi nem um pouquinho esta noite. Neste momento, nada disto faz sentido. Não sei nem mesmo o que estou fazendo aqui. Podia muito bem estar na nave. Já não me incomoda mais.

Monte fez com a cabeça um sinal afirmativo, lentamente.

- Seria fácil desistir. Cada momento que passa se torna mais fácil. Parece simplesmente não haver qualquer razão lógica para continuar. Sei disso muito bem.

- Então por que não desistir e acabar logo com isso?

- Não sei nem mesmo que resposta dar a isso. Mas é duro ser derrotado, Charlie. É fácil desistir, mas ter-se-á de viver o resto da vida com isso na cabeça.

- Obrigado, Afável e Velho Filósofo. Você tornou tudo tão claro como a lama.

- Talvez fosse melhor você treinar um pouco os punhos, dando murros no saco de couro. Eu aguentarei o suporte. Não chegaremos a nenhuma conclusão desse modo.

Charlie levantou-se.

- Você me amoleceu um pouco... Não quero com isso dizer que esteja ansioso para meter minha cabeça nesse bendito capacete.

- Seja como for, avante.

- Claro. - Charlie olhou-o com ar estranho, mas nada mais disse. Pegou o capacete e desapareceu dentro da barraca.

Monte permaneceu imóvel na luz opaca da manhã. Havia no ar um cheiro de chuva. Examinou as árvores mas nada viu que levantasse suspeita.

Vagamente, nas profundezas de sua mente, um pensamento incomodava-o. Tentou trazê-lo à tona, mas sentiu dificuldade.

Continuou simplesmente onde estava e deixou seu olhar perder-se ao longe.

Por volta do meio-dia, quando a superfície recoberta de névoa de Sírion se

tornara uma caldeira e ameaçava derreter Monte dentro de sua roupa, as nuvens cinzentas abriram-se e uma torrente de ar quente transformou a clareira num charco.

Não houve trovão e o vento quase não soprou. A chuva caiu em véus tremulantes, prendendo Monte onde ele estava e transfigurando a floresta à sua volta. Era uma chuva tranquila e ele foi lento em sua reação. Estava intrigado com seu estado de espírito. A chuva, batendo em seu rosto, era agradável e mesmo as gotas que penetravam em sua vestimenta não eram recebidas com desagrado.

"Quero que seja uma chuva mágica", pensou. "Quero que ela lave tudo. Quero que ela purifique este mundo. Quero que ela me deixe outra vez limpo. Quero que ela me faça esquecer, esquecer..."

"Esquecer o que?" Ele sacudiu a cabeça. "Não me compreendo. Há alguma coisa comigo, algo no meu modo de pensar?"

"Doente? Devo estar doente. Mas que doença? Que doença?"

Ficou muito tempo no estranho abrigo da chuva e depois encaminhou-se para a barraca. Levou para dentro seu estado de espírito. Não queria sair da chuva, mas imaginava vagamente que se estivesse doente tomaria algum remédio e o remédio se encontrava na barraca...

Ficou um instante imóvel, esperando que seus olhos se habituassem com a escuridão. De sua vestimenta caíam gotas d'Água, formando poças no chão. Ouviu a respiração pesada de Charlie e se deu conta de que ele havia adormecido sem o capacete. Aquilo constituía um perigo, se os *Merdosini* voltassem. Dirigiu-se para a cama de Charlie.

Charlie sentou-se subitamente, com os olhos cintilando.

- Você! - gritou ele apontando com o dedo. - Afaste-se de mim!

Monte ouviu sua própria voz. Era de fato sua voz, mas estava distante, não lhe pertencia. Era como se estivesse ouvindo a transmissão de sua voz por uma vitrola. Dizia: "Seu capacete. Você não pode dormir sem ele"

Charlie deu um pulo e pôs-se de pé, como um monstro em sua vestimenta enfurcada. Respirava com dificuldade no confinamento da barraca.

- Afaste-se, afaste-se! Agora sei quem você é. Não me engana mais.

- Você não pode dormir sem o capacete. (Por que continuava dizendo aquilo?)

- Não toque no meu capacete! Deixe ele aí!

- Você não pode dormir...

- Cale a boca! - Charlie tentou recuar, mas não encontrou espaço.

- Você é o culpado... culpado de tudo! Se não fosse você, eu não estaria aqui. Se não fosse por sua causa, não teríamos cometido tantos erros estúpidos. Se não fosse por sua causa, Helen estaria ainda viva!

As palavras estalavam no ouvido de Monte como bofetadas.

- Charlie, eu também perdi minha esposa...

- Esperteza! Sim, você é esperto, não há dúvida. Você queria livrar-se dela! Seu assassino sujo...

- Charlie...

- Não se aproxime! Não se aproxime, eu lhe previno...

Monte tentou afastar-se, mas estava pregado no chão. Aquilo era uma loucura. Se ele ao menos pudesse pensar, se ao menos pudesse libertar a mente do que quer que fosse que o mantinha escravizado.

- Não aguento mais isso! - Charlie agachou-se e mais parecia um animal pré-histórico em sua pele escamada de réptil. - Não vou ficar aqui aguentando isso!

- Um momento, Charlie. (Charlie? Não, com toda certeza aquele não era o Charlie Jenike que ele conhecia. Que estava acontecendo?).

A coisa que havia sido Charlie Jenike atacou.

A fúria arrasadora de sua investida jogou Monte para o ar. Ele caiu pesadamente no chão e sentiu mãos possantes comprimindo sua garganta, ouvia Charlie rosnar acima de seu rosto como um animal selvagem.

- Mato-o! Mato-o! Mato-o!

Monte dobrou o punho enluvado e golpeou a cabeça de Charlie. Ouviu um ruído surdo ao desferir o golpe. As mãos que apertavam sua garganta afrouxaram. Com um arranco forte e selvagem atirou o corpo-robô para o lado. Pôs-se em pé de um pulo, como se não sentisse o peso da roupa que usava. Seus lábios contraíram-se num sorriso. Aproximou-se de Charlie e começou a dar-lhe com o pé na cabeça.

Charlie começou a gritar. O som de sua voz era terrivelmente desagradável. Monte decidiu não prosseguir. Ajoelhou-se, estendeu os braços, agarrou Charlie pela garganta e apertou.

Os gritos cessaram.

- Me chame de assassino, chame! Seu projeto miserável de gente...

Comprimiu mais as mãos. Os olhos de Charlie pareciam que iam saltar fora das órbitas.

Monte então ouviu sua outra voz, a que sussurrava dentro de sua cabeça - uma voz milagrosamente isolada, retida na memória.

"Me chame de assassino..."

"Projeto miserável de gente..."

Invadiu-o subitamente uma reação violenta. Afastou as mãos da garganta de Charlie, como se elas tivessem tocado nas chamas do inferno.

"Meu Deus, que estou fazendo?"

- Charlie! Charlie!

Charlie respirou convulsivamente. E lançou-lhe o olhar mais perplexo e apavorado que Monte já havia visto. Eram olhos ferozes e agressivos, mas havia neles reflexos de sanidade mental.

- Ajude-me - murmurou Charlie com dificuldade - Ajude-me!

Monte sentou-se, segurou-o pelos ombros e puxou-o para junto de si.

- Charlie! Não sei o que está acontecendo... não consigo pensar. Temos que sair daqui... já, imediatamente!

- Sim, ajude-me...

Saíram juntos da barraca para a chuva que caía em véus cinzentos. Não sabiam para onde iam e porque iam. Havia perdido tudo, até a esperança.

Sabiam apenas que tinham que sair dali. Depressa, antes que fosse tarde demais, antes que tudo estivesse perdido.

Ficaram vagando na chuva, dois monstros disformes produzidos num pesadelo de desolação. Ganharam, trôpegos, a floresta escura e desapareceram.

Onde os dois homens da Terra haviam estado, ficou apenas uma clareira deserta sob a chuva.

Uma clareira deserta, a fogueira apagada, duas barracas arriadas e dois capacetes abandonados...

12

Fuja!

Monte sentia o sangue subir-lhe à cabeça. O próprio ar que respirava ressecava seus pulmões; seu peito arqueava em tremores convulsos dentro da vestimenta. Ele escorregou e caiu estirado na lama. Levantou-se e continuou andando.

Fuja!

Ele não tinha destino: estava fugindo de alguma coisa e não corria em direção de coisa alguma. Estava fugindo da clareira encharcada, fugindo das sombras de braços longos dos *Merdosi*, fugindo das feras que rondavam à noite.

E estava fugindo de si mesmo.

Fuja!

As árvores à sua volta haviam se transformado em muralhas impenetráveis; ele tinha que lutar pela luz, pelo ar. Cipós, gavinhas e arbustos prendiam-no pelos pés. Não conseguia ver nada com clareza. Mesmo o céu cor de chumbo estava invisível. Não havia nada naquele mundo a não ser aquele ímpeto, nada a não ser aquela determinação irracional de continuar avançando, sempre, eternamente.

Ouvia vagamente o ruído de um corpo pesado movendo-se atrás dele, o som de botas mergulhando na lama, de respiração ofegante em busca de ar.

Avante, Charlie!

Não desista! Corra!

Viu-se de repente fora da floresta na claridade agonizante da tarde. Através de um véu prateado de chuva divisou um rio pardacento e com grande volume de água. Ele regurgitava através de margens corroídas e espumava de encontro a penedos cintilantes. A água era negra como petróleo cru, exceto onde a superfície era cortada por rochas, fazendo saltar espuma branca. Além do reboar ensurdecido do rio, nada mais se ouvia naquele mundo.

Ele sabia que tinha que atravessar o rio. Era muito importante para ele alcançar a outra margem. Mas como? Nadar com a vestimenta espacial estava fora de cogitação; ele afundaria como uma pedra. Mesmo que retirasse a roupa, não poderia nunca nadar através daquela correnteza.

Parou, relutante. Caiu de joelhos, respirando com esforço. Charlie vinha correndo atrás dele e estendeu-se no chão, soluçando.

Havia de ter uma saída.

Com dificuldade, levantou-se. Entrou na água e começou a caminhar rio acima, apavorado com a pressão da correnteza. Além do véu cinzento da chuva, as rochas no meio do rio cintilavam e sugeriam ilhas primitivas. Um som compacto batia em seus ouvidos. Mas todas as partículas de seu ser tinham um único objetivo:

Fugir!

Atravessar o rio!

Continuava avançando, com os olhos semi cerrados por causa da chuva. Arrastava consigo a vestimenta espacial tão inconscientemente como a tartaruga carrega seu casco.

Pronto. Ele pestanejou. O rio alargou-se, expandindo-se para as margens de lama amarela. Os blocos de rocha elevavam-se despontando da água espumosa como uma cadeia de ilhas escarpadas que se estendiam de uma margem à outra. A correnteza descia com rapidez vertiginosa mas o rio não era fundo. Ele podia fazer a travessia pelos rochedos, se não escorregasse. Se ele errasse o pé...

Bem, aí estaria perdido.

Não olhava para trás; admitia que Charlie estava ali. Suas botas rangeram na lama pegajosa e ele arrastou-se para cima da primeira rocha. O lodo tornava-a escorregadia; ele não teve outra alternativa: avançar ou cair. Os borrifos batiam-lhe no rosto e dificultavam sua respiração. Mas o pior de tudo era o barulho. O rio desconhecido urrava aos seus ouvidos com uma fúria de cantos antigos e malévolos.

Como um animal disforme, remanescente de uma era perdida, ele avançava agarrando-se nas rochas. Quase não via para onde ia, avançava movido por uma vontade irracional que dominava todo o seu corpo. Ele agarrava as rochas oleosas com os grossos dedos enluvados, envolvia-as com os braços, firmava o corpo com as botas pesadas. Amaldiçoava os rochedos, insultava-os, aos gritos.

Caiu quando faltava pouco para alcançar a margem, caiu e rolou na água suja como um tronco. Arrastou-se até a margem e saiu da água, tateando como o primeiro anfíbio à procura da terra.

O rio ficava para trás. Havia atravessado. Afinal. Sentia-se muito fraco para por-se em pé. Ficou estendido na lama, sorrindo com ar de louco.

Ouvia alguém gritando historicamente. Voltou-se e viu o corpo balofo de Charlie empenhado numa luta desesperada para transpor a cadeia de rochas. Teve vontade de ir em seu socorro, mas mal podia mover-se. Contorceu-se na lama, procurou ficar de frente para o rio e estendeu os braços. Quando Charlie caiu da última rocha, agarrou-o e puxou-o para fora da água.

Charlie ficou estendido com o rosto na lama amarela enquanto seu corpo se contorcia convulsamente tentando erguer-se. Lentamente, seus movimentos foram cessando. Ele virou o rosto enlameado para Monte e tentou sorrir.

- Conseguimos... - murmurou. - Nem acredito...

Monte suspirou fundo.

- Não podemos ficar aqui -, disse, como que inspirado pelo seu anjo da guarda.
- Não há melhor lugar. Estamos esgotados.
- Vamos para um lugar seco. Levante-se.
- Pra que?

Monte estava sem paciência para conversar. O homem não sabia que eles tinham que continuar avançando? Não percebia que tinham que se afastar daquele rio? Não compreendia que tinham que encontrar...

O que?

Monte pôs-se em pé com dificuldade. Uma parte dele estava pasmada pelo fato de

ele aguentar-se em pé, mas a outra parte sabia que havia, em seu corpo, profundas reservas de força que nenhuma máquina poderia jamais medir, nenhum homem poderia jamais apreender.

Perdeu durante um rápido instante a visão. O sangue voltou-lhe à cabeça e sentiu-se tonto. Apesar da lama e da chuva, sentia calor.

"Provavelmente ardendo em febre. Mas o que significava aquilo? Que é febre? Apenas uma palavra. De nada me servem neste momento as palavras. Não existem palavras."

- Vamos, Charlie - disse ele - Levante-se.

- Não posso.

- Pode. Levante-se. Não deve estar longe.

- Estamos vencidos.

Monte abaixou-se, segurou Charlie por baixo dos braços e levantou-o.

- Você não pode ficar aqui.

Charlie sacudiu a cabeça.

- Não posso prosseguir.

- Pode. Experimente, ao menos.

Monte virou-se e começou a afastar-se do rio. Toda a sua mente estava concentrada na troca dos passos. Não olhava para trás. Não pensava. Caminhava sob a chuva, avançava, como avançam limalhas atraídas por um ímã que não veem.

A região agora era descampada e a chuva precipitava-se livremente sobre ela. Ele caminhava através de um capinzal, esmagando sob as botas as lâminas molhadas. Sentia a terra elevar-se sob os pés e ao longe, transfigurado pelo véu da chuva, ele vislumbrava o horizonte, um horizonte negro e irregular, em cujos contornos a noite se anunciava.

Montanhas.

Não sabia quanto tempo ia levar para alcançar as encostas; o tempo havia perdido seu significado. Talvez tivesse que caminhar para sempre sob o céu estranho com o rosto batido pelo vento da noite. Mas não parou. Suportava, simplesmente. Continuou avançando.

Estava já bastante escuro e a chuva caía ainda. Ele olhou para as encostas dos penhascos e viu-a lá. Uma escuridão mais intensa contra a sombra total da noite. Uma passagem na escuridão...

Uma caverna.

Ele sorriu. Ignorara o que estivera procurando, mas ficou sabendo quando a viu. Uma caverna. Era isso. Estava ali a resposta.

Tinha que ser aquela a resposta. Subiu a trilha sinuosa da encosta do penhasco. Ouvia os passos de Charlie atrás dele, deslocando pedras com as botas. Alcançou a entrada da caverna. Não hesitou. Curvou o corpo e entrou. Estava escuro, escuridão de uma terra que nunca conheceu a luz das estrelas, mas não chovia e havia calor lá dentro.

Estava resguardado - sabia que estava resguardado.

Afastou-se da entrada e atirou-se no chão. Encontrou uma pedra lisa para usar como travesseiro. Fechou os olhos.

Sabia de certo modo que um ciclo havia terminado. Havia completado um círculo.

Charlie sucumbiu ao seu lado, arquejando exausto. Seu cérebro tentou dizer-lhe que não dormisse, mas não adiantou.

Isto não tinha importância.

Nada tinha importância.

Estava resguardado, abrigado na caverna que era o início de todos os homens,

oculto do mundo que se estendia fora dali.

Os sonhos estranhos e perturbadores não voltaram. Dormiu o sono da exaustão. Lentamente sua respiração retornou ao ritmo normal. As marcas profundas de seu rosto desapareceram. O corpo repousou.

Quando acordou, Monte viu uma bruma dourada à entrada da caverna. A chuva havia parado e o sol brilhava. Mesmo dentro da caverna, havia um ar fresco e perfumado. Não se moveu logo no início. Ficou como estava, desfrutando o prazer de estar vivo.

Não, o que sentia era mais do que isso. Não estava apenas vivo. Sentia-se bem. A alucinação que subjugara sua mente havia desaparecido. Sentia-se purificado e feliz. Esta era talvez a mais antiga e mais completa de todas as alegrias humanas: "eu estava doente e agora estou bom. Estivera na beira do abismo e salvara-se."

Sanidade mental. Era algo que Monte havia admitido. A loucura não fora nunca algo a que pudesse estar sujeito. Outros, sim, mas ele, nunca.

Agora, distinguia melhor as coisas. E estava alegre por ter voltado a ser ele próprio.

Mas o que havia acontecido a ele e a Charlie? Era possível terem eles passado em *Sírio Nove* apenas duas noites? Parecia-lhe que aquelas horas tinham sido uma eternidade, mais longas de que todo o resto de sua vida. Não se lembrava nem mesmo com clareza delas. Tudo estava tão misturado, tão confuso...

E havia algo com toda aquela aventura, algo de que não se lembrava bem, algo relativo a uma premência desesperada, a uma provação, a uma ameaça. Não havia sido natural. Estava de algum modo intimamente ligado aos incompreensíveis *Mer-dosi*, às feras e às sombras negras do insuspeitado...

Levantou-se, movendo-se cuidadosamente para não perturbar Charlie. Curvou-se, deu alguns passos e saiu para fora da caverna.

O braseiro esbranquiçado de Sírio feriu-o como um golpe, mas ele acolheu-o com prazer - o calor, a luz e sua pureza. Deleitou-se com a amplidão do céu azul, o verde puro dos capinzais, a cintilação das folhas vermelhas das árvores. O ar fresco acariciou-lhe o rosto. Mesmo o rio distante corria serenamente entre as margens amarelas, cintilando como vidro aos raios quentes do sol.

Olhou para si mesmo e passou os dedos entre os fios emaranhados da barba. Sua vestimenta estava suja de lama. Havia um rasgão denteado na perna esquerda. As luvas estavam rijas e esfaceladas. Seu corpo, ao contato do restos de lama e resíduos, parecia molhado.

Monte começou, lentamente, a retirar a vestimenta espacial. Tirou primeiro as luvas e contemplou as mãos brancas e pegajosas, como se tivessem ficado muito tempo resguardadas da luz e do sol. Começou a retirar a roupa, composta de inúmeras partes. Não foi tarefa fácil. Quando terminou, ela ficou amontoadas em cima da rocha como uma pele abandonada de cobra.

Retirou o resto da roupa molhada e estendeu-a para secar sobre uma pedra. O calor do sol dava-lhe uma sensação maravilhosa e foi com relutância que se afastou para a sombra afim de fugir da luz solar. Sabia que o sol de Sírio podia provocar bolhas em sua pele em alguns minutos. Mesmo assim, era uma grande tentação deixar-se ficar naquela luz fulgurante.

Teve vontade de tomar banho. Um banho, pensou, era uma das menos apreciadas bênçãos da civilização. Um banho, uma boa refeição, uma bebida refrescante...

Bem, tudo aquilo teria que esperar. Já era alguma coisa ficar livre da vestimenta espacial. Contemplou suas peças com profundo mal estar. A ideia relativamente às

vestimentas espaciais, que parecera tão lógica na nave, tinha-os levado ao mais completo fracasso. Resultara num fracasso e tudo nela indicava que não podia ser de outra maneira. Como se podia esperar estabelecer contato com um povo isolando-se completamente?

Precisava, de algum modo, de um outro modo de pensar. Precisava abordar o assunto de uma maneira nova. Precisava examinar todos os acontecimentos com serenidade e lucidez.

Sentou-se numa rocha, e apoiou o queixo nas mãos. Contemplou o panorama do mundo que se estendia embaixo dele. Parecia impossível que houvesse maldade em toda aquela beleza, que existisse perversidade em tal lugar.

Tinha que haver uma resposta em algum lugar. Tinha que existir uma chave que abrisse *Sírio Nove*. Tinha que haver um caminho pelo qual pudesse seguir, um caminho que conduzisse não só a uma compreensão dos *Merdosi*, mas também a uma compreensão de si mesmo e do que representava...

Foi neste momento que ouviu o som terrível.

Pôs-se em pé de um pulo, desnortado.

Dentro da caverna Charlie gritava.

13

Ficou por um momento presa de um total desespero. Havia admitido que Charlie também estivesse livre de seu mal, embora não houvesse uma razão palpável para pensar assim. Teve a sensação de estar inteiramente só, inteiramente desamparado. Encontrava-se face a uma empreitada que estava além de suas forças. Não conseguia de modo algum superá-la.

Os gritos terríveis continuavam. Não havia articulação de palavras; não eram gritos humanos. Era o grito agudo e animal da agonia.

Monte tornou a si. Não soube como, assim como desconhecia o que o havia feito passar a noite de horror da véspera. Sabia apenas que era o ator de algum drama longo e terrível e que devia desempenhar sua parte até tombar exangue.

Curvou-se e entrou na caverna. Havia lá dentro muita luz e ele enxergava claramente. Charlie estava deitado de costas, com os braços estufados estendidos para cima e os punhos enluvados firmemente cerrados. O rosto sujo estava contorcido e banhado de suor, a boca frouxa não parava de tremer.

Os gritos enchiam a caverna.

Monte ajoelhou-se, preparado para tudo. Sentia-se como que preso a um ciclo interminável sem qualquer saída, sem qualquer meio de romper o encadeamento.

Esbofeteou violentamente o rosto de Charlie.

- Acorde! Você está sonhando. Está tudo bem. Está fora de perigo. Acorde!

Os gritos cessaram. Charlie respirou com dificuldade e abriu os olhos. Seu olhar refletia terror.

- Está tudo bem, Charlie. Você estava sonhando. Sou eu, Monte. Calma, rapaz, calma. Tranquelize-se.

Charlie olhou-o atônito. Lentamente, foi reconhecendo o companheiro. Seus braços afrouxaram e caíram sobre o peito. Ele sacudiu a cabeça e passou a língua pelos lábios.

- Tudo aquilo terminou, Charlie. Não se entregue outra vez. Olha... vê o sol brilhando lá fora? Estamos salvos.

Charlie sorriu ao se dar conta da nudez de Monte. - Que é isto, colônia de nudismo? Agora mesmo é que estou convencido de que estou biruta!

Monte riu aliviado. Charlie pareceu-lhe perfeitamente bem.

- Apenas não pude mais aguentar aquela maldita vestimenta. Venha para fora tirar a sua. Se sentirá melhor.

Charlie continuou imóvel.

- Vamos, levante-se. Temos que comer alguma coisa.

Charlie estremeceu e deu a impressão de ter-se contraído dentro da vestimenta, como uma tartaruga que quisesse recolher a cabeça dentro do casco. Monte segurou-o pelos ombros, e procurou retê-lo.

- Não há nada de que ter medo agora. Não se entregue outra vez. Faça um esforço!

- Não.

- Você não pode entregar-se, homem! Olhe lá pra fora... o sol está brilhando...

- Que se dane o sol. Que diferença faz? Não é o nosso sol.

- Que é que há com você? Que é que está se passando? Deixe-me ajudar...

Charlie fechou os olhos. Sua respiração era quase imperceptível.

- Tentei matar você, Monte. Já esqueceu isso?

Monte sacudiu a mão impacientemente.

- Estávamos doentes. Eles nos fizeram alguma coisa. Não tínhamos consciência do que fazíamos. A agressão não era nossa. Não percebeu ainda isso?

- Palavras. - Charlie abriu os olhos apavorados. - Meu Deus, as coisas que eu vi na minha mente! Os sonhos que tive! Será que sou assim?

- Claro que não.

- Aquelas coisas saíam da minha mente. Coisas que diziam respeito a você e Louise. E a respeito de Helen também. Lama! Doente? Meu Deus, a doença está dentro de nós. Não me reconheço. Todas as coisas que a gente mantém recalçada e que alguém liberta. Tentamos matar um ao outro! E você diz que tudo está bem. Loucura! Estamos loucos os dois!

- É possível. Mas isso não nos conduzirá a nada. Temos que lutar!

- Lutar contra que? Sombras? Sonhos? O planeta? Nós mesmos? Vá embora. Deixe-me em paz. Não quero fazer mais nada, nunca.

- Vamos lá pra fora. O ar fresco lhe fará bem.

Charlie riu - um riso amargo, cavo, entrecortado.

- Ar fresco! Isso é engraçado.

- Diabo, estou querendo ajudar você! Charlie, estamos sozinhos aqui. Não podemos desanimar. Há muito perigo à nossa volta.

- Porcaria, porcaria. Idiotice. Devíamos ter desistido antes de começar. Helen está morta. Louise e Ralph também. Não demora muito nós estaremos mortos. E para que? Para que? Para o diabo com os *Merdosi*! Eles não são como nós, nunca foram, nunca serão. São monstros. Somos monstros!

- Você está se contradizendo. Ânimo, vamos...

Charlie assumiu um ar astuto.

- Não. Eles estão lá fora. Estamos cercados. Sinto a presença deles, me perseguindo dentro da cabeça.

Monte sentiu-se inútil diante do mal de que o companheiro era presa. Falar-lhe era como falar com um lunático.

- Já estive lá fora. Olhei bem. Não há ninguém além de nós.

- Sinto a presença deles, estou lhe dizendo! Acredita realmente que está livre deles porque atravessou o rio? Este mundo é o deles, não o nosso. Estamos liquidados!

Monte buscou desesperadamente alguma palavra mágica com a qual pudesse ser bem sucedido. Não a encontrou.

Charlie suspirou fundo e fechou os olhos outra vez. Mergulhou nas profundezas da

depressão. Começou a resmungar, soluçando.

- Não presto. Eu não presto. As coisas que eu vi... na minha mente... estou doente, muito doente...

- Quer que eu me comunique com a nave? - perguntou Monte serenamente. - Você não pode continuar nesse estado... é exigir muito de um homem. Talvez fosse melhor...

- Não, não. Não posso voltar... não há nada lá. Não posso deixar você aqui. Quer me deixar em paz? Deixe-me descansar... pensar...

Monte levantou-se.

- Precisa comer alguma coisa. Vou ver o que posso conseguir.

- Não vá lá fora! Não saia de perto de mim! Fique aqui!

- A fome nunca me inspirou muito - afirmou Monte. - Temos que conseguir alimento. Vai ficar aqui esperando, compreende? Voltarei.

Charlie começou a gritar de novo.

Monte saiu para fora e vestiu a roupa quente e enxuta. Retirou o cantil da vestimenta espacial e prendeu-o em seu cinto. Esforçava-se para não ouvir os soluços convulsos que vinham da caverna.

Começou a descer a trilha em direção do mundo verde que se estendia lá em baixo.

O capinzal verde e sussurrante cercava-o e ele estava achando doce o cheiro que enchia o ar. O terreno até o rio declinava ligeiramente e o céu azul espargia um calor reconfortante. Apesar de sua situação, apesar de tudo, Monte sentiu subitamente uma grande confiança em si mesmo.

Aceitou-a. Conhecia-a naquele momento e admitiu que ela era uma coisa preciosa. Um homem podia viver toda uma vida e nunca defrontar a prova final que lhe revelasse o que ele era. Quando já se passou por todos os horrores nada mais há a temer.

De que maneira ia ele conseguir alimento? A água era fácil; era só se aproximar do rio e encher o cantil. Mas não tinha nenhuma arma. Não tinha disposição de voltar ao acampamento e apanhar umas latas de conserva, embora tivesse que fazer isso em última instância. Podia fazer uma armadilha qualquer, mas este seria um modo incerto para conseguir caça.

Lembrou que Ralph havia feito algumas experiências com um cacho de amoras que colhera. Se conseguisse achar alguns daqueles frutos eles bem que serviriam. Entretanto, o homem não podia viver só de amoras.

Raízes? Peixe?

Bem, as coisas principais em primeiro lugar. Continuou caminhando em direção do rio, desfrutando a caminhada, estranhamente à vontade. O mundo de *Walonka* não lhe parecia mais um mundo desconhecido; era mesmo belo, quando se acostumava com ele. Talvez todos os mundos fossem belos para os olhos capazes de apreciar. Os planetas não eram mundos estranhos, pelo menos aqueles em que um homem podia caminhar sem suprimentos de ar artificial. O problema residia em seus habitantes. Era muito mais fácil adaptar-se a um mundo novo do que a um novo ser humano.

Saiu fora do capinzal e deparou com o rio que cintilava na sua frente, sereno e silencioso à luz do sol. Agora, era um grito longínquo da torrente voraz da noite anterior; mesmo as rochas eriçadas estavam secas e mostravam-se convidativas. Estendeu-se na margem úmida e encostou a boca na água. Bebeu alguns goles. Achou a água fresca e saborosa. Encheu o cantil e lamentou ter deixado o cachimbo e o fumo

na barraca. Poderia passar com algumas baforadas. Na verdade, apesar do estômago vazio, sentir-se-ia muito satisfeito com seu cachimbo. Amara sempre a terra, qualquer terra que não tivesse sido estragada pelo mau cheiro da civilização, e dificilmente o homem exigiria mais do que um rio cristalino, um céu azul e um sol reconfortante.

Sentiu-se em inteira paz consigo mesmo.

Talvez a razão estivesse no rio. Talvez houvesse peixe ali, nas águas represadas pelas rochas. Como velho pescador, sentia o cheiro de peixe. Podia conseguir algo parecido com linha, usar insetos como isca, ou amoras, e pescar um monte de peixe...

E lembrou-se subitamente dos pássaros. Não seria difícil localizar alguns ninhos, furtar uns ovos. Sorriu. Se só isso fosse suficiente para viver! O suficiente para comer, o suficiente para beber, um fogo para aquecer, um abrigo, um pouco de amor...

Como é que a vida do homem havia ficado tão complicada? Por que é que o homem insistia em tumultuar sua vida com todas as irritações que o envelheciam antes do tempo? Por que é que não podia um camarada sentar-se simplesmente ao sol, pescar e fumar seu cachimbo?

Ele não sabia. Mas não era tão simplório para acreditar em seus próprios sonhos ociosos. Aceitava-os dentro da realidade: uma reação contra todo o inferno por que passara, uma imagem fantasiosa dos Velhos e Bons Tempos que nunca chegaram a existir. Havia neles alguma verdade, sem dúvida. Talvez até mesmo um pouco de sabedoria. Mas o homem era o que era. Tinha um cérebro e não podia ligá-lo e desligá-lo à vontade.

Louise estava morta. Charlie estava soluçando na caverna de um penhasco desconhecido. Ele, Monte, havia fracassado em sua missão. A Terra e *Sírio Nove* haviam se cruzado nos mares escuros do espaço e seus destinos estavam ligados para sempre - nenhuma Excalibur encantada podia cortar as correntes que os uniam. Havia um intrincado e imenso conjunto de forças em ação ali e naquele momento, ao redor daquele rio tranquilo, todas elas focalizavam-se nele. Tinha que fazer o que fosse possível, ou deixar de chamar a si mesmo homem.

Levantou-se, um tanto desanimado.

A vinte jardas dali rio abaixo, um animal estava bebendo água no rio. Era um ser encantador, não muito diferente do gamo, mas menor e de pernas mais curtas. Não tinha, como o gamo, constituição que o permitisse correr com grande velocidade. O pelo, de cor marrom, parecia macio e tinha umas pintas brancas. Na graciosidade de seu porte, parecia indefeso.

O animal olhou para Monte, examinou-o com seus olhos doces e cintilantes, e continuou imóvel. Não parecia estar com medo. Ele mordicou os arbustos tenros que cresciam ao longo da margem e torceu preguiçosamente a cauda.

Provavelmente, pensou Monte, o animal o havia confundido com algum dos nativos. O vento estava soprando contra seu rosto e sem a indicação do cheiro o animal não pôde se dar conta de que ele era um estranho. Além disso, os nativos caçavam sempre com o auxílio dos *Merdosini*.

Se ele pudesse pegá-lo, quebrar-lhe o pescoço, ou mesmo aturdi-lo com uma pedra...

Monte deu um passo em direção do animal. Este olhou-o curiosamente e continuou comendo o capim. Monte aproximou-se mais, tomando cuidado para não fazer movimentos rápidos. O animal farejou o ar. Suas orelhas de mula empinaram e inclinaram para a frente.

Monte prendeu a respiração. Estava a quinze jardas. Dez...

O animal afastou-se. Emitiu um som misto de mugido e assobio, virou-se e afastou-se correndo através do capinzal. Não correu propriamente, quis apenas guardar a distância.

Subitamente Monte se deu conta de que estava com muita fome. Havia muita carne naquela caça. Ele pegou uma pedra... se pudesse apenas chegar um pouco mais perto...

Monte iniciou uma corrida cuidadosa, repondo os pés no chão o mais levemente possível. O animal não olhava para trás, mas mantinha o passo. Monte concentrou-se, certo de que uma velocidade maior era sua única oportunidade. Segurou firmemente a pedra. Agora...

No momento exato em que deu a partida, foi que viu...

Parou subitamente e ocultou-se entre as moitas de capim.

Não era o único que estava perseguindo o animal. Uma das feras, rastejando, ligeira e silenciosa como a própria morte, cruzou seu caminho.

Monte separou a moita de capim e olhou. Como é que havia sido tão descuidado? Encontrava-se completamente indefeso sem a proteção da vestimenta espacial, tão indefeso quanto aquele gamo anão. Mas a fera não parecia interessada nele; perseguia sua presa com uma concentração tão absoluta que dava medo olhar.

O pequeno animal não chegou a perceber o que o havia atacado. O *Merdosini* caiu-lhe em cima como uma sombra muda. As enormes presas brancas penetraram na jugular e jorros de sangue rubro tingiram o focinho do matador. Em poucos segundos tudo estava terminado.

Foi quando o homem saiu do meio do capim e assobiou. Monte arregalou os olhos surpreso. Ele conhecia aquele homem. Era um velho, alto, de braços compridos, nu e com listas vermelhas pintadas no peito. À luz do sol sua pele ficava cor de cobre e o cabelo ralo uma penugem dourada. E seus olhos - aqueles olhos negros torturados - Monte jamais se esqueceria deles.

Era o mesmo homem com quem inicialmente haviam tentado estabelecer contato logo que desembarcaram em *Sírio Nove*. O velho que fugira do tronco oco quando eles tentaram falar com ele.. há quanto tempo?

Que estava ele fazendo ali, naquele lado do rio?

O homem disse qualquer coisa para desviar a atenção da fera. Ela ganiu e roçou-se nas pernas do velho num comportamento muito parecido com o do cachorro. O homem afagou-lhe a cabeça distraidamente, estendeu então os braços, agarrou o animal morto e colocou-o nos ombos. Monte, de onde estava, via distintamente o sangue escorrer pela pele cor de cobre.

Lado a lado, o homem e a fera afastaram-se através de altas moitas de capim.

Estavam exatamente na direção do penhasco onde ficava a caverna. Coincidência? Monte relutou em admitir isso.

Procurou tirar conclusões rápidas. Não conviria cometer desta vez qualquer erro tolo. O velho, quando só, não constituía para eles uma ameaça muito grande. E a fera estava provavelmente em segurança enquanto permanecesse sob o controle do velho. Se Monte se deixasse ver, podia afugentar o velho. Não queria que isso acontecesse. Isso era apenas possível...

Esperou que eles adquirissem uma boa dianteira. Esperou até ficar seguro de que a altura do capim ocultasse seus movimentos. Então avançou e silenciosamente seguiu-os. Caminhava através do mundo verde sob o sol esbranquiçado.

A esperança renascera nele.

Seguia a trilha do velho e do matador.

A cada passo ficava mais perto das encostas das montanhas onde Charlie, na ca-

verna, esperava.

E a cada passo sentia-se mais assombrado.

14

O velho avançava firmemente sob sua carga, e os músculos de seu corpo ondulavam enquanto ele caminhava. Ele não parou para descansar. A fera seguia ao seu lado, dando vez por outra cabriolas na frente de seu dono.

Um homem e seu cão, pensou Monte. Um homem e seu cão carregando um gamo. Como era fácil encontrar para aquela cena um paralelo terreno. Psicologicamente, era uma forma perigosa de raciocínio - e mesmo assim ele encerrava uma certa validade. Inesperadamente, a alguém que nunca estivera ali, podia parecer que as formas de vida de *Sírio Nove* eram na aparência totalmente diversas das da Terra. Mas não era aquela impressão categoricamente desmentida por todos os fatos da evolução? Era uma daquelas ideias traiçoeiramente lógicas que trazem em si uma falha menor: não era verdade. Mesmo um conhecimento superficial da evolução terrestre teria sido suficiente para furar aquela bolha especial. Um dos fatos mais notáveis da evolução era o princípio de paralelismo ou convergência. Formas de vida que ficaram separadas por milhões de anos mostraram muitas vezes semelhanças surpreendentes. Monte lembrou-se do exemplo clássico dos marsupiais e dos placentários. Houve ursos, gatos, cães e esquilos marsupiais - e muitos outros. Houve seres que pareciam elefantes mas não eram. E mesmo a história do homem ilustrava a mesma ideia.

O homem muito provavelmente desenvolveu-se não só uma vez, mas diversas. Houve tipos como o *Pithecanthropus* em Java, na China e na África. Houve *Neanderthals* clássicos vivendo ao mesmo tempo como *Homo sapiens*, e mesmo cruzando-se com eles na Palestina e na Tchecoslováquia. Houve diferentes grupos de primatas Miocenos, tais como os *Dryopithecines*, que começaram a evoluir na direção do homem. Talvez existisse apenas um número limitado de soluções para os problemas de sobrevivência. Talvez um tipo determinado de vida, a dos mamíferos por exemplo, se desenvolvesse por necessidade em linhas paralelas, não importando onde tenha se verificado a evolução. Talvez o mecanismo duplo de mutação e seleção natural assegurassem sempre a sobrevivência de tipos basicamente capazes: peixes e pássaros, tartarugas e coelhos, borboletas e homens. Talvez em todos os planetas semelhantes à Terra, admitindo-se as condições próprias do ar, da luz solar e da água, o homem encontrasse apenas variações num plano único e universal...

Diferente? Claro, a vida num planeta podia ser diferente. Monte descobriu isso no

pesadelo que tivera com os *Merdosi*. Mas não era ela diferente em seus nuances, em seus matizes, em seus atributos quase mas não inteiramente iguais? Não era a diferença apenas sutil? E, digamos, não era ali a diferença verdadeiramente maior do que a que existiria entre algo parecido com um octópode mas que tivesse imaginado formas exatamente como as do americano moderno?

Tome por exemplo aquele velho ali, caminhando sob o sol esbranquiçado com uma carcaça nas costas. As proporções de seu corpo eram diferentes das do corpo de Monte, mas e daí? O enigma residia em outra parte. Pôr que estava ele fazendo o que estava fazendo? Em que pensava? O que o havia levado a matar o animal e transportá-lo para a caverna? O que representava aquilo para ele em dor, preocupação e coragem?

Que estava ele fazendo?

"Espere para ver, rapaz. Espere para ver."

Sem hesitar, o velho começou a subir a trilha que conduzia à caverna. Não havia dúvida de que estava familiarizado com o local; o refúgio não era afinal tão seguro quanto ele e Charlie haviam imaginado. Monte deteve-se indeciso, com receio de ser visto. Queria ver o que ia acontecer. Pôs-se à escuta, mas não ouviu qualquer barulho na caverna. Estaria Charlie dormindo? Ou observando?

Saltando de rocha em rocha, Monte avançou na direção do penhasco. Procurou subir pela esquerda afim de manter-se oculto até atingir a parte de cima da caverna.

Com a respiração presa, ele abaixou-se e olhou para baixo. O velho estava parado bem em frente da caverna. A fera rosnava e farejava a vestimenta espacial. O homem pôs o animal morto no chão, junto à entrada da caverna. Pela primeira vez mostrava-se hesitante. Recuou alguns passos, cruzou os longos braços sobre o peito coberto de listas vermelhas e suspirou fundo.

O velho falou. Sua voz tremia. Estava com medo mas com o firme propósito de fazer o que determinara fazer. Falava lenta e cuidadosamente, escolhendo as palavras. Monte não teve dificuldade em compreendê-lo.

- Estrangeiros! - (Literalmente: "*povos-que-não-são-Merdosi*" - Falo com vocês como vocês falaram comigo uma vez. Trago para vocês alimento como vocês levaram alimento para mim uma vez. Falo meu nome: *Volmay*. Tem havido muita complicação desde quando vocês falaram comigo. Pela minha covardia tenho grande parte de culpa. Chegou a hora de começar outra vez. Estou dizendo meu nome: *Volmay*. Querem falar comigo?

Monte praguejou contra si mesmo. Estava ali a oportunidade pela qual vinham esperando. Não era Charlie capaz de perceber isso? Quis aparecer, gritar para *Volmay*, mas se ele o assustasse naquele momento...

- Estrangeiros! Vocês estão aí? Falo meu nome outra vez: *Volmay*. Trouxe alimento para vocês. Estou só. Não querem mais falar comigo?

Palavras!

Primeiro eram os homens da Terra gritando para os *Merdosi*. Depois era *Volmay* gritando para os homens da Terra. Em nenhuma das vezes houve resposta. Ainda não se concretizara uma ligação.

"Vamos, Charlie! Dê-lhe uma oportunidade!"

O velho continuou na beira da rocha, cercado pelas velhas montanhas e pelo círculo do céu. O vento morno sussurrava no silêncio.

- Estrangeiros! Não é fácil para um homem julgar mal seu povo. Sou apenas um homem. Minha coragem é frágil. Irei logo embora. Não querem falar comigo?

Silêncio.

Então... sons.

Movimento.

Charlie projetou-se fora da caverna como uma bala. Gritava como um louco. A vestimenta espacial estava imunda, seu rosto contorcido numa expressão de ódio. Segurava uma pedra pontiaguda

Antes que Monte pudesse fazer qualquer gesto, Charlie atirou-se sobre o velho. Derrubou-o e saltou-lhe em cima. Golpeou-o com a pedra. O velho desviou a cabeça e a pedra raspou-lhe o ombro, abrindo um talho.

A fera rosnava, rastejando em círculo. O velho gritou-lhe, ordenando-lhe que se afastasse. Charlie levantou a pedra para desferir novo golpe.

Não havia tempo a perder. Monte pulou de seu esconderijo, avançou, agarrou o braço de Charlie e torceu-o.

- Seu idiota! Solte-o!

- Veio pra matar! Agarre-o, agarre-o, não deixe ele fugir!

Charlie conseguiu libertar-se e deu com o pé na cabeça do velho, atordoando-o. A fera rosnava, com as presas à mostra.

Monte pôs-se em pé de um pulo e desferiu um golpe com a mão direita. Acertou na placa metálica no peito de Charlie e quase quebrou o pulso. Charlie cambaleou.

- Pare com isso! Ele veio nos ajudar!

Charlie sacudiu a cabeça, com os olhos cintilando, e levantou a pedra.

- Saia da frente! Não se meta nisso! - Voltou-se para o velho indefeso.

Monte teve a impressão de ter retornado ao pesadelo, de estar lutando contra sua própria espécie, contra ele próprio. Mas sabia o que tinha que fazer.

- Deixe-o em paz, Charlie - disse ele serenamente. - Deixe-o em paz ou mato você.

Charlie vacilou. Deu um passo na direção de Monte o parou. Seu rosto suado refletiu uma infinita perplexidade. A pedra caiu de sua mão.

- Não - murmurou. - Não posso... eu não... eu não sei...

Prorrompeu num soluço sufocado. Virou-se subitamente e saiu correndo, descendo a trilha velozmente sem saber para onde estava indo;

- Charlie! Volte!

Sua figura afastava-se desordenadamente trilha abaixo. Entrou como uma bala no capinzal e desapareceu.

Monte ficou atônito, sem saber o que fazer. Esqueceu-se da fera e ajoelhou-se ao lado de Volmay. O velho estava com os olhos abertos e seu corpo tremia.

- Sente-se bem? - perguntou Monte, gaguejando, na língua do nativo. - Eu lamento... muito. Meu amigo... ele está doente...

- Eu sei. Vou viver.

- Tenho que ir atrás dele e trazê-lo de volta. Espera aqui?

O velho falou vagarosamente.

- Dá sempre nisso, em tristeza. Esforcei-me o mais que pude.

- Sim, sim. Compreendo você. Nem tudo está perdido.

- Quem sabe? Meus sonhos foram perturbadores. Nós dois agimos mal. Não podemos confiar um no outro. Meus sonhos me disseram que devíamos ter outro começo, mas os sonhos ficaram tão esquisitos depois que vocês chegaram...

- *Volmay*, quer esperar? Espera?

- Não foi fácil para mim vir aqui. Não sei. Vou tentar... vou tentar...

Monte pousou a mão no ombro do velho.

- Somos muito gratos por tudo que você fez Estarei logo de volta.

Espere aqui.

- Nós faremos o que devemos fazer, nós todos.

Monte não podia esperar mais. Charlie estava doente; não tinha tempo para dizer o que devia fazer.

Deixou o velho onde ele se encontrava e desceu correndo a trilha, ao encontro do mundo verde que havia tragado aquele que fora seu amigo, ao encontro do rio.

Monte precipitou-se dentro do capinzal. Não encontrou dificuldade em acompanhar as pegadas da bota pesada de Charlie - mas não necessitava delas. Sabia para onde Charlie se dirigia, tinha certeza, nunca tivera tanta certeza em sua vida.

Não quis gritar para não desperdiçar as forças que lhe restavam e além disso as palavras seriam inúteis. A energia nervosa que o vinha mantendo começava a faltar-lhe.

Estava coberto de suor quando atingiu o rio. Viu Charlie imediatamente: uma figura bulbosa acorada numa rocha no meio do rio. Um homem abatido, vencido, sufocado no invólucro da vestimenta mecânica, com os olhos fixos na água fria e cristalina do rio.

"Por que ele esperou por mim? Era tão difícil morrer sozinho? "

- Charlie! Não faça isso! - Sua voz tênue perdeu-se na imensidão do céu, foi traga-da pelo ruído da correnteza.

Charlie Jenike virou a cabeça, olhou para ele e continuou mudo.

Monte avançou em sua direção, pulando pelas rochas.

Charlie esboçou um sorriso, um sorriso estranhamente tranquilo, e pulou. Seus pés bateram na água e o corpo afundou como uma pedra. Surgiu à tona outra vez e a corrente envolveu-o. Seu corpo disforme debatia-se na água e dava a impressão de estar querendo nadar.

Monte pulou na água, certo de que isso pouco adiantava. Lutando na corrente fria e veloz tentou alcançar o companheiro, mas não conseguiu.

Charlie submergiu outra vez e não voltou à tona.

Monte mergulhou e perscrutou as profundezas gélidas. Permaneceu no fundo o quanto seus pulmões permitiram, voltou à tona e afundou de novo. Não conseguiu localizar Charlie. Havia em todo o rio trechos profundíssimos e a correnteza era veloz, veloz...

Manteve-se dentro d'Água até perder todas as esperanças e então nadou para a margem. Arrastou-se pela borda e ficou ali estendido até readquirir o alento. O rio fluía sereno e imperturbável sob o céu. Não se via nenhum sinal de Charlie.

Sentiu-se oco, destituído de todas as emoções. Os lances pelos quais passara haviam-lhe exaurido todas as forças. Procurou recordar-se de Charlie: um homem rude, desleixado, um homem devotado ao seu objetivo, um homem íntegro, uma figura engraçada meio parecida com um pinguim...

Mas esse Charlie estava distante, muito distante. Havia morrido... Quando? Havia muitos dias, passara-se já toda uma vida. O homem enfermo, amedrontado, embaraçado que se atirara no rio não era Charlie. Era outra pessoa, um homem alquebrado, um homem que não podia encarar as profundezas de seu próprio ser.

"Eu o trouxe aqui, Eu trouxe todos eles aqui. Charlie, Louise, Helen, Ralph."

"E agora estou só".

"E eu também mudei..."

Levantou os olhos e olhou para o céu. Em alguma parte lá nas alturas flutuava ainda uma nave. Uma nave poderosa que havia atravessado os abismos entre os mundos. Uma nave onde se encontrava sua gente, esperando, preocupada... Isto acontecia sempre com os seres humanos. Minúsculos, temerosos, incertos, impotentes... mas isto competia a eles. Isto competia sempre a eles.

Monte deu as costas para o rio e retomou o caminho da volta. Sentia-se mortal-

mente cansado. O sol esbranquiçado começava a descer na direção da orla das montanhas e o dia estava quente e vazio.

Escalou a trilha do penhasco e atingiu a caverna. Imaginou-a como sua casa: era Afinal a única que possuía.

O velho havia ido embora. A fera também. Só o animal morto estava ainda lá.

Monte suspirou. Decidiu voltar e recolher lenha. Acendeu uma fogueira junto à entrada da caverna e assou um pedaço de carne num espeto. A gordura chiou ao contato do fogo. A carne assada espargiu um cheiro gostoso. Este, pelo menos, não havia mudado.

Comeu até sentir sumir a dor no estômago. Ficou imóvel na beira do penhasco contemplando a aproximação das sombras da noite no mundo de *Walonka*. Bebeu mais um gole de água e entrou na caverna.

15

O nascer do sol foi esplendoroso.

A luz invadiu a caverna e Monte acordou imediatamente. Não se sentiu aturdido, nem confuso. Acordou disposto e alerta, como que consciente de que só o fato de estar vivo já era uma grande dádiva e de que não havia tempo a perder.

“E eu era o camarada que sempre precisava de três xícaras de café para ficar inteiramente acordado!”

Saiu para fora da caverna e aspirou a beleza do alvorecer.

A bola branca do sol estava ornada de nuvens. Ardia como que através da névoa, cintilando como um arco-iris. Irradiava-se em dedos incandescentes e coloria toda a terra: verde intenso, chamas vermelhas, jorros negros. Lançava sua luz das montanhas, fazendo-as cintilar como cristais. Seu calor transmitia ao corpo de Monte uma vibração agradável.

Ele recolheu mais lenha e acendeu a fogueira. Bebeu alguns goles de água e cortou outro pedaço de carne do animal morto. Utilizou uma pedra afiada para remover a pele e assou uma substanciosa refeição. A carne tinha o mesmo sabor do cervo. Era rija, selvagem e succulenta.

Depois de ter comido, escolheu uma pedra dura que servisse para uma machadinha e desbastando um pedaço de pau conseguiu um cabo razoavelmente bem feito. Afiou a extremidade mais fina da pedra e preparou o centro da mesma para prender o cabo. Contemplou-a e sorriu. Estava progredindo. Diabo, estava já no *Paleolítico Anterior!* Mais uma ou duas semanas e poderia inventar a laminação de pressão...

Começou a preparar a carne que havia sobrado. Cortou-a em dois pedaços e colocou-os ao sol para secar. Desceu e colheu no campo alguns cachos de amoras. Introduziu-as na carne, derreteu uns pedaços de gordura e espalhou-a em cima da carne. Sorriu satisfeito. Não tinha provavelmente ali a melhor carne seca do mundo, mas ela duraria pelo menos alguns dias.

Isso era tudo de que precisava.

Sentou-se de pernas cruzadas em frente da caverna e ficou olhando a terra lá embaixo. Havia chegado o momento. Agora, ou nunca...

Concentrou todo o seu pensamento no problema que tinha diante de si. Dispunha de todos os fatos de que necessitava, de todos os fatos possíveis naquele mundo. Ti-

nha todas as peças do quebra-cabeça. Precisava agora reuni-las.

Mas isto... onde você começou?

Bem, parta do início. Examine tudo, passo a passo. Reflita bem sobre todos os aspectos. Deve existir uma chave. Tem que haver uma chave. Partira de Mark Heide-
man, quem primeiro lhe falara de *Sírio Nove*. Era este o começo? Não... recue ainda
mais. Recue até a aurora do homem no Planeta Terra. Recue...

Subitamente, pôs-se em pé. Arregalou os olhos e correu-os à sua volta.

"Fui um cego. Cego. Aqui está, bem na minha frente!"

Sim.

Uma caverna. Uma fogueira.

E uma ferramenta de pedra lascada.

Pegou o pedaço de pedra que havia se transformado numa machadinha. Apertou-a
na mão, apertou-a com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas.

Uma ferramenta de pedra lascada.

O começo.

A chave.

EXTRATO DO CADERNO DE NOTAS DE MONTE STEWART:

*Este diário assemelha-se a algo encontrado na escavação de um túmulo. É
um milagre estar ele ainda intato. Creio que ninguém chegará a ler o que
escrevo aqui, mas de algum modo isso não parece ter muita importância. Ou
tem? Talvez seja necessário ao homem procurar comunicar... comunicar-se
consigo mesmo, em última instância.*

Comunicação.

De certo modo, tudo se resume nisto.

*Estou muito emocionado neste momento. Creio que vislumbro a resposta.
Devo tentar registrá-la. E então talvez...*

*Uma vez se tendo a coisa em perspectiva, não é difícil. É necessário re-
cuar com habilidade, perscrutar os extensos corredores do tempo. Meu
Deus! Não é engraçado ser o homem capaz de transmitir uma ideia durante
metade de sua vida e depois não aplicá-la quando as circunstâncias assim o
exigem? Eu repetia rapidamente todos os semestres na minha preleção ini-
cial: "Se vocês querem compreender o animal humano devem retornar ao
início. Os documentos escritos são muito recentes na história do homem -
eles nos fazem retroceder apenas alguns milhares de anos. O homem mesmo
habita a terra há quase um milhão de anos. Para que se compreenda o que
ele é hoje, deve-se olhar para trás da longa estrada que ele percorreu e ver
onde ele esteve. Vocês devem retroceder até o início...*

O início?

*Não obstante, como nós sabemos a história do homem na Terra? Como é
que desenredamos o passado?*

Desenterrando ferramentas. Ferramentas de pedra.

Paleolítico: Idade da Pedra Anterior.

Mesolítico: Idade da Pedra Média.

Neolítico: Idade da Pedra Posterior.

Estamos tão habituados com ela que nem chegamos a pensar nela. Ela é parte de nós. Claro! Quem indaga dos ditames de sua cultura? Ela sempre nos parece tão natural, tão inevitável.

Logo no início, assim que. o homem surgiu, ele começou a fazer ferramentas. Fez seus artefatos cortando e desbastando a pedra. Era com isso que vivia. Era com isso que caçava, com que se defendia e mesmo com que se expressava. (Quem é que olhando para uma faca solutreana não sabe que se trata de uma obra de arte?)

Óbvio?

Talvez. Mas reflita sobre isto: quando o homem da Terra partiu para percorrer essa trilha, não havia retorno. Quando ele pela primeira vez lascou seu instrumento, determinou seu destino. Todo o resto fluiu desse ato criador: lanças, arpões, arcos e flechas, o arado, rodas, a escrita, cidades, aeroplanos, bombas, naves espaciais. .

Foi um modo de vida, um modo de pensar.

Foi a trilha do homem na Terra.

Não cabe a mim dizer se esse caminho foi bom ou mau. Não tenho certeza se os termos têm ou não sentido neste contexto. Mas é, sem dúvida, inegável que o homem tomou uma pesada carga, quando fabricou seu primeiro instrumento de pedra. Somente um imbecil deixará de compreender a lição transmitida por nossa história. Uma importância maior ao poder externo traz em si um castigo. Leiam nossos romances, ouçam nossa música, contemplem nossa arte.

Visitem um hospício. Contem os suicídios. Contem os túmulos de todas as guerras. Pesem, se puderem, o tédio, a inutilidade, a frustração, a exaustão, a busca desesperada de divertimentos. Temos poder sobre todas as coisas: podemos construir pontes, casas, navios, aviões.

Mas, como gente, estamos realizados? Chegamos ao menos a encontrar uma medida para a felicidade? Por que precisamos de pílulas para eliminar nossa angústia? É nosso anseio pelas estrelas apenas uma expressão de nossa indigência interior? Havia uma ponte de pedágio no caminho que percorremos? Havia um galhofeiro oculto na cortina que descerramos?

Um modo de vida, sim. Mas foi ele, o único modo?

E se o homem da Terra não tivesse nunca dado esse primeiro passo?

E se ele tivesse entrado por outro caminho, um caminho diferente?

E se ele não tivesse nunca fabricado esse primeiro instrumento de pedra?

Que caminho lhe tinha sido oferecido?

Vejam os Merdosi, povo remoto nas névoas da aurora de Sírio Nove. Observem-nos com seus compridos braços de macaco, nus, seus olhos negros e inteligentes. Observem as palavras mágicas em suas bocas, reunidos sob um grande sol esbranquiçado...

Eles tomaram um rumo diferente. Eles começaram de um caminho diferente.

Qual foi?

Bem, quais eram os fatos que poderiam revelar o que os Merdosi são agora? Como se comportaram? Que técnicas utilizaram?

Observação: eles dispõem de pouco ou de invisível material de cultura;

não fizeram “coisas”.

Observação: eles mantêm uma relação íntima e combinada com alguns dos animais de seu mundo, os Merdosini e os seres de olhos redondos que se parecem com os tásios. Estes animais parecem ser controlados pelos Merdosi.

Observação: é possível que eles possam influenciar até certo ponto a forma do crescimento. Por exemplo, os troncos ocos não parecem ser inteiramente naturais. E talvez eles possam fazer crescer outras coisas...

Observação: eles ficaram inteiramente, perturbados com a presença dos homens da Terra. Não foram capazes de criar uma situação que possibilitasse um contato. Ficaram confusos, agitados, medrosos. E atacaram, primeiro com os Merdosini e depois...

Observação: atacaram a mente dos homens da Terra. Levaram Charlie à loucura. Enquanto dormíamos, eles introduziram uma doença em nossos cérebros. Eles penetraram e agiram, em nossos sonhos...

Observação: o que há de desconcertante em sua cultura é o fato de não haver nada palpável. Inexistem todas as indicações visíveis.

Observação: o que disse o velho? O que me disse Volmay? “Nós faremos o que devemos fazer, todos nós. Não podemos confiar um no outro. Meus sonhos me disseram que devíamos ter outro começo, mas os sonhos ficaram tão esquisitos depois que vocês chegaram...”

Sonhos... .

Sim, e não havia um paralelo entre diversos dos povos primitivos da Terra, os povos que ainda não haviam sido asfixiados pelo monstro mecânico? Não tinham todos eles grande fé nos sonhos? Não usavam eles os sonhos para prever o futuro, dar sentido à sua vida, tocar o incognoscível? Não confiavam, em seus sonhos como fontes de profunda sabedoria? Não admitiam alguns, deles, como o iroquês, a ideia do subconsciente, muito antes de Freud, e não reconheciam que a doença podia ter origem num conflito entre a alma e o pensamento supostamente racional?

(E o que dizer de nossos próprios sonhos? Não falamos de sonhos em termos de símbolos de esperança e de ideais? E não foram nossas atitudes relativamente a eles muito parecidas com as dos Merdosi relativamente aos artefatos? Não somos nós demasiadamente crescidos para cantar falsos louvores aos sonhos? “Não perca nunca suas ilusões, meu rapaz! Deixe sempre os sonhos seguirem adiante de você! Mas precisamos naturalmente ser práticos, fazer um bom curso na Administração de Negócios...”)

O que é que tudo isso representa?

Os Merdosi evidentemente desenvolveram um aspecto diferente da personalidade humana. Sua cultura concentrou-se num grupo diferente das possibilidades humanas. Eles conseguiram explorar as fontes da mente humana. Operam em símbolos, sonhos, visões.

Telepatia? Não, não exatamente. Parecem ter aperfeiçoado antes uma técnica de projeção de estados emocionais. Reside aí seu domínio sobre os animais. Explica-se assim o que aconteceu a Charlie... e a mim.

Mas não é só isso; essa técnica vai mais longe. Ela deve atingir todos os aspectos da vida deles. Eles devem viver num mundo de grande riqueza simbólica, devem ver o mundo em cores intensas, tons, sombras. Devem estar aptos a libertar a mente e a distribuí-la. Devem dispor de técnicas que nun-

ca imaginamos - devem ter perfeito conhecimento sobre o crescimento das árvores, o desdobramento da vida.

Sim, mas os Merdosi são também gente. Não são super-homens. Não foram idealizados como fantasias da imaginação. São apenas diferentes.

Não havia também algo oculto em seu modo de vida? Quais teriam que ser as características de tal cultura ?

Havia obviamente certas vantagens. Deveria haver uma afinidade com outro povo, uma harmonia com a vida. Deveria haver, acima de tudo, uma espécie de segurança interior, uma paz. Mas a técnica de interpretação do sonho dependia em última análise de uma sociedade estática, imutável. Os sonhos não surgiam do nada. Enquanto nada mudasse, os meios antigos obrariam - podia-se compreender os sonhos, confiar neles, aceitar as antigas ordens que eles ditavam.

Mas se se começasse a sonhar com uma nave espacial?

Ou com homens estranhos armados com fuzis?

Ou com homens e mulheres de hábitos diferentes?

Não seria a ameaça de insegurança, de mudança, o único e básico receio de uma sociedade livre de perigos? Que é que se podia fazer quando os sonhos não continham respostas?

Ficar-se-ia tomado de paralisante terror diante da aproximação de estranhos. Eles abalariam os alicerces de nossa existência. Como se podia confiar neles quando ofereciam apenas palavras?

As palavras não seriam suficientes.

Contato não seria suficiente - podia na verdade ser fatal.

Declaração de amizade não seria suficiente. Sei o que devo fazer. O rumo era claro.

Mas posso confiar em mim e em todas as coisas que fizeram de mim o que sou? É a ponte, suficientemente forte para sustentar nós dois?

De nada adiantava ficar indeciso. Aquilo tinha que ser feito. Já sabia qual seria seu primeiro passo.

Monte passou mais uma noite na caverna repousando. Acordou então noutra manhã esplendorosa de Sírio Nove.

Saiu da caverna, comeu um pedaço de carne seca e bebeu alguns goles de água. Estava pronto.

Sentia uma certa ternura pela minúscula caverna e o simbolismo do lugar não deixou de ter seus efeitos sobre ele. Independente disso, ele sempre gostara de lugares altos. Estava convencido de que havia basicamente duas espécies de seres humanos - os que eram tragados pelas planícies e os que só encontravam paz nas montanhas. Se pudesse dispor de sua vida outra vez, pensou, viveria grande parte dela nas montanhas, onde o ar era puro e o Homem podia tocar no céu.

Lançou um olhar sobre os capinzais verdes que se estendiam até o rio, onde se tornavam mais escuros e amarelados. Havia paz ali, apesar de tudo que havia acontecido. Mesmo o ar era menos irritante e a ardência da garganta havia desaparecido. Não podia ele apenas uma vez desfrutar o que havia de melhor nele, custasse o que custasse?

O homem havia encontrado o homem pela primeira vez. As formas da história futura podiam muito bem ser determinadas pelo que havia acontecido ali. E o universo

era imenso, andando à roda de ilhas de vida. Havia mais perigo ali do que mesmo nos destinos da Terra e de *Walonka*. Havia outros mundos, outros homens. O homem tinha necessidade de todos os amigos que pudesse encontrar e um dia ele também seria julgado.

Monte encolheu os ombros. Era exigir muito de um homem qualquer. Mas talvez isso se apresentasse exatamente a um só homem, uma decisão, no fim..

Sorriu ao olhar para as peças da vestimenta espacial amontoadas em cima da pedra. Dali por diante não precisaria mais delas.

Começou a descer a trilha.

Divertia-se com seu suposto papel de homem do destino. Estava inteiramente seguro de que não era o homem ideal para a função. Era, pensou com ironia, uma pena que não tivesse saído nu da caverna. Seria um símbolo maravilhoso, um fato real, a própria substância das lendas.

Infelizmente não podia expor o corpo ao sol; precisava das roupas.

Um herói escaldado! Ali estava um para os livros.

Caminhava através do capinzal, acariciando a barba, sorrindo para si mesmo.

16

Monte atravessou o rio sem dificuldade Retomou o caminho de volta à clareira onde ele e Charlie haviam armado o acampamento e ficou surpreso ao verificar que tudo ali se encontrava conforme eles haviam deixado. Esperava, de certo modo, que ele apresentasse as mesmas mudanças que verificava em si mesmo. Aqueles dias terríveis na chuva... aquilo certamente ocorrera há um milhão de anos, em outra época, em outra era...

Parou só o suficiente para apanhar o cachimbo e o fumo. Prendeu o cachimbo entre os dentes e saboreou o gosto da fumaça. Se o colocassem um dia contra um muro para fuzilá-lo, pensou, apresentaria como último desejo aquilo, umas baforadas de cachimbo.

Tudo era muito estranho, exatamente como a própria vida era estranha. Não fazia muito tempo que desistira de fumar com receio de amedrontar os nativos. Agora, quando se preparava para seguir o mesmo caminho que palmilhara antes, fumar não tinha mais importância.

Tinha, pelo menos, aprendido alguma coisa.

As coisas externas não contavam.

Entrou na floresta. As grandes árvores aglomeravam-se à sua volta, sussurrando em seus movimentos, mas ele fez de conta que elas não existiam. Encaminhou-se para o campo onde vira *Volmay* pela primeira vez havia já muito tempo... onde ele lhe oferecera alimento e vira pelas primeira vez o *Merdosini*. Encontrou a trilha que o conduzira para a floresta, a trilha escura que, para ele, reteria sempre as sombras escuras e o ecos da chuva e do vento que agitavam o teto do mundo.

Vislumbrou a árvore de tronco oco.

Volmay estava sentado na frente dela e seu corpo cintilava aos raios fugitivos do sol. A cabeça estava pendida sobre o peito nu Dormia.

Sonhando?

Tão logo Monte apareceu, *Volmay* mexeu os olhos.

- Olá, *Volmay*.

- Monte. Falo seu nome. Sonhei que você viria.

- Você não esperou por mim.

Volmay sorriu.

- Esperei aqui.
- Vim logo que pude.
- Sim. Sabia que você viria. Queria que você viesse. Mesmo assim não sabia... não sei...
- O que?
- Se vale a pena. Sou um homem velho; estou confuso. Nada me parece muito claro. Sinto muito pelo que aconteceu ao... outro.
- Isso já passou.
- Talvez. - *Volmay* franziu a testa; marcas profundas se desenharam em seu rosto.
- Sinto muito... por todos os outros. Mas sou apenas um homem velho. - Ele procurava as palavras. Parecia muito cansado.
- Somos semelhantes, eu e você. Nós dois tentamos fazer coisas que são difíceis de fazer. Não é fácil agir sozinho. É mais fácil deixar-se levar pela corrente, não é verdade?
- Há momentos em que o homem tem que nadar contra a corrente. Estou envergonhado por ter demorado. Estava com medo.
- Mas você se aproximou de mim. E agora eu me aproximo de você.
- O velho suspirou.
- Só isso não basta.
- Não, nós dois não podemos fazer nada. Sei disso. Vim para... me oferecer.
- O velho levantou-se. Fixou em Monte seus olhos negros.
- Não compreendo suas palavras.
- Às vezes uma batalha não é vencida por combate. Houve homens de meu povo que descobriram isso muito antes de eu nascer. Às vezes um combate só pode ser ganho havendo um sacrifício, uma rendição.
- Ideia estranha essa.
- *Volmay*, seu povo pode penetrar no meu pensamento, não é verdade?
- Se você desejar. Eles não podem fazer isso contra sua vontade.
- É minha vontade. Ofereço-me a eles. Quero que eles vejam o que eu sou.
- E o que é que você é, Monte?
- Monte riu.
- Sou um homem. Espero que seja suficiente.
- Volmay* afastou-se.
- Como é que pode confiar em nós, depois do que lhe fizemos? Nada posso prometer. Não sei o que lhe acontecerá.
- Monte sentou-se defronte o tronco oco. Sentia calor à luz do sol. Reabasteceu o cachimbo e aspirou até que o fumo acendesse.
- Parece-me que foi meu povo que veio até vocês, e não o contrário. Nós somos os intrusos. Este é o mundo de vocês. Eu é que devo ser julgado aqui, assim como vocês seriam julgados se fossem ao nosso mundo. Assim é que as coisas estão dispostas. Aceitarei o veredicto de vocês.
- O velho sentou-se ao seu lado.
- Você não poderá escolher o que quiser.
- Já fiz a minha escolha.
- Não sei. Somos tão diferentes...
- Somos? Pensei assim também. Mas o primeiro passo tem que ser dado. Um de nós tem que ter fé. Ou então...
- O que?
- Não tenho as palavras para lhe dizer.

- Haverá... infelicidade?
- Mais que isso, *Volmay*. Há aqui forças em ação que não podemos deter, nem eu, nem você. Nossos povos se encontraram. Nunca mais ficaremos inteiramente separados, tenho certeza. Nós dois somos o início de uma longa história. Não viveremos para ver o fim dela... talvez ela não termine nunca. Se conseguirmos confiar um no outro, seremos amigos. Se temermos um ao outro, podemos nos tornar inimigos.
- Talvez tenha sido um erro de vocês, vindo aqui. Não pedimos que viessem.
- Quem pode dizer? Pode ser que algum dia os filhos nos sejam gratos por termos vindo. De qualquer modo, estamos aqui.
- Acreditam que seremos algum dia gratos por terem vindo?
- Não sei. Esta é a verdade.
- Vocês são muito estranhos. Por que vieram aqui? Deve ter sido uma viagem penosa e longa.
- Por que vocês sonham acordados? Por que vivem em troncos ocos de árvores? Somos o que somos. Meu povo, *Volmay*... é um povo inquieto. Sempre foi inquieto. Para nós, as estrelas eram um desafio. Pode compreender isso?
- As estrelas? - *Volmay* sorriu. - As estrelas são as estrelas. Sempre estiveram onde estão para dar luz à escuridão. Mas às vezes, à noite, quando o mundo está tranquilo, costumo subir bem alto nas árvores e olhar para elas, querendo saber...
- Claro que você compreende.
- Não tenho certeza. Sempre me sentia mais próximo das estrelas quando estava sozinho, imóvel. Sempre me senti mais próximo das estrelas quando o vento da noite batia em meu rosto. Pode-se chegar mais perto das estrelas do que isso?
- Não sei. Como posso explicar...
- Sim. Exatamente. Palavras... elas nada valem. Mas, Monte, preciso perguntar-lhe algo. Não sei muitas coisas.
- Procurarei responder.
- Ele esboçou um sorriso, um sorriso tênue, cansado.
- Como é que você pode confiar em você mesmo? Você nada sabe a respeito de sua própria mente. Como sabe o que meu povo vai ver em você? Seus sonhos...
- Não há outro modo.
- Volmay* olhou-o fixamente
- Há esperança. Sim. Você sobreviveu ao ataque à sua mente... foi suficientemente forte para resistir. Isso é surpreendente. Há algo em você que o amparou. Há nisso uma esperança.
- Eu próprio gostaria de saber que coisa é essa.
- Sim. É sempre bom o homem conhecer-se a si mesmo; eu não saberia viver de outra maneira. Mas meu povo está amedrontado. Será muito difícil para eles não encontrarem o mal dentro de você. Compreende isso?
- Compreendo. Somos iguais, quando estamos com medo.
- E você não está mais com medo?
- Estou apavorado. Mas tenho mais medo de não tentar.
- Você ficará completamente indefeso, meu amigo. Eu não quero ser a causa de outros danos à sua pessoa.
- Você também achou que não há outro caminho.
- É verdade.
- Então você deve me levar à aldeia e explicar-lhes. Ou, se o momento não é apropriado para ir à aldeia, leve-me a eles.
- Volmay* olhou-o com novo interesse.

- Você já nos conhece. Aprendeu depressa.

Monte sentiu uma esquisita vibração de orgulho, como se tivesse recebido um elogio de ordem profissional

- Está bem. - O velho levantou a cabeça, examinou as árvores e em seguida cerrou os olhos, como que se concentrando. Ficou muito tempo calado. Monte acompanhou seu olhar e viu um dos pequenos e avermelhados animais oculto entre os ramos, olhando para *Volmay* com seus enormes olhos. Viu-o apenas de relance, pois ele logo desapareceu.

- Mandei uma mensagem - disse *Volmay*. - Tudo será feito conforme deseja.

- Obrigado.

O velho levantou-se e dirigiu-se para a árvore.

- Vamos comer agora. Depois dormiremos. Amanhã cedo nós iremos.

Monte seguiu-o e ambos entraram no tronco.

Já era dia pleno quando alcançaram a aldeia. A fogueira incandescente do sol ardia no meio do céu, como que relutante em prosseguir. As muralhas de rochas marrons e corroídas refletiam a luz como espelhos manchados e primitivos. A cachoeira no alto do rochedo era um oásis e o riacho pintalgado de prata serpeando no fundo da garganta tinha algo de familiar, eterno e tentador.

Os orifícios dos túneis e dos abrigos na rocha pareciam olhos encravados nos rostos marrons e pétreos dos penhascos.

Em certo sentido, tudo estava como antes - e entretanto tudo era diferente, completamente diferente. Não havia nenhuma criança brincando nas margens do rio, nenhuma pessoa empenhada em sua, aparentemente sem propósito, tarefa cotidiana.

Havia em toda a aldeia uma atmosfera de tensa expectativa

Havia uma aura de medo, de suspeita e de espera.

Os *Merdosi* haviam feito uma grande fogueira numa saliência do rochedo. Estavam todos reunidos ao redor das chamas tremulantes - um círculo de corpos nus, com olhos negros e arregalados.

Monte subia atrás de *Volmay* por uma trilha sinuosa. Não conseguia encarar os olhos que estavam fixos nele. Olhava para os pés e seguia adiante com firmeza.

Sentia-se nu, desprotegido, só.

Não conseguia encontrar em si mesmo nada a que se apegar, nada que pudesse socorrê-lo. Estava fora do alcance de qualquer auxílio, da ciência, da razão.

Estava sendo julgado por um juiz e um júri estranhos. Não conhecia seus padrões do certo e do errado, de culpa e inocência. Não sabia nem mesmo o que havia feito, ou o que deixara de fazer. Não sabia o que era.

E por meio dele todos os povos da Terra estavam sendo julgados. Quem era ele para oferecer-se como representante de um mundo? Havia, certamente, homens mais qualificados...

Mas se se conhecia realmente tudo o que era para ser conhecido sobre algum homem na Terra, nós o convidaríamos para ir à nossa casa?

Ele penetrou no círculo de olhos e ficou parado com as costas para o fogo. O calor era fortíssimo. Não sabia se ia ou não suportá-lo.

Um jovem com o peito pintado com listas azuis avançou e parou na sua frente. Estendeu-lhe uma cuia cheia de um líquido escuro e aromático.

- Bebe - ordenou o homem. - Bebe e deixa sua mente ser aberta. O meio é este.

Monte levantou a cuia até a boca e tragou a beberagem. Tinha um gosto de vinho

picante.

A fogueira ardia em chamas rutilantes abaixo dele. O círculo de olhos fechava-se, mais, mais...

O céu começou a girar...

"Não ocultarei. Deixá-los-ei penetrar. Quero que eles conheçam, vejam, compartilhem..."

Escuridão total e luz cintilante, misturadas.

Olhos.

Estavam dentro de sua mente, olhando fixamente.

17

“Toc-Toc”.

- Quem está aí?

“Arte”.

- Arte quem?

“Art eu factol!”

(Riso).

QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO? QUEM SOU EU?

“Pronto. Aí está você. Vê? Você é ainda Monte Stewart. Quando a mente é posta em confronto com algo totalmente novo ela o interpreta em termos de análogo...”

É ISSO UM ANÁLOGO?

“Chame-o do que quiser. Olhe. Ouça.

Pergunta: É isto que você escondeu durante toda a sua vida, fechado dentro de você?

Resposta: Sim. Estou envergonhado. Estava envergonhado.

(Riso).

P: Não se dá conta de quanto isto é pequeno, sem importância?

R: Não me dei conta.

P: Você sabe muito e ao mesmo tempo pouco. São estes os nomes que você está tentando nos mostrar? Judas? Pizarro? Hitler?

R: Estes são alguns dos nomes.

P: Einstein? Tolstoy? Ghandi?

R: Estes são alguns dos nomes.

(Instantâneo: um horrendo cogumelo de fumaça, sombras comprimidas em concreto).

P: Esta é a bomba de hidrogênio?

R: Esta, não. Esta é apenas uma bomba atômica. Usamo-la duas vezes.

(Instantâneo: um cachorrinho bigle num abrigo. Um menino de olhos grandes e redondos. O cachorrinho abanava o rabo branco).

P: Merdosini?

R: Apenas um animal de estimação.

Música.

P: Que é isso?

R: Lago do Cisne. O “jazz” original. Poeira de Estrelas. John Henry. Scheherazade. As Ruas de Laredo.

P: O que é antropologia?

R: O estudo do homem.

(Riso).

P: O que é essa Apresentação A em que está pensando?

R: Prova num julgamento.

P: Um julgamento?

R: Num tribunal de justiça.

P: Justiça?

CONFUSÃO. UM HOMEM É INOCENTE ATÉ QUE FIQUE PROVADA SUA CULPA! UM HOMEM TEM O DIREITO DE ENFRENTAR SEU ACUSANTE! ELES COSTUMAVAM DECEPAR NOSSA CABEÇA SE ROUBÁSSEMOS UM COELHO!

P: Por que veio aqui, a Walonka?

R: Temos andado em busca de homens como nós.

P: Por que?

R: Não sei. Entre nós mesmos apresentamos muitas razões. Talvez por ser o universo imenso e o homem pequeno.

P: Vocês precisam de nós?

R: Em parte... Mas além disso havia a excitação...

P: Como a da música?

R: Como a da música.

(Um pensamento de criança: “Ele é engraçado! Ele é engraçado! E o pensamento de uma mãe: “Isso não é bonito!”).

P: Por que fuma cachimbo?

(Riso. Riso dele).

P: O que é outro mundo?

R: A Terra é outro mundo.

P: Onde fica a Terra?

(Instantâneo: estrelas como borboletas de fogo numa noite imensa. Milhas inúteis perdidas na escuridão. Ilhas verdes e redondas flutuando, cintilando através de colares de nuvens brancas).

R: Fica muito longe.

P: Já houve em seu mundo alguma vez gente como a nossa?

R: Não, não como vocês.

P: E gente que não vivia como vocês vivem?

R: Essa, sim.

P: Por que vocês chamam eles de primitivos?

CAOS. TARZAN LANÇA-SE NUM CIPÓ, COM OS MÚSCULOS DOS BRAÇOS TENSOS. “EU, HOMEM, VOCÊ, MULHER.” UM NEANDERTHAL COÇA A PELE E DE SUA CAVERNA OLHA PARA FORA. UM HOMEM VESTIDO COM PELES DE ANIMAIS, TRABALHANDO À LUZ DE UMA LANTERNA DE PEDRA, FAZ PINTURA NA ROCHA DE UMA CAVERNA. UM ÍNDIO CULTUA O SOL. UM VELHO ESQUIMÓ ARRASTA-SE NO GELO PARA MORRER.

P: Que é que aconteceu a essa gente na sua Terra?

R: Alguns foram mortos, caçados como animais. Outros foram confinados em áreas para eles reservadas. Outros simplesmente se transformaram.

P: Isso não acontecerá conosco, se sua gente vier para cá?

R: Não! Não! Não creio que aconteça.

P: Por que?

R: Nós não somos os mesmos, crescemos.

P: Mudaram? Cresceram?

R: Há leis!

P: Ah, conhecemos esse mundo! Quem fez as leis?

R: Nós fizemos.

P: Que é progresso? Sua cabeça está cheia dele.

R: Não sei. Uma palavra. Medicamentos. Ética. Naves espaciais...

P: Qual é a sensação de não conhecer-se a si mesmo, estar vazio interiormente? Qual é a sensação de sentir-se inseguro e com medo?

UM CLARÃO AVERMELHADO. FÚRIA. REBELIÃO.

R: Médico, cura-te a ti mesmo!

(Riso).

P: Você admira seu povo?

(Pausa).

R: Às vezes.

P: Você acha seu povo bom?

R: Às vezes.

P: Quando?

R: Suas perguntas não têm respostas! Não somos perfeitos. Temos feito o que é possível fazer. Esforçamo-nos!

P: Admira nosso povo, os Merdosi?

R: Às vezes.

P: Quando?

R: Quando vocês saem do invólucro, quando se arriscam, quando não buscam o meio mais fácil!

P: Quando ficamos iguais a você?

R: Talvez. Na verdade falo assim porque não conheço vocês! Não se pode admirar o que não se compreende. Vocês têm-se escondido de mim!

P: E se se compreende, admira-se?

R: Não forçosamente. Mas se se compreende realmente, atinge-se a paixão. Atinge-se mesmo o amor.

P: Ou o ódio?

R: É possível. Mas há a esperança...

P: Ah! Você gostaria de penetrar em nossas mentes, de compreender-nos?

R: Sim! Claro! Mas não terminei ainda de falar de meu povo. Mal comecei! Vocês ainda não nos conhecem. Não falei de Platão e basebol, dos poetas e da cerveja, de César e das Montanhas Rochosas, dos artistas e dos astecas! Não falei da ciência...

P: Você está enganado. Vimos todas essas coisas. É que você não se lembra... nem todas as nossas perguntas tomam a forma das palavras. Já conhecemos vocês. Mas, você gostaria de nos conhecer?

R: Sim. Mas vocês não podem ainda conhecer meu povo! Fiz-lhes justiça...

UMA FACA NO MEU CÉREBRO, SEPARANDO-OS COM UM CORTE. TUDO ESTA MUDANDO. ESTOU SAINDO PARA FORA...

ESPEREM!

VOLTEM!

TERMINOU, TERMINOU. NÃO!

CONSIGO VER, ESTÁ COMEÇANDO...

Não sou eu mesmo, mas sou um homem.

(Que braços compridos você tem, vovô!).

É este o significado de liberdade?

Estou no teto do mundo. Há folhas em toda a minha volta, folhas vermelhas e folhas verdes, e elas traçam uma linha através do céu. Há uma brisa fresca beijando meu rosto; o ar é puro e está embalsamado com o cheiro de coisas vivas. O céu imenso encurva-se acima de mim. O sol é branco e está amistosamente próximo.

Há pássaros aninhados nos ramos mais altos: pássaros pardos e amarelos que cantam com júbilo total o milagre do viver. Cada folha tem uma pintura nova, cada linha na casca dos galhos das árvores milenares é inigualável.

Nada mudou. É aqui que reina a paz suprema. Foi sempre assim, desde o início do tempo. Ela ficará eternamente aqui, esperando por mim.

Mergulho do teto do mundo. O sangue das raças em minhas veias. Sorrio - quem podia deixar de sorrir? Lanço-me através do ar verde e fresco, estendo a mão direita, possante, e agarro um galho. Ele cede sob meu peso, mas eu me balanço num grande arco - para a frente e para baixo, tão rapidamente que mal posso respirar! A mão esquerda impede a queda e eu me balanço preso pelo comprido braço esquerdo, desprendo-me e desço...

(Olha, mãe, estou voando!).

Repouso num galho nodoso no meio de ramagem luxuriante: oculto do céu acima e da terra em baixo. Há água aqui, conservada em buraquinhos negros na madeira. E há alimento: ovos azuis em ninhos redondos e bem feitos, amoras vermelhas em trepadeiras espinhosas, favos de mel envoltos em nuvens de insetos a zumbir.

É a este lugar que o homem pertence. É aqui que ele descobre sua força. É aqui que nascem os sonhos bons.

Não há necessidade de pensar, de analisar. É só sentir, ser. O homem não está só; é uma parte de tudo que vê; compartilha da harmonia do céu infinito, da terra em for e das árvores impulsoras. Ele fica nos rios cristalinos que fluem das cadeias negras das montanhas, no fogo alaranjado das noites tépidas, no ar que sussurra acima dos capinzais ondulantes.

Adoro este lugar. Sou grato por tudo que ele é. Sou grato também por me ter sido ele oferecido, pelas Sombras do Sol que construíram tão bem nosso mundo, que o construíram para sempre...

Foi há muito tempo e foi ontem. Foi no começo e é agora.

As Sombras do Sol olharam lá de cima para Walonka e ficaram tristes por estar ele tão solitário. Saíram para fora, caminharam sobre a Orla, onde

não é noite nem dia, e lá encontraram as Sombras da Lua. Juntos, quentes e brancos, frios e prateados, dançaram sob as estrelas.

Criaram os Merdosi, nascidos do sol e da lua num abrigo de estrelas. Levaram-nos para Walonka. Deram Walonka aos Merdosi e os Merdosi a Walonka.

- Vivei sob o sol - disseram as Sombras do Sol. - Olhando para cima sabeis que estamos vigilantes. Olhando para baixo vereis nossas Sombras caminhando através da vossa terra. É assim que será, eternamente.

O sol e a lua não esqueceram. Eles nos observam sempre do céu. Os Merdosi não esqueceram. Nós honramos as Sombras do Sol e as Sombras da Lua, e conservamos Walonka tal como a recebemos.

Fomos cuidadosos...

Um sonho?

Eu sou um homem. O homem passa metade de sua vida com os olhos abertos e metade perdido em sonhos. Os dois andam juntos. O homem não pode viver sem seus sonhos e o sonho não pode viver enquanto não é posto em ação.

É bom sonhar, para me revigorar. Há sabedoria nos sonhos. Se se sonha na parte da tarde, as Sombras do Sol falam conosco. Se se sonha à noite, as Sombras da Lua falam conosco. E se se consegue sonhar na Orla...

Meus sonhos me falam sempre a verdade. Dizem-me o que tenho realmente que fazer. E o que tenho realmente que fazer é o que é direito, pois não sou um homem?

Claro, às vezes um sonho não é claro. Deve ser interpretado. Há Merdosi que são hábeis nessas coisas. E duas vezes por ano todos nós sonhamos juntos...

É perigoso mudar. Quando os antigos meios são abandonados, os sonhos ficam confusos. É difícil saber-se o que é certo.

É demonstração de sabedoria aceitar o mundo que nos foi dado. Nossa vida tem sido confortável. Cada um de nós em seu tempo repete o ciclo que leva de volta ao Início.

E entretanto...

Às vezes os sonhos são estranhos. Há sonhos de anseios, de aspirações. Há sonhos que falam de países desconhecidos. Há sonhos inquietos. Quando um homem desperta de tal sonho, sente-se infeliz, sente-se invadido por uma sensação de algo que lhe falta, de algo perdido...

É melhor ignorar tais sonhos.

É melhor conservar as coisas como elas são, eternamente.

(Não faça perguntas...).

Sou um menino.

Sempre vivi na aldeia com as mulheres e os homens idosos. Sempre brinquei ao longo do rio. Não disse nada a respeito de todos os meus sonhos às pessoas mais velhas, pois tenho vergonha. Tenho sido feliz, creio. Mas há momentos...

Vi os homens entrando na aldeia. Senti no ar a vibração. Observei, às vezes...

Observei os homens enquanto voltavam para a floresta, onde as árvores ficam imensas. Que vontade tive de ir com eles!

Minha vez está chegando. Sou quase um homem.

Eles acenderão uma grande fogueira na saliência da rocha acima do rio. Levar-nos-ão juntos para ali, quatro meninos e quatro meninas. Beberemos juntos e os mais velhos penetrarão em minha mente. Espero que não vejam tudo!

Se estivermos aptos, levar-nos-ão ao Lugar - quatro meninos e quatro meninas. Ficaremos lá sozinhos com as Sombras do Sol e as Sombras da Lua. Ficaremos sozinhos até quando não formos mais meninos e meninas.

Renna sonhou comigo. Sei que sonhou porque ela me contou. E quando for lua cheia e nós estivermos no Lugar...

Estou com medo, mas não posso mais esperar. Quero ser homem!

E mais tarde, muito mais tarde, posso entrar na grande floresta e localizar minha árvore...

Vejo-me!

Saio do céu numa coisa metálica e redonda e que aterrissa numa clareira. Entro em contato com o ar de Walonka. Espirro.

Como pareço esquisito com os braços curtos e as roupas engraçadas, agarrado em meu fuzil! Estou cheio de perguntas, cheio de cheiros estranhos. Minha mente está insensível.

Sou um estrangeiro.

Caminho em direção da floresta. Nenhuma vez olhei para cima, para o teto do mundo. Estou preocupado com esquemas, planos, subterfúgios.

Sou diferente.

Caminho em direção dos Merdosi. Sou algo novo, algo desconhecido, algo perigoso.

Que é que eu desejo, com minha mente fechada e imperturbável?

Que é que eu desejo, com minhas palavras que não passam de palavras?

Sou uma Alteração.

Tenho que ser temido; não mereço confiança Continuo avançando, avançando, avançando... "Vá embora, vá embora!" Continuo avançando, avançando... "Volte, volte!"

Continuo avançando, avançando...

"Toc-Toc"

- Quem está aí?

ESCURIDÃO!

18

Monte Stewart abriu os olhos. Ficou, a princípio, confuso. A treva vazia do esquecimento desaparecera, mas fora substituída por uma obscuridade cinzenta e descaracterizada que não era muito mais esclarecedora. Sentiu que estava em cima de uma superfície dura. Estendeu a mão e tocou na rocha. Sentou-se e ficou com o corpo inclinado. Estava atordoado e fraco, mas vislumbrou à sua direita uma nesga de luz.

Claro! Encontrava-se numa das cavernas da aldeia. Havia saído dali durante o julgamento, se é que aquela era a palavra certa para aquilo, e...

Tudo retornou num turbilhão.

Pôs-se em pé de um pulo e correu na direção da saída da caverna. Pôs a cabeça para fora, sorrindo como um idiota. A aldeia estava adormecida, adormecida e estranhamente bela à primeira luz da aurora. A cascata sussurrava e o rio serpenteante parecia uma fita de cristal. A floresta era uma sombra escura e convidativa.

Ele se encontrava na Orla, onde não era noite nem dia.

Não havia nele, agora, temor. Não havia preocupação, incerteza.

Não precisava mais fazer perguntas. Ele sabia.

(Não havia ele penetrado na mente deles e não haviam eles penetrado na sua? Conhecia a determinação dos *Merdosi* tanto quanto eles próprios).

Estava livre.

Mais do que isso, ele havia triunfado - triunfado para todos eles.

Estava verdadeiramente surpreso com o resultado, embora este fosse de certo modo inevitável. Estava surpreso e orgulhoso. Orgulhoso consigo mesmo, com seu povo, com os *Merdosi*. E sentia-se grato - grato pelo sentido que sua vida havia adquirido.

Durante toda sua vida levava consigo a convicção de que era possível um entendimento entre os homens. Durante toda sua vida acreditara que havia para os homens a possibilidade da esperança. Durante toda sua vida acreditara que a esperança não era uma palavra obsoleta. A quantos homens é dada prova mais pungente dos códigos pelos quais vivem?

O veredicto?

Não era uma coisa simples, não era uma questão de ser ou não culpado. (O que era o crime? O que era a lei?)

Era antes uma questão de aceitação.

Os *Merdosi* haviam-no aceito como um homem, como ser humano que não era de todo mau nem de todo bom. Havia aceito seu povo pelo que ele era, divisando nele um parentesco fundamental. Havia reconhecido as diferenças e haviam-nas respeitado.

Talvez tivessem preferido ignorar para sempre os habitantes da Terra. Mas os terráqueos haviam chegado. Os *Merdosi* estavam, pelo menos, preparados para que um bom resultado fosse de um pacto indesejável.

Pretendiam naturalmente dar aos estrangeiros o benefício da dúvida.

Eles amavam seu mundo do modo como ele era e entretanto eram suficientemente superiores para admitir que não eram perfeitos. Tinham ainda muito o que apreender, como os homens da Terra. Levaria tempo, e não seria fácil, mas eles estavam prontos para tentar. Não sabiam a que lugar seriam conduzidos pela nova estrada; haveria muitos sonhos novos. Mas certamente se todos os homens seguissem juntos pela estrada, a estrada seria boa...

Monte ficou muito tempo na Orla, esperando que a noite terminasse e o dia começasse. Via as estrelas, uma a uma, apagarem-se. Sentia o estrondo silencioso da aurora.

Os *Merdosi* haviam penetrado em seu coração e em sua mente e confiaram nele. Mas o que dizer relativamente ao seu próprio povo? Que é que iriam eles fazer com o mundo de *Walonka* nos anos vindouros? Podia ele confiar nos homens da Terra?

Se os *Merdosi* confiavam nos desconhecidos, não devia ele também confiar?

Mas seria necessário mais do que confiança

Muita coisa precisava ainda ser feita.

Desceu a trilha que serpenteava o rochedo e deixou para trás a aldeia adormecida. Não era preciso dizer-lhes que ia partir ou qual era seu destino; eles já sabiam. Tinha liberdade de partir, assim como seria aceito com boa vontade se quisesse ficar.

Seguiu pela margem do rio sussurrante.

No momento em que o enorme sol esbranquiçado começava a lançar sua chama além das montanhas, ele desapareceu entre as árvores da floresta que o esperava.

Quando ele atingiu a clareira, a tarde já chegava ao fim. As barracas desmanteladas continuavam ainda armadas. Os capacetes vazios das vestimentas espaciais encontravam-se no mesmo lugar onde haviam caído. Os paus carbonizados da fogueira extinta estavam intactos.

Monte tremeu, apesar do calor. Não estava sozinho ali. Estava cercado por olhos atentos, olhos dos vivos e olhos dos mortos. Sentia-se invadido por duas ondas de memórias, a sua e a dos *Merdosi*. Era ao mesmo tempo o explorador pisando uma terra estranha e desconhecida e o nativo que, assombrado, olhava e temia.

Sentou-se numa pedra para descansar e apoiou o queixo nas mãos em conchas. Na realidade, o problema era o mesmo de sempre. O problema era comunicação, o meio de chegar ao povo. Primeiro foram os *Merdosi*. Agora era seu próprio povo.

Seu próprio povo...

Invadiu-o uma intensa saudade de sua terra. Seu mundo não era aquele ali, aquele não podia nunca ser seu mundo. Sentiu falta dos quadros e dos sons que conhecia, do sol que não era uma fornalha branca cobrindo um céu estranho. Havia cumprido sua missão, não havia? Não podiam esperar mais nada dele. Faltava-lhe só avisar a nave e retornar ao lar.

Lar, a palavra mais adorável da língua - de qualquer língua! Ver a neve cintilante das Montanhas Rochosas, o verde dos vales na primavera, os livros benévolos que

enchiam as estantes de seu gabinete. Tomar uma xícara de café fumegante, dormir em sua própria cama, desfrutar de um intervalo de aula com os rapazes. E quem estava cuidando das flores que Louise plantara?

Havia ainda outras coisas. Seria famoso, não seria? Seria uma grande personalidade, um herói. Seria um sucesso, um sonho transformado em realidade. Escreveria seu próprio letreiro. Seria o homem mais importante em sua especialidade.

Levantou-se, abasteceu o cachimbo e pôs mão à obra. Recompôs as barracas, acendeu uma fogueira e preparou uma refeição. Localizou então o audiotipo e fixou-o ao lado da cama. Ajeitou a lâmpada portátil, colocou ao seu lado um suprimento de fumo e sentou-se para pensar.

Aquele ia ser o trabalho escrito mais importante de toda sua vida. E, talvez, o trabalho escrito mais importante do que qualquer outro até então feito.

Fez um esforço para se lembrar deles, daqueles pessoas a quem devia alcançar com suas palavras inadequadas.

Fez um esforço para pensar neles como indivíduos. Almirante York, o homem difícil de ser impingido. Tom Stein e Janice: não guardavam senão lembranças agradáveis dos *Merdosi*. Don King, um cínico pouco indicado para os sonhos. Mark Heideleman e o Secretário-Geral.

E havia tantos outros: políticos, repórteres, multidões de supostos especialistas.

Como teria ele próprio recebido a história dos *Merdosi* s e nunca estivesse estado em *Sírio Nove*? Imaginou-se sentado em seu gabinete na universidade, com a barba composta e limpa, olhos céticos. Viu um estudante entrar estabranadamente no seu santuário, transbordando a história maravilhosa dos *Merdosi*. Chegou quase a ouvir o sarcasmo agressivo de seus comentários...

Olhou com ar vago para o audiotipo. Pressentia, ao redor da barraca iluminada, a escuridão do mundo que o cercava. Onde estavam as palavras que pudessem contar aquela história?

Que podia ela dizer a respeito de sua ação anterior sem parecer um perfeito idiota? Como podia discorrer sobre o que havia aprendido sem parecer um bobo romântico? Como podia ele tornar claro, para todo mundo, que aquilo era uma questão de vida e de morte, uma questão de derradeira sobrevivência? Como podia ele mostrar-lhes o grande sacrifício que os *Merdosi* estavam fazendo permitindo a entrada de estranhos entre eles? Como podia ele explicar o sacrifício mínimo que seu povo devia fazer em retribuição, um sacrifício de moderação, de sabedoria, de humildade?

Podia apenas contar a história com o máximo de sua habilidade. Podia apenas utilizar as palavras frágeis que conhecia. Podia apenas confiar em que a verdade fosse suficiente.

Qual era a história que tinha para contar?

Era, na realidade, uma história simples.

Não havia super-homens primitivos. (Não era aquilo que nós secretamente almejávamos? Não queríamos nós seres semelhantes a deuses que tomassem em seus ombros as nossas responsabilidades? Não queríamos um feiticeiro benigno que brandisse sua vara mágica sobre o mundo)

Não havia animais selvagens. (Não era isso, também o que secretamente desejávamos? Um monstro perverso e amável que pudéssemos manejar, em vez dos monstros que levamos dentro de nós? Uma fera com tentáculos e olhos minúsculos sobre a qual pudéssemos centralizar todo o nosso ódio?).

Era uma vergonha. Não havia super-homens. (Livro-me de minha carga!) Não havia monstros. (Mate o feiticeiro!)

Havia apenas gente.

Estava ali apenas a história de gente que havia tomado um rumo diferente no caminho da vida, apenas uma história de seres humanos - mais avançados e menos avançados, melhores e piores. Estava ali apenas a história dos *Merdosi*, que haviam receado confiar - até aquele momento. A história de um povo pronta para ser conhecida, não ensinada. E a história da Orla, das Sombras do Sol, das Sombras da Lua e do abrigo das estrelas...

A história de como o homem encontrou o homem e o quis para amigo.

Achou que era uma boa história, uma história de esperança, uma história de inícios. Mas ele não podia escrever o fim Este cabia aos homens da Terra.

E começou a falar.

Levou dois dias para contar sua história.

Quando terminou, arrumou cuidadosamente os cilindros da máquina e o manuscrito ao lado do audiotipo. Pegou o caderno de notas e colocou-o em cima da pilha de cilindros. Não havia ocultado nada, nada fora esquecido.

Tão logo chegou o momento apropriado, pediu, pelo equipamento de rádio portátil, a esfera de reconhecimento. Lá estava ela, conforme fazia todos os dias àquela hora, esperando seu chamado.

Falou rapidamente, explicando a Ace o que havia feito e onde se encontrava o material. Disse-lhe o que pretendia fazer e que se achava em perfeitas condições físicas. Fez alguns pedidos: fumo, alimento, roupas. Em seguida cortou a ligação. Não pôde suportar a voz áspera de texano de Ace; lembrava-o demais a Terra.

E ele ainda não podia voltar.

Ele não devia voltar à Terra nunca mais.

Sabia que se voltasse à nave estaria perdido. O Almirante York jamais permitiria que ele retornasse à *Walonka* e de modo algum o deixaria ficar ali se tivesse algum modo de impedir. Além disso Monte sabia que seria persuadido com facilidade. Uma vez dentro da nave não seria difícil convencer-se de que não era necessário ali, de que sua missão estava cumprida.

E claro que não estava. Sua missão apenas começara. Não era suficiente estabelecer alegremente contato com um povo. O que era necessária era uma ponte, uma ponte de simpatia e compreensão. Ele teria que ser essa ponte. Não havia outra.

Algum dia as naves da Terra voltariam ali.

Ele tinha que estar preparado.

Mudou a roupa e encheu os bolsos com fumo. Não quis mais nada. Abandonou a barraca, atravessou a clareira e penetrou na floresta escura.

Não olhou para trás.

Havia dentro da floresta espaços abertos de onde se via o céu azul, mas ele desviava o olhar. Não queria ver a esfera cinzenta descer. Não queria pensar na nave distante que constituía seu último elo com a Terra.

Encaminhou-se para a árvore de tronco oco, onde o velho *Volmay* estaria esperando.

Tiveram muitos sonhos juntos.

DEPOIS DO INÍCIO

Passaram-se quatro anos.

Foram anos longos e atarefadíssimos. Monte, preso às teias de uma cultura, podia muito bem imaginar o que estava acontecendo na outra. A nave espacial teria levado onze meses para alcançar a Terra. Ela precisaria mais onze meses para voltar. Portanto, o povo da Terra dispusera de dois anos e mais alguns meses para decidir.

No curso dos acontecimentos, como haviam chegado a uma decisão? Com cartas, editoriais e debates públicos? Ou através de discussões secretas nas Nações Unidas?

Bem, isso não importava.

Os homens da Terra tinham que voltar, isto era certo.

Mas como eles viriam e com que propósito...

Isto, outra vez, era alguma coisa mais. Esta foi a preocupação que martirizou Monte durante muitos dias e muitas noites.

Foram quatro anos estranhos. Houvera excitação, a emoção experimentada na exploração de uma civilização nova e desconhecida. (Ele sabia já o que eles haviam sentido, os homens que primeiro viram as ruínas dos Maias, os túmulos ocultos do antigo Egito, os xamãs esquimós nas longas noites do Ártico!). E houvera a solidão, a solidão excepcional que o homem conhece quando é isolado dos de sua espécie. Ele jamais poderia ser uma parte do modo de vida dos *Merdosi*; estava separado deles por anos de experiências estranhas. Sentia saudade dos quadros e dos sons da Terra e entretanto não era, havia muito, propriamente um homem da Terra.

A mudança era sempre difícil.

Havia feito novos amigos e *Volmay* especialmente era um homem tão extraordinário como qualquer outro que já havia conhecido. Mas Monte perdeu os velhos amigos, os homens e as mulheres que haviam partilhado com ele a outra vida. A perda de Louise era uma dor constante dentro dele.

Talvez estivesse apenas ficando mais velho. Estava chegando à idade em que o homem busca um retorno, um elo com o passado, uma completação do círculo da vida.

E houvera uma crise de verdade.

Ela lhe parecia muito clara naquele momento e ele se perguntava se não havia pensado nela antes. Ela fazia parte da situação. Quando os *Merdosi* penetraram em

sua mente, viram mais do que sua personalidade, mais do que uma meditação sobre seu povo. Viram a possibilidade de sua própria destruição - e descobriram um novo tipo de conhecimento.

Artefatos, para eles, foram sempre uma espécie de confissão de fraqueza. Mas não podiam deixar de admitir sua própria fraqueza diante dos homens da Terra. Eles admitiam as vantagens das armas, da mesma forma que Monte admitia as vantagens de um técnico de projeções emocionais. Combinadas as duas, ter-se-ia uma defesa ilimitada.

No caso de qualquer eventualidade...

Alguns dos *Merdosi* mais jovens começaram as experiências. Eles eram capazes de desviar milênios através do meio de sua mente. Claro que era absurdo imaginar que eles podiam fazer um míssil com uma ogiva nuclear, pois ele próprio, Monte, não podia fazê-lo. Mas arcos e fechas eram, outra vez, alguma coisa mais.

Era uma coisa comovente, mas trazia em si as sementes da destruição, e tornava a situação simplesmente mais perigosa. Uma fecha mata tanto quanto uma bomba ou uma bala. E naquele momento uma morte não era mais que um convite à desforra. Se aquilo acontecesse, toda a vida de Monte ficaria reduzida a um gracejo irônico.

Quatro anos estranhos e atormentados...

Foi com emoções confusas que Monte observou, certo dia de primavera, a aproximação da nave.

A nave monstruosa enchia o céu, cobria o sol, sem qualquer tentativa de ocultar-se.

(Uma exibição de força?).

Esferas de aterrissagem soltaram-se da nave e começaram a descer.

Monte contou vinte. Elas cintilavam como bolhas sinistras na luz solar.

Aterrissaram.

Com o coração parado, Monte viu os soldados pularem para a terra.

Formaram-se em pequenas fileiras, como soldados de brinquedo numa parada. Atrás deles, num invólucro protetor, encontravam-se seis homens não uniformizados. Esta particularidade era, pelo menos, animadora. Monte teria dado tudo por um binóculo de campanha.

Volmay esboçou um sorriso cansado.

- Vieram libertar você dos monstros, meu amigo.

- Parece.

- Que vamos fazer?

- Quer ir falar com os outros homens, *Volmay*? Diga-lhes que estejam preparados. Diga-lhes que tenham paciência. Diga-lhes que houve um mal-entendido.

- Farei isso. E você?

Monte sacudiu os ombros.

- Se eles estão com o firme propósito de fazer isso, creio que irei até eles para que me libertem.

- Sozinho?

- Seria o melhor meio, creio.

- Ouvirão o que você tem a dizer?

- Sim, ouvirão. A menos que estejam preparados para atirar quando me tiverem sob a mira.

- Promete tomar cuidado?

- Sim.

- Desejo-lhe boa sorte. Estaremos esperando.

Monte cerrou os punhos e apertou o cachimbo vazio entre os dentes.

Saiu do abrigo das árvores e começou a atravessar o campo em direção dos soldados.

Os soldados viram-no aproximar-se. Permaneceram em forma, protegendo os seis civis.

Monte aproximou-se, com o sangue fervendo. Pôs as mãos nas cadeiras, suspirou fundo e expectorou pelo canto da boca. Ficou imóvel, olhando-os de cima abaixo: magro, esfarrapado, barbado, de olhar frio e duro.

- Vão pro inferno e saiam da minha frente - disse ele diplomaticamente.

Um dos soldados espirrou.

Um coronel avançou.

- Procure ser razoável, senhor. Sabemos que realizou muita coisa, mas temos determinações a seguir...

- Ótimo! - Monte nesse instante começava a ficar mais furioso. - Se eu puder fazer uma frase, coronel, não precisaremos lançar mão desta loja chinesa de seus disparates. Não é melhor falarmos francamente? Os *Merdosi* estão lá atrás nas árvores, observando todos os movimentos de vocês. Neste momento estão observando como amigos. Ou melhor, eles confiam em nós. Mas o senhor tem que tirar estes soldados daqui.

O oficial enrubescceu. Fez um esforço para salvar sua dignidade, mas um espirro pegou-o desprevenido.

- Tenho ordens...

- Espere um momento, por favor. - Um homem baixo em trajes civis avançou por entre a fileira de soldados. Seu cabelo estava mais escuro, mas os olhos sorridentes eram os mesmos.

- Monte, é mesmo você?

- Bob! - Monte riu e abraçou-o pelo ombro. - Bob Cotten! Meu Deus, a última vez que vi você...

- Nas conferências tríplices, em Denver, não foi? Já faz tanto tempo.

Você parece um fantasma, homem. Que é que eles lhe fizeram?

- Bob, você tem alguma autoridade aí com eles?

Bob Cotten sorriu constrangido.

- Bem, sou o novo antropólogo encarregado de estabelecer contato com os nativos. Creio que estou ocupando seu antigo cargo.

- Por dois centavos eu permitiria que você começasse do começo. Estou contente por ver você, rapaz! Você não pode tirar esse exército daqui? Tudo vai indo bem e não devemos fazer confusão agora.

- Tem certeza?

- Claro. Quer que eu assine uma triplicata?

- Não será necessário, Monte. Para mim sua palavra é suficiente. Mas você terá que falar com os chefões.

- Quem é que veio com você? Os maiores?

- Eles propriamente não. O Secretário-Geral enviou uma comissão de cinco homens. Eles têm uma designação esquisita, algo parecido com Relações Extraterrestres, que soa de modo altamente imoral, mas são boas pessoas. Um de cada país - Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, China e Índia. Não lhe criarão nenhum obstáculo, uma vez que você se submeta a eles. Mas do jeito que as coisas estão dispostas aqui, é compreensível que ninguém queira se arriscar.

- Já lhe disse que aqui tudo está bem. - Monte voltou-se para o homem fardado. - Se o coronel quiser fazer a gentileza de afastar-se...

O oficial estendeu-lhe a mão.

- Claro, senhor. Alegra-me vê-lo de volta, Dr. Stewart.

Monte apertou-lhe a mão.

- Lamento ter sido tão ríspido, coronel. Aceita beber um trago comigo mais tarde?

O coronel espirrou e procurou sorrir. - Creio que vou precisar.

Bob Cotten conduziu-o até onde se encontravam os cinco homens.

Todos eles sorriam cordialmente.

Monte sentiu que seus ombros se livravam de uma pesada carga.

Ele quase sucumbiu aos gritos.

Tudo se encaminhava para uma solução perfeita.

Algumas horas depois, naquela mesma tarde, a primeira reunião teve lugar entre os dois grupos. A mesma se realizou numa pequena clareira na floresta, não muito distante da árvore de *Volmay*.

Em seu aspecto geral, a reunião não foi muito dramática. Ela não teria, numa peça de teatro, feito boa figura, fosse qual fosse a música de fundo. Na verdade, pensou Monte, apenas duas pessoas capazes de sentir a grandeza do acontecimento haviam ficado nos dois mundos.

Ele era um; *Volmay*, o outro.

Estavam naquele momento na orla, abandonando alegremente o palco. Mas ambos perdidos em recordações. Pensavam na outra reunião que havia ocorrido, conforme os mundos contam o tempo, ainda ontem, e entretanto ocorrera havia uma eternidade em alguma era distante e perdida...

Volmay havia ficado ali, imóvel, cheio de medo, e a fera surgira, caminhando sobre as folhas.

Monte dirigira-se a ele, com a carne numa mão e as cerejas na outra.

- Monte - dissera ele, apontando para si mesmo. Isso acontecera apenas ontem, mesmo como os mundos contam o tempo?

Tudo agora era tão fácil.

Monte conduziu Bob Cotten e a comissão das Nações Unidas à clareira. Havia deixado os soldados para trás e apresentaram-se desarmados. Os homens dos *Merdosi* ficaram esperando, com seus arcos e suas flechas guardados entre as ramagens.

Um dos *Merdosi* avançara e apertara a mão do representante da Índia, sorrindo feliz por estar exibindo seu conhecimentos dos hábitos da Terra.

- É bem-vindo entre meu povo - disse ele em inglês.

- Viemos com propósitos de paz - disse o indiano, articulando com orgulho a frase que decorara no idioma dos *Merdosi*. (Os discos de Charlie conservados na nave haviam sido bem utilizados). - Quero apresentar-lhe meus amigos.

Simples.

Nada de extraordinário.

Monte olhou para *Volmay* e o velho, com ar solene, piscou-lhe o olho.

Aquela noite Monte dormiu só em sua barraca. Não estava em condições de sentir o aço da nave à sua volta. Do lado de fora, a pequena fogueira ardia contra a escuri-

dão do mundo silencioso e imóvel.

Uma brisa, leve começou a soprar, sussurrando através das árvores sua canção que falava de rios prateados, capinzais adormecidos, montanhas longínquas. Uma lua amarela e redonda flutuava na orla da floresta negra.

Talvez as Sombras da Lua tenham falado com ele enquanto dormia - quem sabe?

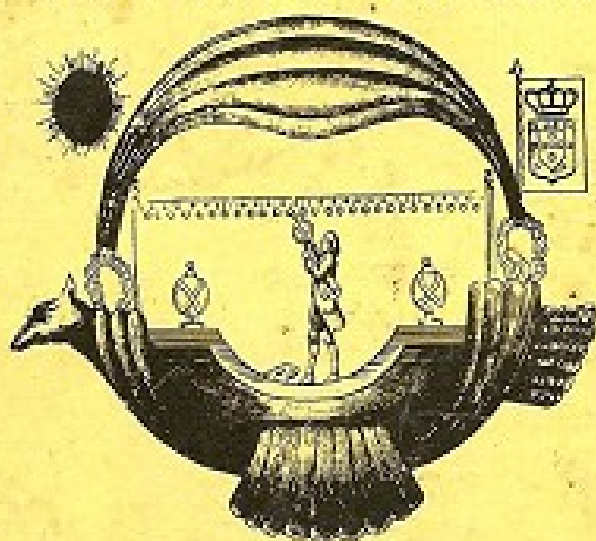
Pois os sonhos retornaram como já haviam vindo antes para dentro da barraca naquela clareira. Os sonhos voltaram, mas desta vez foram sonhos diferentes: os sonhos bons que chegam quando o homem terminou seu trabalho e está só.

Monte Stewart sorria enquanto dormia.

Estava tendo o melhor dos sonhos, o sonho de uma promessa mágica, o sonho do retorno ao lar.

Prêmio Bartolomeu de Gusmão

"Já existe uma ficção científica, e boa, feita por autores brasileiros", disse, de certa feita, o crítico Antonio Olinto, através das páginas de "O Globo". E objetivando um maior desenvolvimento para o gênero, o



editor GRD e o livreiro Adonis Chaves, de comum acôrdo, decidiram lançar o "Prêmio Bartolomeu de Gusmão", para o *melhor romance de ficção científica*, no valor de Cr\$ 300.000,00 ao vencedor e mais a publicação do livro.

Os originais deverão ser inéditos, de autor brasileiro e deverão ser entregues entre 1º e 30 de julho de 1964, na rua Alcindo Guanabara, 25, conjunto 404, Rio de Janeiro, Guanabara. Este é um concurso que deverá se realizar anualmente, podendo as suas bases, entretanto, por motivos diversos, vir a ser modificadas. O lançamento do livro premiado será feito no final do ano respectivo.



UMA INICIATIVA



PARA O MAIOR DESENVOLVIMENTO DA
LITERATURA BRASILEIRA